



## **Biblioteca Breve**

SÉRIE LITERATURA

A BÍBLIA NA LITERATURA  
MEDIEVAL PORTUGUESA

COMISSÃO CONSULTIVA

JACINTO DO PRADO COELHO  
Prof. da Universidade de Lisboa

JOÃO DE FREITAS BRANCO  
Historiador e crítico musical

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA  
Prof. da Universidade Nova de Lisboa

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL  
Escritor e Cientista

DIRECTOR DA PUBLICAÇÃO  
ÁLVARO SALEMA

MÁRIO MARTINS

# A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

*Título*

A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa

---

*Biblioteca Breve / Volume 35*

---

Instituto de Cultura Portuguesa  
Secretaria de Estado da Cultura  
Presidência do Conselho de Ministros

---

© Instituto de Cultura Portuguesa  
Direitos de tradução, reprodução e adaptação,  
reservados para todos os países

---

1.<sup>a</sup> edição — 1979

---

*Composto e impresso*

nas Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand  
Venda Nova — Amadora — Portugal

Abril de 1979

## ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	6
I — Traços bíblicos das <i>Cantigas de Santa Maria</i> .....	11
II — A Bíblia nas cantigas de amigo, de amor, e de má- língua .....	14
III — A pregação do século XIII .....	18
IV — <i>Corte Imperial</i> .....	42
V — Do <i>Horto do Esposo</i> , da Bíblia e da maneira de a ler e meditar .....	45
VI — A Bíblia no <i>Livro da Montaria</i> .....	54
VII — Do <i>Leal Conselheiro</i> e do <i>Livro de Cavalgar</i> .....	58
VIII — <i>O Livro da Virtuosa Benfeitoria</i> .....	63
IX — A Bíblia nas crónicas de Fernão Lopes .....	67
X — <i>Crónica da Tomada de Ceuta</i> .....	73
XI — Frei João Álvares .....	78
XII — <i>Horas da Confissão</i> .....	83
XIII — Poesia Religiosa do Século XV .....	87
XIV — O <i>Boosco Deleitoso</i> sob o signo do <i>Cântico dos</i> <i>Cânticos</i> .....	92
XV — Leituras bíblicas, estilo e hebraísmos .....	98
XVI — A Bíblia aos quadradinhos .....	106
XVII — A Bíblia no <i>Cancioneiro Geral</i> .....	111
NOTAS .....	118
BIBLIOGRAFIA.....	128

## INTRODUÇÃO

«A *Primeira* Epístola aos Coríntios...  
*Relia-a à luz de uma vela subitamente antiquíssima,*  
*E um grande mar de emoção ouvia-se dentro de mim...»*

E Fernando Pessoa termina: «Meu Deus, e eu que não tenho caridade!» Séculos atrás, meditara Camões o salmo 136, marcado pelo exílio: «Junto dos rios de Babilónia, ali nos sentámos e pusemos a chorar, / lembrando-nos de Sião.» E Camões escreveu para a eternidade: «Sôbolos rios que vão / Por Babilónia, me achei, / Onde sentado chorei / as lembranças de Sião.» O seu exílio não era só dele ou do seu povo. Era o exílio essencial de todos nós — um exílio por dentro.

Antes dele, viera a Idade Média e Gil Vicente, tão marcado pela Escritura que, na *Barca da Glória*, podemos seguir o *Livro de Job*, a passo e passo. Até D. João de Castro, numa obra de marinhagem como o *Roteiro do Mar Roxo*, depois de examinar cuidadosamente o fluxo e refluxo das águas, na enseada de Suez, nega que a cavalaria egípcia pudesse ali morrer, apanhada pela maré-cheia, quando seguia no encalço dos hebreus. E D.

João de Castro mostra que leu os comentários deste passo da Bíblia.

Para aquém e para além do teatro neo-clássico e dos grandes exegetas portugueses (entre eles o dominicano Frei Luís Sotomaior, nos seus comentários ao *Cântico dos Cânticos*), vemos o grande rio da nossa literatura, até ao séc. XIX, a prolongar-se depois no *hic et nunc* da vida portuguesa. E sentimos a Bíblia nas suas entranhas, mesmo quando a não enxergamos à tona da água.

De facto, Camilo Castelo Branco rezava o breviário na Samardã, com o padre que lhe ensinara latim, e mais tarde verteu em português os salmos penitenciais. Herculano tem a tónica dos profetas que amaldiçoam os desvarios do povo. João de Deus, entre outras coisas, pôs em versos portugueses o *Cântico dos Cânticos*, com um aviso cauteloso de S. Paulo: «Para os corações puros, tudo é puro.» Urbano Tavares Rodrigues, nos *Ensaios de Escrever*, fala-nos da tradução directa do *Cântico dos Cânticos*, por Samuel Schwarz, e refere-se à presença daquele epitalâmio bíblico em Pessanha, Antero de Quental e Cândido Guerreiro. Sob este aspecto, já se escreveu sobre Teixeira de Pascoaes. E de Eugénio de Castro temos Salomé e a figura agreste de S. João Baptista, «moreno, côr de bronze, os cabelos crescidos». E quem não se lembra de A. Correia de Oliveira e do farto e claro regato bíblico de tantos dos seus livros? Por fim, da obra de Miguel Torga, emerge, como dum planalto, *O outro Livro de Job* — um Job a quem Deus ainda não se abriu de todo, mas irmão autêntico do que nasceu na Terra de Hus: «Injustamente, Senhor, injustamente / a fúria do teu açoite / me corta pela raiz...»

E a Bíblia nas famílias?... António Pereira Marramaque, no final de Quinhentos, num *Diálogo entre o gallo e outro animal*, a propósito do versículo 8 do salmo 18, tinha razão em protestar contra a proibição da Bíblia em português. Sabemos que nos sermões e livros de ascese citavam a Sagrada Escritura no virar de cada folha. Os salmos andavam, em quantidade, nos *Livros de Horas* em português. Os salmos e trechos bíblicos, nos ofícios de Nossa Senhora, de defuntos, etc. Não era, porém, a mesma coisa.

Uma família de humanistas, como a de Tomás Moro, preferia a Bíblia em latim e liam-na à mesa. Não muito. Um trecho, seguido por algumas perguntas e explicações — o bastante para instruir e o suficiente para não cansar. Mas outros optavam pela Bíblia «em romance». E quando os colonos partiam para a Nova Inglaterra, a começar pelos *Pilgrim Fathers*, na viagem tempestuosa de 1620, no *Mayflower*, cada família dizem que levava consigo uma Bíblia e um machado. Do machado, não duvidamos, para abrir caminhos, construir casas e rachar lenha. Da Bíblia, julgamos que sim, em geral. E muitas delas, pelo menos, andavam de preferência em inglês. Não se tratava de humanistas, e as crianças precisavam de ir aprendendo. E foi a Bíblia que *aguentou* o cristianismo dos colonos, ao longo das gerações.

Sem isto, não compreenderíamos uma passagem de Steinbeck, ao falar dos Hamilton, uma família de irlandeses com uma ranchada de filhos. Para a mãe Lizza e para o pai Samuel, a Bíblia dava-lhes uma visão compreensiva do mundo e do homem. Mãe Lizza lia, pois, a Bíblia. E esta, «só por si, era história e poesia, conhecimento do mundo e das coisas». Lia-a simplesmente. E quando o marido falava com certo rapaz



desgraçado e cheio de ódio contra o irmão, perguntou-lhe se não lera, na Bíblia, a história de Caim e Abel. E o outro confessou que não tinha Bíblia nenhuma. «A de minha família ficou no Connecticut». Então, Samuel pegou na Bíblia que ali tinha à mão e contou o crime de Caim e de como fugira e fora habitar «no país que está a leste do Paraíso».

A Bíblia ajudou, pois, a forjar a América. E forjou-nos também a nós — e a toda a Idade Média. Talvez perguntem porque não metemos, aqui, o pequeno discurso de recepção aos conquistadores de Santarém, todo ele entretecido de fios bíblicos: «Cantemos ao Senhor», irmãos caríssimos, cantemos ao Senhor com adufes e em coro, louvemo-lo com instrumentos de cordas e órgãos, pois é com voz de alegria que celebramos o triunfo em que Deus pôs, debaixo de vós, os adoradores de Maomé. Escolheu ele, para nós, uma preciosíssima herança!

Tirante os «adoradores de Maomé», o resto vem dos salmos, ou pouco menos. Teríamos, porém, de atender igualmente à narrativa do rei e, mais adiante, aos discursos do bispo do Porto e do arcebispo de Braga, dirigidos aos cruzados e às tropas que assaltaram as muralhas de Lisboa. Iríamos demasiado longe. Além disso, deveríamos meter, igualmente, a hagiografia em latim do séc. XII, por exemplo a simpática *Vida de Santa Senhorinha*, cheia de Sagrada Escritura e com uma bela citação do *Cântico dos Cânticos*. Ora, um livrinho de cem páginas, mas com uma envergadura de três séculos, não pode levar tudo, à maneira da Arca de Noé. Largámos algo do que sabíamos, embora não soubéssemos tudo. E calámo-nos — como um viajante que transporta embrulhos a mais e deixa alguns em casa.

Diz Fernando Pessoa: «Grandes são os desertos, minha alma!» É verdade. Grandes são os desertos e longos os caminhos da história-por-fazer, apesar de a obra ser pequena. Ou talvez por isso mesmo! De modo que repetimos a súplica de «Álvaro de Campos»: *Basta por hoje, gentes!* E que o livro siga adiante, como aquela criança levada pelas águas, numa arquinha bem calafetada e um pergaminho a declarar: «Este é Amadis Sem-Tempo, filho de rei.» Não, este livro não é filho de rei nenhum. Mas tem muito duma criança nas ondas incertas. E será o que Deus quiser.

I / TRAÇOS BÍBLICOS  
DAS *CANTIGAS*  
*DE SANTA MARIA*

«Não feches a boca dos que cantam  
em teu louvor»

(Esth. 13, 17)

A Bíblia vai desde o *Génesis* até ao *Apocalipse*, quer dizer, desde o começo do mundo até ao fim dos tempos. Ora, nas *Cantigas de Santa Maria*, detectamos algo dessa distância enorme, umas vezes em referências breves, noutros casos em paráfrases poéticas. Assim, temos uma cantiga em torno da saudação *Ave, Maria!*, em que D. Afonso X, o Sábio, estabelece o contraste entre *Eva* e *Ave!* A primeira significa a mãe de perdição, embora mãe dos homens. A segunda reporta-se à saudação do anjo a Nossa Senhora, mulher de salvação e mãe dos homens, também ela. Palavras opostas, até na ordenação das letras!

De passagem, ou com maior desenvolvimento, este pensamento das duas mães, uma de perdição e outra de salvação, obriga-nos a recuar ao Paraíso Terreal e à promessa de Deus, no *Génesis*, ao ameaçar a serpente: «Uma mulher te esmagará a cabeça.» Por isso, Afonso X exclama: *Deus te salve*, gloriosa rainha! Ela, mais do que

Eva, é a mãe de nós todos. Num caso, pelo menos, vemos ao encontro a paráfrase em verso da ave-maria de então, isto é, só a primeira parte da ave-maria de agora. Nem falta um acróstico em louvor do nome da Virgem Maria <sup>1</sup>.

A criação do mundo, a profecia da mulher salvadora, os Reis Magos, a fuga para o Egipto, a última ceia, o milagre das bodas de Caná, a ascensão do Senhor, todos estes passos bíblicos vão aparecendo, por extenso ou meramente aflorados <sup>2</sup>.

Há dois milagres de Nossa Senhora, pelo menos <sup>3</sup>, imitados do evangelho. Um deles, mesmo bastante: — Numa aldeia perto de Palência, pela festa da Assunção, corriam-se touros. O povo cantava e, em grandes caldeirões, coziavam carne para dar aos pobres. Por fim, acabaram por beber, no banquete, uma *cuba* inteira de vinho e puseram-se a rezar a Santa Maria, para que desse mais. E certo homem bom reparou depois na cuba «e achou-a toda chã / e a todos la mostrou». Choravam e riam de prazer, jurando «que nunca atal beveran» um vinho assim tão bom <sup>4</sup>. Estamos, por assim dizer, em plenas bodas de Caná.

Até no milagre da mulher de Santarém aparece, a talho de foice, a pesca do peixe pelo apóstolo S. Pedro, com a moeda lá dentro <sup>5</sup>. E assim por diante. A vida é uma batalha — aqui temos uma expressão do *Livro de Job*. Contudo, é a invocação bíblica de *estrela da manhã* que mais avulta nestas páginas <sup>6</sup>.

O evangelho traz *bendita és tu*, na saudação do anjo a Nossa Senhora. Afonso X aproveita a frase e, mais de trinta vezes, repete *bendita* ou *benta*, numa das suas cantigas <sup>7</sup>. Benta em tudo e por tudo: Benta és, Maria, filha e mãe de Deus... Benta foi a hora em que foste

gerada... Bento o dia em que nasceste... Bentos os panos em que te embrulharam... Benta a «teta» em que mamaste... Benta a água em que te banhaste... Benta a casa em que moraste... Benta a cadeira em que fiavas...

Rosa das rosas, flor das flores, dona das donas, senhora das senhoras, são frases inspiradas no estilo da Bíblia <sup>8</sup>. E a expressão «madre de fremosura» <sup>9</sup> lembra-nos a frase do *Eclesiástico*: «eu sou a mãe do amor formoso» (24, 24). Vara (*virga*...) de Jessé deriva da profecia de Isaías, bem conhecida: «E sairá uma vara da raiz de Jessé», profecia esta de ampla repercussão na arte religiosa, inclusive nas gravuras dos *Livros de Horas*. Enfim, nomeia-se Judas Macabeu como tipo do herói <sup>10</sup>, uma espécie de Roldão bíblico.

A Virgem Maria ensina milagrosamente «o Testamento das Escrituras» a um pegureiro analfabeto. E ele «as Escrituras soube e latim mui ben falar» <sup>11</sup>. Enfim, temos a lenda poética do monge e do passarinho <sup>12</sup>. Não sabemos quando, a lenda também se fixou em Vilar de Frades. Mas o monge, neste caso, mergulhou na sua meditação ao rezar o versículo do salmo 89: «Mil anos, diante dos teus olhos, são como o dia de ontem, que passou.» <sup>13</sup> Ao menos aqui, é um salmo o ponto de partida para um «milagre» que nos põe em contacto com a relatividade psicológica do tempo.

## II / A BÍBLIA NAS CANTIGAS DE AMIGO, DE AMOR E DE MÁ LÍNGUA

«*Há tempo de amor, e tempo de ódio*»

(Eccl. 3, 8)

Procurar água no deserto lembra-nos a busca da Bíblia nos cancioneiros galaico-portugueses. Nessas páginas, tantas vezes agrestes, a Bíblia faz-nos pensar num santo perdido numa feira.

Ainda assim, D. Afonso X, o Sábio, numa cantiga satírica, refere-se à Páscoa e à Paixão do Senhor, lida na missa. E, no final de todas as maçadas litúrgicas, não falta o *seculorum amen*, hebraísmo de uso eclesiástico que vem, por exemplo, no salmo 83: «in *saecula saeculorum* laudabunt te». Estamos no *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 73. Um voo grande para a cantiga 1088, «de mal dizer», libelo temível de Airas Pérez Vuitoron, contra os que traíram D. Sancho II, de Portugal. Emprega ele frases em latim, de vez em quando, aprendidas na Sagrada Escritura: «quen tu legares en terra / *erit ligatum in celo*». O que tu, Pedro, ligares na Terra, ficará ligado no Céu! E pouco adiante: *pugnate cum serpente*, isto é, lutaí contra a serpente.

Não é a Bíblia à letra, mas o fruto que dela nasceu; e lembra-nos o *Gênesis*, ao falar da mulher que um dia esmagará a cabeça da cobra. Ou então, é a influência de S. Paulo e, sobretudo, do *Apocalipse*. Na verdade, conta ele que o dragão perseguia a mulher coroada de estrelas e o Menino. E S. Miguel travou batalha com o dragão. Temos ainda um versículo da primeira carta de S. Pedro (5,9): «Resisti [ao diabo], fortes na fé.» Na Idade Média, serpente, diabo e dragão tinham, por vezes, o mesmo significado. E mais frases bíblicas lemos ainda no libelo de Vuitoron: «Recebereis cento por um»; «mete a espada na bainha»; «as agudas setas do poderoso» (*Ps.*, 119,4). Estão em latim e pertencem à Bíblia, usada aqui ironicamente.

Porém, talvez seja a cantiga 345, de João de Guilhade, que mais influenciada nos parece pelo espírito do *Gênesis*, através desta frase: *et vidit Deus quod esset bonum*. E Deus viu que tudo era bom:

Quer'eu, amigas, o mundo loar,  
por quanto ben mi nostro Senhor fez:  
fez-me fremosa e de mui bon prez  
.....

Fez Deus que eu muito gostasse do meu «amigo». Deus criou o Paraíso e os amigos que nesta vida há. Por isso, amigo, grande é a minha felicidade, neste mundo. Claro, desejo ir para o Céu, após uma boa morte. Contudo, enquanto estivermos neste mundo, mal haja quem dele não goste!

Passando a outro poeta, não esqueçamos «*Vidal, o Judeu d'Elvas*, posto que nada saibamos da sua posição social.»<sup>14</sup>. Pertencem-lhe duas cantigas do mesmo cancionero, 1138 e 1139, em louvor duma judia. O poeta

sofre como *cervo lançado* para fora da *companha das cervas* — e tudo pela *muy fremeosinha d'Elvas*.

Ora, o *Cântico dos Cânticos* compara precisamente o enamorado a um cervo: «O meu amado assemelha-se a uma cabra montês e a um veadinho.» E no *Gênesis* (49,21): «Néftali será qual veado despedido e pronunciará belas palavras.» No caso presente do Judeu de Elvas, as belas palavras são, quanto a nós, os seus versos, nascidos do seu doloroso amor.

Em Pero Meogo, os versos centram-se em torno da fonte e dos veados que lá vão beber. E também das moças e amores ligados à «fria fontana» das cantigas 789-797. Leodegário A. de Azevedo, em *As Cantigas de Pero Meogo* (Rio, 1974), liga a simbologia erótica do cervo e da fonte à sobrevivência inconsciente da tradição galaica pagã, a que já se refere S. Martinho de Dume. Parece-nos mais aceitável a influência antiga do *Cântico dos Cânticos* e dos salmos. Sem negarmos de todo a tese folclórica, julgamos de importância a insistência de F. Valverde em ligar o tema ao versículo salmódico: «Assim como o cervo deseja a água da fonte, assim te deseja, ó Deus, a minha alma.» Era vulgar a adaptação de textos de amor sagrado a textos de amor profano (lembremo-nos dos goliardos) e vice-versa. Além disso, tais palavras entravam na restante corrente bíblica, subjacente na alma de Pero Meogo, sobretudo se este fosse monge, conforme a hipótese de Carolina Michaëlis de Vasconcelos<sup>15</sup>. Não estranhemos, pois, ver a amiga exclamar, na cantiga 791: «Tal vay o meu amigo / con amor que lh'eu dey / come cervo ferido / de monteyro del rey.»<sup>16</sup>

A Sagrada Escritura, sobretudo ouvida nos sermões e lida pelos clérigos nas cerimónias e na reza litúrgica, ia penetrando a alma de alguns. «Um jogral galego-leonês,



Affonso Gomes de Sarria, alude à verde velhice do Mathusalém português e aos seus filhos barbados.» Chamava-se Martim Moxa, esse Matusalém. Por sua vez, na cantiga 1013, D. João Soares Coelho fala-nos do Anticristo e do fim do mundo, a propósito da invasão dos tártaros e doutras desgraças. E na cantiga 473, do mundo às avessas, como diria Segismundo Spina, sentimos soprar uma aragem do *Apocalipse*, acerca da bem-aventurança dos que já morreram.

Tinham prometido um alão e dois sabujos ao conde D. Pedro de Portugal. E ele, desanimado, escreve na cantiga 1041: Talvez mos dêem quando vier o Messias, ou quando chegar o Anticristo! Enfim, Pero Garcia Burgalês parodia a *morte de amor*, na cantiga 988: Que ninguém se assustasse! O poeta de quem ele falava (e que morrera de amor) «resurgiu depoys, ao tercer dia». Isto não chega para fazer deste serventês uma poesia de inspiração bíblica. Mas são alusões bíblicas, um roçar de asa.

### III / A PREGAÇÃO NO SÉC. XIII

«Ao princípio era a Palavra»

(Joan. 1, 1)

Seria preciso ler Beryl Smalley, em *The Study of the Bible in the Middle Ages* (Oxford, 1941), para compreendermos a presença bíblica na formação da Idade Média. Só ela era a Palavra. O resto eram palavras.

Lúis Gonzaga da Fonseca escreveu páginas substanciais sobre *La Sacra Scrittura negli Scritti di S. Antonio*. E R. F. Bennett, em *The Early Dominicans* (Cambridge, 1937), dedicou dois capítulos sugestivos à pregação e aos sermões dominicanos. Dizemos isto por causa de Frei Paio de Coimbra, contemporâneo de Sto. António <sup>17</sup>, que aliás Bennett desconhecia.

Era uma arte difícil, a pregação. Sto. Isidoro de Sevilha, pelos começos das *Sentenças*, traz sete regras para bem compreender a Sagrada Escritura, sem a qual era inútil falar ao povo. Por sua vez, Frei Paio, num sermão de Nossa Senhora <sup>18</sup>, tomou para texto as palavras de Jacob a José («já morrerei contente, pois vi o teu rosto») e

observa que nos vai dar primeiro o sentido *histórico*. Depois, o sentido *alegórico*. A seguir, o sentido *tropológico*. E finalmente, o sentido *anagógico*. O sentido histórico equivalia praticamente ao sentido literal de agora. No sentido alegórico, as palavras de Jacob significavam as do velho Simeão, ao ver o Messias esperado. No sentido tropológico, simbolizavam a exclamação do justo «arreatado na contemplação do Filho de Deus». Quanto ao sentido anagógico, tais palavras anunciavam a Simeão o fim dos seus trabalhos, «contemplando já o rosto de Cristo».

## 1 — *SANTO ANTÓNIO*

Mal imaginamos a flexibilidade maravilhosa da Bíblia, fora dos manuscritos mortos, muitos deles simples esquemas e sugestões de ideias. Um pregador de raça utilizava-se dela à sua maneira — e até ao gosto do público. Com efeito, escreve Sto. António que recorre bastas vezes à história natural, por o público de então assim lho exigir. Mas isto não o impedia de comentar ao povo o *Cântico dos Cânticos*.

Já se vê, cada qual tinha o seu estilo e até o assunto impunha uma utilização escriturística diferente. Sto. António e Frei Paio de Coimbra, cada um deles pregava a seu modo. O dominicano, após o texto bíblico com que abria os seus panegíricos, ia narrando, ponto por ponto, a vida e milagres dos santos. E a Bíblia adaptava-se depois a cada um destes passos hagiográficos. Por seu lado, Sto. António, mais do que Frei Paio, transformou tudo numa pradaria bíblica e moral, com animais e plantas da Sagrada Escritura interpretados simbolicamente, à

maneira dos «bestiários» de então. Tais «bestiários» tornavam-se uma ponte entre a Bíblia e o mundo quotidiano, dando uma interpretação espiritual aos animais e às plantas <sup>19</sup> da Mãe-Terra.

Assim, o *Livro das Aves* (Rio de Janeiro, 1965), em português e à base do Pseudo-Hugo de S. Vítor, descreve a pomba gemebunda e amiga de se esconder nas cavidades das rochas. Quem geme? É a alma fiel, contrita dos seus pecados. E onde se refugia ela? Nas chagas de Cristo. Passa a pomba por cima das águas, a ver se nelas se reflecte a sombra do açaor. Representa a alma que estuda a Sagrada Escritura, para nela descobrir os enganos do Inimigo. A andorinha emigra para lá do mar. Simboliza a alma ansiosa de fugir deste mundo, em busca dum lugar propício, onde viva no amor de Deus e do próximo.

Ora bem: Sto. António anda cheio destas comparações em que, a partir de coisas conhecidas (a pomba, a andorinha, o pavão) e quase familiares, o pregador erguia os ouvintes ao significado interior e sobrenatural das criaturas. A Natureza era uma espécie de Bíblia acessível a todos.

Nos sermões de Sto. António, poucos são os santos do calendário: a Virgem Maria (está claro), um que outro apóstolo — e chega. Nos de Frei Paio, afora um sermãozinho para os dias de comunhão e pouco mais, tudo são panegíricos de santos e santas. Até Sto. António lá aparece, em dois sermões. Isto não facilitava a inundação bíblica, como em Sto. António. Nos sermões do grande franciscano, tropeçamos na Bíblia a cada passo. Ele não tem de gastar tempo a falar da vida e milagres dos santos. Contudo, tem ar de criticar os males

do seu tempo e foi um fundibulário temível. Tudo com rapidez: interpretou a Bíblia, bateu e arrumou o assunto.

Não queremos insinuar que os pregadores de então vivessem obcecados pela Sagrada Escritura e pela interpretação mística dos seus animais e plantas. Sto. António servia-se da Bíblia, lançava mão da sua imagética, mas revelava, ao mesmo tempo, observação pessoal dos homens e das coisas em si mesmas. Fala da oliveira e, por conseguinte, da azeitona. Pois bem, é vê-lo olhar para um monte de azeitonas, como um aldeão da Estremadura, e descrevê-las na tonalização vária das suas cores — verdes, amareladas, tons vermelhos e, finalmente, duma negrura retinta e brilhante. Isto não vinha na Sagrada Escritura. Tal visão imediata das coisas não impedia, porém, a sua interpretação alegórica. Uma completava a outra.

Diz Sto. António: A vida é uma peregrinação ou viagem por terra estrangeira, entre o útero e o túmulo <sup>20</sup>. E assim como os israelitas atravessaram o Mar Vermelho, a caminho da Terra Santa, assim temos nós de atravessar o mundo, à maneira de uma ponte. Ponte inquieta, cuja entrada é o ventre materno. E da ponte saímos pela porta da morte <sup>21</sup>. Os que se arrependem dos pecados e gostam de Deus, caminheiros são e percorrem a vida só de passagem. Os mais também são viandantes. Contudo, por ser largo e delicioso o caminho, nele querem ficar e não passar. Ao contrário, os que se arrependem e confessam os pecados, assemelham-se aos que a tempo fugiram de Sodoma. Subiram pela montanha e não olharam para trás <sup>22</sup>.

Cansamo-nos, à força de caminhar. Precisamos, pois, de repouso na estalagem. É esta a Igreja, «onde se restabelecem os viandantes que volta para a pátria

eterna». <sup>23</sup> Este pormenor da Igreja, como estalagem das almas viageiras, ressalta claramente no *Auto da Alma*, de Gil Vicente.

Viagem, mas não só por terra. Também por mar, em demanda do porto de salvação, sob a protecção da Virgem Maria, estrela-do-mar. Seguimos na barquinha de Jesus, onde entrámos pelo arrependimento. O casco da barca é a contrição. A vela significa a confissão. Os remos, o jejum, a oração e a esmola. E a âncora simboliza a meditação da morte, a prender-nos rijo para não cairmos em pecados. E a estrela-do-norte? Há quem se engane e deixe levar por «estrelas errantes», quer dizer, pelos hipócritas e falsos religiosos. Estrelas para guiar são unicamente os bons prelados e os verdadeiros religiosos, pois seguem pelo caminho direito. Também a cruz do Senhor faz de barca, a caminho do Céu. Barca apertada nas pontas e larga no meio. Com efeito, nela esteve Jesus com os pés e as mãos apertados pelo sofrimento dos cravos. Porém, grande e largo era o coração, a ponto de prometer o Paraíso ao bom ladrão. Embarquemos na cruz da penitência! Grandes são as ondas da soberba, da ambição, da tristeza, dos pensamentos sem rumo, da luxúria e da gula! À maneira dos apóstolos, chamemos pelo Senhor e ele acalmará este mar de amargas tentações <sup>24</sup>.

Temos a Arca de Noé, símbolo da Igreja. Construiu-a o Senhor de pranchas aplainadas (os santos de Deus, puros e perfeitos), betumadas por dentro com os desejos das boas obras e, por fora, com o sua execução. Os trezentos côvados de comprimento figuram primeiro os prelados, depois os que fazem voto de castidade e, por fim, os casados. Divide-se em cinco câmaras a Arca de Noé, quer dizer, os cinco sentidos corporais. E Sto. António alonga-se aqui, dando aos órgãos do corpo um

significado espiritual. Por exemplo, a respeito dos ouvidos, diz ele que o homem é o único animal cujas orelhas não se movem. Lembra-nos isto que o vento das palavras nunca deve perturbar a firmeza estável da alma <sup>25</sup>.

Enfim, conhecemos, pela Bíblia, as naus de Salomão na rota de Târsis, donde traziam «ouro, prata, presas de elefantes, macacos e pavões». Que barca é esta de Salomão? A Santa Igreja, entregue por Cristo a S. Pedro, capitão hábil, humilde e amigo de bem-fazer. Pelo mar do mundo segue a nau de Salomão. O ouro é a sabedoria profana. A prata simboliza a «eloquência filosófica». As presas de elefante querem dizer os professores a mastigar fortemente, para os alunos, o alimento da palavra. Quanto aos macacos, por um lado parecidos ao homem e por outro vivendo como irracionais, representam os que têm fé, mas a renegam nas obras. Por sua vez, os pavões assemelham-se aos varões perfeitos, ornados de virtudes e tribulações.

A nau de Salomão é ainda o coração penitente, viajando para Târsis, através do mar amargo da contrição. Isto é, vai pensando nos pecados que fez e procura saber donde vem, onde está e para onde vai. Medita em como é lábil e frágil tudo o que pertence ao mundo. Neste caso, o ouro equivale à purificação da consciência. A prata significa os louvores de Deus. As presas de marfim, a acusação de si mesmo. Os símios, a contemplação da nossa fealdade. E os pavões, o desprezo da glória que passou <sup>26</sup>.

Quando Sta. Teresa de Ávila expôs, em «romance», a sua experiência mística, recorreu à imagem do castelo. Assim nasceu *El Castillo Interior*, e as sete moradas que nele estão.

Ora, ao falar da Santíssima Virgem, emprega Sto. António várias alegorias, entre elas a do castelo onde Jesus entrou. Tem o castelo da Virgem a torre ao meio e a muralha em volta. Esta muralha significa a virgindade. A humildade acha-se figurada na torre direita e alta. Direita, porque Maria olhava para Deus que a escolhera. Alta, porque graças às palavras humildes (eis a escrava do Senhor) subiu a rainha do Céu. Vem isto num sermão da Assunção de Nossa Senhora. O nome da Virgem Maria é torre bem fortificada, onde o pecador pode refugiar-se <sup>27</sup>.

Também a Santa Maria Madalena se aplica o símbolo do castelo: «a Magdalo castello quod turris interpretatur». A torre quer dizer humildade, como em Nossa Senhora. De facto, sobe a humildade para o alto, abaixando-se. Quem se humilha será exaltado. Castelo é ainda o mundo em que peregrinamos e a Igreja, assim como a alma fiel, assediada pelos espíritos malignos, às ordens de Satã. Poucos nos defendem, forte é o inimigo e pequena a Igreja, em comparação dos maus. Na verdade, são efeminados os que têm a seu cargo lutar pela Igreja. Só pensam em comer e beber, luxar à grande e montar em belos cavalos. E os inimigos a sitiarem o castelo da Igreja! Cavaram um valado em torno, cheio de paus agudos, que são os hereges. Ergueram fortificações à volta, que são os falsos cristãos. Não temais! Aparece Cristo, pobre e humilde, e liberta a Igreja do valado dos hereges e das fortificações dos mundanos.

Por outro lado, o castelo simboliza a alma sitiada pelos paus agudos dos movimentos irreflectidos, assediada por maus pensamentos e deleites carnis. Porém, a graça do Espírito Santo livrará a alma do cerco <sup>28</sup>.

Assim como se opõe a Cidade de Deus à Cidade do Demónio, Jerusalém a Babilónia, assim ao castelo da



Igreja opõe-se o castelo do Mal. Também o castelo do Mal tem as suas muralhas e uma torre de menagem. As muralhas são as riquezas. A torre, a soberba do Diabo. E se num muro ficam as pedras umas por cima das outras, ligadas por argamassa, coisa parecida acontece na riqueza: o dinheiro junta-se a mais dinheiro, uma casa junta-se a outra, um campo a outro, tudo argamassado pela cobiça. Contra a Torre de Babel, onde mora a Soberba, mandou o Senhor dois discípulos: o Desprezo do Mundo, para derrubar a muralha dos bens que passam; e a Humildade do Coração, para deitar abaixo a Torre da Soberba.

Havia uma burra com um burrinho, no castelo do Mal. A jumenta quer dizer a vida terra-a-terra dos clérigos, frades e monges que abandonam as alturas da contemplação e seguem pelos caminhos chãos da voluptuosidade carnal.

Felizmente, há a Torre de Sião ou Jerusalém, imagem da Jerusalém Celeste e visão da paz, ao contrário da Torre de Babel.

Babel e Sião, cidades sem geografia, nem limites visíveis, fundidas no corpo mas separadas na alma. Canonicamente, até os maus bispos pertencem à Igreja de Deus. Espiritualmente, fazem parte da cidade do Mal, assim como os frades e monges de vida mundana <sup>29</sup>.

Enfim, temos o castelo deste mundo, nem bom nem mau. Nele moram os dez leprosos do evangelho, quer dizer, os homens cobertos pela lepra do pecado <sup>30</sup>.

Árvore frondosa é a cruz de Cristo, porque os seus ramos cobrem o mundo. Os quatro ramos desta árvore são as suas quatro extremidades. Em cada canto, uma pedra preciosa: a misericórdia, ao alto; na mão direita, a obediência; na mão esquerda, a paciência; em baixo, nos pés, a perseverança. Será necessário lembrar a expressão

tão portuguesa da «árvore da santa cruz»? Quanto aos salgueiros do rio, sempre verdes, são figura dos que perseveraram nas boas obras, junto ao rio fugitivo da vida mortal <sup>31</sup>.

A videira, de três ramos em flor, significa a Virgem Maria. A sua pureza é o perfume da flor. Três são os ramos: a anunciação do anjo, a vinda do Espírito Santo e a concepção do seu Filho. Destes ramos, nascem outros, espalhados pelo mundo. E temos ainda os gomos, quer dizer, a humildade e a virgindade. Significam as flores da videira fecundidade virginal e parto sem dor. Enfim, os cachos de uvas que dela nascem são a pobreza, a paciência e a abstinência. Destas uvas faz-se vinho «maduro e perfumado» que nos inebria e, inebriando-nos, torna sóbrias as nossas almas <sup>32</sup>.

Volta e meia, encontramos alegorias a pedir forma literária adequada para se transformarem em parábolas. Chamar-lhes-íamos parábolas básicas. E gostamos de ouvir o desdobramento paralelo de longas comparações explicadas taco a taco, digamos assim, sem escapar nenhum pormenor.

Por exemplo, o trono de Salomão, de que fala a Sagrada Escritura, significa a Igreja, onde Cristo reina com doçura. Trono de marfim, por o elefante ser casto, tal qual Nosso Senhor. Trono coberto de oiro, isto é, ornado com a glória dos milagres de Cristo. Os seis degraus lembram-nos os seis dias da criação e as seis idades do mundo. Os dois leões simbolizam os valentes patriarcas do Testamento Velho e os Santos Padres do Testamento Novo, que tanto fizeram para glória de Deus. Quanto aos doze leõezinhos de pé, nos lados da escada, referem-se à «ordem dos pregadores», pois os dominicanos seguem de perto os apóstolos <sup>33</sup>.

Leões artificiais, dirá o leitor. O simbolismo, porém, não difere e o processo literário também não.

Um animalzinho sugerido pela Bíblia (o gafanhoto) serve de base imagética a um sermão de fundibulário: «E do fumo do poço saíram gafanhotos para a terra», diz o *Apocalipse*. De chofre, salta-nos aos olhos uma das mais severas e pitorescas críticas sociais de Sto. António, cheia de vivências contemporâneas. Como os gafanhotos puladores, devem os religiosos saltar até ao Céu, com os pés da pobreza e da obediência. Mas, que vemos nós? Os religiosos-gafanhotos cobrem a Terra! Não há feiras, não há demandas em tribunais eclesiásticos ou civis, onde não apareçam os monges ou frades. Compram, vendem, constroem, destroem e transformam um quadrado numa circunferência. Nos julgamentos, citam as partes, litigam perante os juízes, convocam decretistas e legistas, trazem testemunhas. Ó religiosos imbecis, dizei-me vós se, nos profetas, nos evangelhos ou nas epístolas de S. Paulo ou nas regras de S. Bento e de Sto. Agostinho, encontrastes estas demandas, estas agitações e protestos, por amor de coisas transitórias e perecedouras!<sup>34</sup>

E o burro? Assemelha-se ao pecador arrependido, pois é ele que leva o peso da penitência. Ou pelo contrário, é imagem dos hipócritas, que servem ao mundo por amor da glória e do dinheiro<sup>35</sup>.

Quanto às aves, lembram os varões contemplativos, pairando alto e absortos em Deus. Por sua vez, a águia, voando cheia de arrogância, representa a soberba. Por outro lado, simboliza a vida mística, com as grandes asas abertas, o bico acerado e a vista capaz de fitar o Sol, como o contemplativo fita a Deus. As duas asas são amor e temor do Senhor<sup>36</sup>.

O que se afirma da águia, diga-se também do falcão. Caça as aves no voo. Ora, o contemplativo, à maneira do falcão, anda atrás dos bens acima da terra. Tem penas o falcão. De penas se cobre o homem de Deus, a saber, das penas dos pensamentos espirituais que nascem do amor «saboroso»<sup>37</sup>.

As andorinhas, quem o diria?, simbolizam os demónios soberbos, «por voarem muito alto». E à maneira das andorinhas, também os demónios fazem ninho com pensamentos efeminados, plumas de vanglória e lama de lascívia. De tais ninhos cai a sujidade da gula e da luxúria, a cegar os olhos da alma mesquinha<sup>38</sup>.

Lembra-se o leitor de Tomás Cantipratense, frade pregador do tempo de Sto. António? Foi ele que, no século XIII, compôs um livro famoso sobre as abelhas, modelo da vida cristã. Ora bem, Sto. António fez um paralelo alegórico entre a abelha e Nossa Senhora — a abelha a quem a Bíblia dedica estas palavras: «Pequena é a abelha, entre os animais que voam. E contudo, o seu fruto é cheio de doçura» (*Eccli.*, 11, 3).

A abelha gera por si mesma, sem relações sexuais, dizem os naturalistas. A melhor abelha é pequena, redonda, densa e apertada. Mais limpa do que qualquer outro animal que voa, desagrada-lhe o mau cheiro. Quando voa, não perde tempo à procura de várias flores, nem larga uma flor por outra. Não! Tira da flor o que precisa e volta à colmeia.

Alimenta-se do mel. Dele vive e é ela que o fabrica. Constrói a casa, onde mora a rainha ou abelha-mestra (ele diz *rex*, rei) e depois começa a fabricar os favos, uns por baixo dos outros, a pouco e pouco, até ao fundo do cortiço.

Assim também Nossa Senhora gerou o seu Filho sem corrupção da pureza. É ela a boa abelha. Pequena, pela sua humildade. Redonda, pela contemplação da glória celeste, sem princípio nem fim. Cheia e densa de caridade, porque durante nove meses trouxe o Amor dentro de si. Apertada pela pobreza mais pura, incomodada o mau cheiro da luxúria. Ao contrário, agrada-lhe o doce perfume da castidade. Devemos, pois, ser puros, para a Virgem Maria gostar de nós. Ela não foge de nenhum animal, quer dizer, não se afasta de nenhum pecador, antes recebe quem nela se refugia. Por isso lhe chamamos a Mãe de Misericórdia e esperança dos desesperados.

Eu sou a flor dos campos e o lírio dos vales, diz a esposa dos *Cantares*, a respeito de Cristo. Deixando todas as outras flores, escolheu Jesus a Santa Maria, a esta flor se juntou e dela recebeu tudo o que precisava. Por sua vez, Nazaré, onde a Virgem Maria concebeu o Menino Jesus, quer dizer flor. Por esta razão, escolheu ela tal lugar para si. Com efeito, Cristo, saído da raiz de Jessé, ama a pátria florida. E de que se alimentava Nossa Senhora? Do seu Filho, que é mel dos anjos e doçura de todos os santos. Dava-lhe leite e ele dava-lhe a vida <sup>39</sup>.

Passemos agora aos cavalos misteriosos que vemos galopar nas gravuras de Alberto Dürer, nas iluminuras antigas do *Apocalipse do Lorvão*, e nos sermões de Sto. António: o cavalo branco, o cavalo ruivo, o cavalo preto e, por fim, o cavalo amarelo. Tudo é símbolo de palavra com sentido-por-achar, principalmente no *Apocalipse*, um dos livros sagrados que certas personagens de Dostoyevski mais gostavam de ler.

Alegoricamente, o cavalo branco significa a humanidade pura de Cristo, escreve Sto. António. Por

outro lado, o homem que monta no cavalo ruivo simboliza o Salvador do Mundo, de corpo ensanguentado pela Paixão. E quem monta no corcel branco, com um arco de guerra na mão? O arco é de madeira e tem uma corda flexível. A corda quer dizer a misericórdia. A madeira refere-se à justiça de Deus. E na interpretação moral, o corcel branco é figura do corpo do Bom Pastor e de todos os prelados da Igreja. Branco, por causa da castidade. Cavalgado pelo Espírito, tendo por freio a abstinência, e o amor e temor de Deus por esporas. Pode o arco ainda representar a Sagrada Escritura. A corda é o Testamento Novo, de menos dureza. A madeira rija, o Testamento Velho. E a seta que sai do arco é o entendimento da Sagrada Escritura, a abrir uma ferida no coração da gente.

Quanto ao cavalo ruivo, esse rouba o que não lhe pertence e mata! Ele não entrou pela porta, que é Cristo, e significa os prelados simoníacos, os lobos metidos no rebanho de Deus. Monta esse corcel o espírito da ambição e da glória mundanal. Quantos destes simoníacos, nos tempos de agora! Grande é a sua espada, afiada para ferir e matar.

O cavalo negro quer dizer o pastor mercenário. Serve a Deus, mas por amor do dinheiro, recompensa deste mundo tenebroso. Ele não enxerga a candeia da graça de Deus. Está cego, embora não dê por isso. Monta no cavalo negro o espírito de negócio (*spiritus negotiationis*) e vende por dinheiro as graças do Senhor, à maneira dos comerciantes. Ora, o comércio é para o clérigo o que a usura é para os leigos. A balança falseada que o cavaleiro segura na mão lembra-nos que ele prega uma coisa e faz outra. É avarento e fala de pobreza. É luxurioso e louva a castidade. Prega o jejum, mas gosta de comer à grande.

Põe grandes cargas as costas dos outros, mas não os ajuda sequer com a ponta do dedo.

Eis o corcel amarelado e sobre ele cavalga a Morte! A Morte ou o Diabo que a fez entrar no mundo. Cavalga pela Terra, a Morte, tapando-nos a boca, para não confessarmos os pecados, devorando os avarentos, dando cabo das redes da Igreja de Deus, à maneira dos lobos, se por acaso os pescadores lhes negam o peixe. Esses lobos são bispos, abades e priores, que entregam aos seculares os fiéis e os bens eclesiásticos, a fim de os terem por amigos e poderem prosperar à vontade. Que Deus nos livre deste corcel e de quem o monta! <sup>40</sup>

## 2 — *FREI PAIO DE COIMBRA*

No frade pregador, Frei Paio, achamos a mesma simbologia, mas com menor domínio das fontes bíblicas e da história natural.

É a Virgem Maria a porta do Céu, porta de ouro. E para além da ornamentação significativa desta porta, examinamos os quatro gonzos, a saber, as quatro virtudes cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança. Porta da casa de Deus, do lado oriental, porque por ela entram os inocentes. Porta do poente, porque por ela passam os grandes amigos de Deus. Porta do aquilão (ou do norte) aberta aos penitentes <sup>41</sup>.

O terceiro sermão da Natividade de Nossa Senhora gira em torno da fonte ou nascente. É a Virgem Maria fonte abundante de águas da graça. Do seio imaculado da mãe de Deus, nasceu um rio, Cristo Jesus. Quatro são as nascentes de tal fonte e a elas correspondem as quatro festas de Nossa Senhora: da Natividade, da Anunciação,

da Purificação e da Assunção. Por estas nascentes chegam até nós os dons de Deus. A fonte mata-nos a sede, nela se curam os enfermos, confortam-se os moribundos, lavam-se os imundos, abrandam-se os duros de coração, alegram-se os tristes.

Foi parar a Arca de Noé aos montes da Arménia e ali descansou essa barca, símbolo da Virgem Maria. O monte em que Nossa Senhora descansa do dilúvio da vida, são os anjos, junto das alturas de Deus. Entremos na barca. E se a Virgem Maria, em Fevereiro, apresentou o Filho no Templo, em paga levou-a depois Jesus ao templo espiritual do Céu. Na verdade, pela Arca entendemos a Mãe do Senhor. Na Arca, ia a «semente» que de novo restauraria a humanidade. Em Maria estava a salvação do mundo.

Entremos, agora, na divisão que opõe um mundo a outro. A S. Clemente dedica Frei Paio alguns sermões. O último deles principia com um versículo do salmo 45: «A corrente do rio alegra a Cidade de Deus». Ora, interessamos imenso a alegoria desenrolada por Frei Paio, à base deste rio que alegra a Cidade de Deus. A corrente do rio é, para o sábio, a lei de Deus, fonte de vida. A tal cidade quer dizer a Igreja. E o rio refresca, o rio sacia e fecunda a Cidade de Deus.

Por sua vez, a cidade simboliza também a alma fiel — cidade pequena, humilde e com poucos homens, quer dizer, poucas atitudes heróicas. Para seu mal, está sitiada por um rei poderoso, o Diabo. Por ele e pelos seus exércitos. E que fazem eles? Cavam em torno da alma um fosso de trabalhos e tentações. O rio, porém, alegra a cidade cercada. E esse rio é o amor de Deus, cada vez maior e mais largo.



Anagoricamente, isto é, a respeito da vida futura, a Cidade de Deus significa a Igreja Triunfante, o Paraíso, onde se expande, de margem a margem, o rio alegre das virtudes.

Em frente (e contra a Cidade de Deus) ergue-se Babilónia, a cidade do Mal e do Diabo. Em frente, dissemos nós. Trata-se, no entanto, de oposição interior, pois só por dentro se opõem as duas cidades. Por fora, andam misturadas nos seus membros. São duas mundividências opostas, diríamos nós, dois tipos de vida, mais do que duas entidades sociais ou dois reinos visíveis. Os habitantes duma e doutra cidade nem sempre se distinguem por fora, porque há pecados ocultos. E, às vezes, os habitantes passam duma cidade para outra, pela conversão ou pelo descaminho do bem. Em suma: os homens de Jerusalém ou de Babilónia encontram-se no tempo e no espaço, convivem em situações moralmente indeterminadas, mas separa-os o abismo do amor e do ódio de Deus.

Frei Paio fala-nos de Babilónia, num sermão de Santa Maria Madalena, onde alega um texto de Isaías: «Babylon, dilecta mea, posita est mihi in miraculum». A minha amada Babilónia tornou-se um assombro para mim!

Babilónia ou confusão significa a mulher que a muitos desorienta, arrastando os homens consigo e tirando-os de Jerusalém para as ruas da maldade. E, vice-versa, Maria Madalena trocou o reino dos vícios pelo reino das virtudes. Habitada antes por sete demónios, «de meretriz passou a apóstola», exclama Frei Paio <sup>42</sup>.

Em suma, Babilónia está dentro de nós e nós somos essa cidade interior, encarnação da tentação e do pecado. Não, porém, totalmente interior.

Noutro sermão de Frei Paio temos a alegoria familiar do fogo, à base do vaso do oleiro cozido na fornalha, como diz a Bíblia. E de facto, S. Dionísio Areopagita foi bem atormentado no fogo do martírio, donde passou ao refrigério eterno. Fornalha é também este mundo e as suas tentações. E ainda cada um de nós. Mas o oleiro é Cristo. Quem atíça o fogo é o Diabo, pois acende as chamas das tentações pecaminosas, sopra na labareda dos vícios, para depois nos torturar no fogo eterno <sup>43</sup>.

Compôs Frei Paio vários sermões em louvor de S. Martinho de Tours. Tomando por texto a frase do evangelho de S. Mateus, «de dois homens que estiveram no campo, um será tomado e outro deixado», afirma o pregador que a Igreja consta de três espécies de pessoas: Em primeiro lugar, os pastores das almas, simbolizados por Noé. Seguem-se os religiosos, representados por Daniel, salvo da cova dos leões — e a cova dos leões é este mundo. Em terceiro lugar, vêm os casados, à maneira de Job. Deles, salvam-se uns e perdem-se outros. Ora bem, os pastores das almas têm de arrancar o matagal dos vícios da paróquia. Na mó de moinho, estão os casados que o dia todo andam à volta dos negócios terrenos. Quanto aos religiosos, repousam no leito da contemplação (outra vez a comparação matrimonial da esposa dos *Cantares*). Por isso afirma S. Bernardo que o leito onde se repousa na Igreja são os mosteiros. Contudo, parecem os mosteiros enxovias a alguns religiosos. Não admira, porque o desobediente não dormirá com o Esposo.

O texto bíblico, já se vê, devia servir de base a uma exposição imaginosa e ao alcance do povo. Por exemplo, o primeiro sermão em louvor de S. Francisco de Assis († 1226) abre por uma frase bíblica, a servir de comparação:

como a estrela da manhã no meio da névoa, como a Lua cheia a resplandecer no seu tempo e como um Sol brilhante, assim alumiou S. Francisco de Assis o templo de Deus. Por outro lado, o pregador acomodou ao Pobrezinho de Assis certas frases bíblicas em louvor de Simão, filho de Onias, dando-lhes um sentido mais amplo e quase profético. Era estrela da manhã pela sua santa conversação. Refulgia pelas virtudes entre a névoa da avareza, das discórdias e da maldade herética das terras da Itália. Lembra-nos a Lua cheia, por ser diverso e sempre o mesmo, alumando, também os pecadores perdidos na noite. Assemelha-se ao Sol, pelo brilho dos seus milagres, pelo ardor com que nos anima e pela beleza da sua vida e costumes <sup>44</sup>.

Dirá o leitor que tais comparações podiam servir para outros santos. E tem razão, pois Frei Paio utilizou-as também nos louvores de S. Domingos de Gusmão, com o mesmo esquema inicial e simbólico da estrela da manhã, da Lua cheia e do Sol claro <sup>45</sup>. Mas não repetia o mesmo. A Bíblia era uma fonte de sugestões, à direita ou à esquerda. E, nas suas frases, podia o pregador *arrumar* coisas diferentes.

Temos de caminhar no tempo, entre o berço e o túmulo, libertados pelo amor da pobreza. Nenhuma bagagem. Como os Reis Magos, andamos à procura do Presépio.

Nem todos os caminhos levam à Terra da Promissão. Alguns afastam-nos dela, como as estradas da avareza, da luxúria, da soberba, do ódio, da ira e da falsa alegria. Quando por elas nos extraviamos, só nos resta voltar atrás e seguir pela via estreita de sentido contrário. À maneira dos Reis Magos, tornemos por caminho diferente!

E quem nos guiou até Belém? A estrela. Aqui temos outro símbolo da fé e da graça de Deus. Segue à frente a estrela dos Reis Magos, figura do chamamento de Deus. Essa estrela nos guia para as boas acções, revela-nos os perigos e leva-nos até Cristo. Pára exactamente em cima do Presépio.

Outra comparação bíblica: a travessia do Mar Vermelho. Compara-a Frei Paio à viagem de S. Tiago Maior, por sobre as águas do mar, numa barca sem remos nem velas, desde Jope até à Galiza. Ora bem, no sentido figurado, três são as travessias dos que se condenam e três as dos que se salvam. Passam os maus, da graça para a culpa, da culpa para a desgraça neste mundo e daí para os tormentos eternos. Que pavorosa travessia! Passam os eleitos das trevas do pecado para a graça de Deus, daí para a contemplação e da contemplação para os gozos do Paraíso. Tudo é símbolo e metáfora espiritual. E as passagens do mar tornam-se imagem da navegação interior, com dois roteiros diferentes — o dos escolhidos e o dos condenados.

A Arca de Noé, vamos encontrá-la, por assim dizer, em cada esquina da Idade Média, como se navegássemos pelos canais de Veneza e déssemos, volta e meia, com a mesma gôndola. Escreve Frei Paio que existe uma grande semelhança entre a Arca de Noé e a Igreja. Fora delas, agitam-se as águas do Dilúvio e ninguém pode salvar-se. E as águas que erguem ao alto a Arca de Noé, essas mesmas afogam os que estão de fora.

Um texto do *Génesis* serve de entrada a um sermão do nascimento de Nossa Senhora: «Abrirás uma janela na Arca, um côvado abaixo do cume». A janela equivale à Virgem Maria. Nasceu esta na Igreja, simbolizada pela Arca de Noé. «Contudo, para colhermos mais

suavemente os frutos da alegoria, resumamos a história em poucas palavras». E em poucas linhas, diz-nos Frei Paio como Deus ordenou a Noé a construção da grande barcaça, para nela andar sobre as águas que alagavam o mundo. Que a Mãe de Deus nos ensine a descobrir o miolo, debaixo da casca da letra bíblica: A Arca é a Santa Igreja, insiste ele. A janela representa a Virgem Maria. Noé, construtor da Arca e da janela, é uma figura de Cristo. Assemelha-se a Arca à Igreja, por três razões: Em baixo, era a Arca de Noé larga e comprida. Que figura é esta? A dos casados, que moram na parte inferior e constituem a imensa maioria da Cristandade. Acima deles, e em menor número, vêm os que não têm relações matrimoniais. E ainda mais alto, os que permanecem virgens. No cimo, a extensão reduz-se a um côvado, quase uma ponta. Quer dizer, Cristo é o ápice de toda a perfeição.

As tábuas da Arca de Noé, aplainadas e esquadriadas, não podem apodrecer. Com efeito, são as tábuas os varões santos, bem polidos e esquadriados pela graça de Deus <sup>46</sup>.

Embora quadriga signifique um carro puxado por quatro cavalos, a Vulgata emprega o termo para traduzir *rekeb*, um carro qualquer e não forçosamente de quatro cavalos. O mesmo acontecia na Idade Média.

Contudo, a quadriga, na sua significação etimológica, servia de base para metáforas e alegorias imaginosas. S. Jerónimo, numa das suas cartas, refere-se à quadriga das virtudes: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança.

Em certa ocasião, Frei Paio de Coimbra fala-nos dum carro de duas rodas, sem numerar os cavalos. As rodas são a Lei Velha e a Lei Nova. Só uma delas, isto é, a do Testamento Velho, como nos maniqueus, não pode ser.

Ao traçar, porém, o elogio de S. Lucas, cita a frase dos *Cantares*: «Perturbou-se a minha alma por causa das quadrigas de Aminadab». Que ruído era esse dos carros de Aminadab? Significava a voz da Sinagoga. Ou então, a Igreja a falar à alma fiel, voz igual ao estrépito das quadrigas, pois ensina ao povo de Deus a mensagem dos quatro evangelistas. Eis a quadriga de Deus! Por outro lado, Aminadab é a figura de Cristo. Já temos, aqui, os quatro corcéis.

Várias, porém, são as quadrigas de Deus. A primeira, foi a dos patriarcas. À maneira dos briosos cavalos, puxaram eles o carro da Lei Natural, de quatro rodas. As duas primeiras consistem em não dizer e não fazer aos outros o que não desejaríamos para nós. As outras duas consistem em dizer e fazer aos outros o que desejaríamos para nós. São os cavalos desta quadriga ruivos e cor de sangue, pois em guerras viveram Abraão, Lot e outros patriarcas.

Segue-se a quadriga da Lei de Moisés e dos profetas, também ela de quatro rodas: a doutrina moral, o ensino dos ritos, as determinações legais e o conjunto dos vários ensinamentos. Negros são os corcéis da Lei Velha, pois muitas tribulações sofreram os profetas.

A terceira quadriga é a dos apóstolos e evangelistas, igualmente de quatro rodas: a história contada pela Bíblia entendida à letra, a alegoria, a tropologia e a anagogia. Quer dizer, o sentido literal da Sagrada Escritura, o sentido profético em relação a Cristo e à Igreja, as lições morais da Sagrada Escritura e o sentido espiritual que descobre os tipos ou símbolos do Céu e do caminho que lá nos conduz. São brancos os cavalos desta quadriga, da cor da inocência e da pureza dos apóstolos.

A última quadriga, formam-na os que pregaram o evangelho depois dos apóstolos. A Sagrada Escritura, que eles ensinam, anda também sobre quatro rodas: A Lei Natural, a Lei Velha, a Lei Nova e a doutrina dos Santos Padres. Fortes e de várias cores são os cavalos desta quadriga. Na verdade, os pregadores vestem de várias maneiras e cores. Além disso, variam no modo de pregar.

Saltam aos olhos as alegorias bíblicas de Frei Paio, como a Arca da Aliança, imagem da Igreja. Coroam-na quatro círculos de ouro, quer dizer, os quatro evangelhos. Fora dela, guarda-se o maná, símbolo da eucaristia, e a vara de Moisés, figura da penitência. De forma redonda (o círculo considerava-se a figura perfeita, na Idade Média) tem o requinte da pobreza, sem nada a prendê-la a nenhum lugar, pois a esfera move-se para um lado e para outro, livremente. O seu brilho simboliza o amor dos que vivem na Igreja. As preciosidades que adornam a Arca da Aliança representam a castidade sem mancha do povo de Deus. E tanto ele como a Igreja seguem o caminho da Terra da Promissão <sup>47</sup>.

Outras alegorias baseiam-se também na Bíblia, mas pertencem, por outro lado, à vida quotidiana. É o caso da estrela da manhã ou estrela d'alva, a que se refere o *Livro de Job*. Arauto do dia que nasce, quantas coisas nos sugere este planeta da madrugada! Traz a luz (Lúcifer) e simboliza a luz da consciência, o fulgor da graça, ou então a palavra de Deus, mais forte do que a filosofia e dando frutos a seu tempo, na confissão. Temos, por outro lado, a luz da ordem dominicana, cujos raios iluminam as terras gafadas de heresia, sobretudo a região de Tolosa. Há ainda a luz dos homens enviados por Deus, para guiar o seu povo: Moisés, entre os judeus; e Jonas entre os habitantes de Nínive. E assim por diante, porque o

pregador assemelha-se à estrela da manhã, cuja luz é vista por todos.

Ao contrário, existe o Lúcifer das trevas, o anjo mau, derribado nos abismos. Também ele terá a sua hora propícia, no tempo do Anticristo. Frei Paio, no entanto, prefere falar da estrela da manhã, João Baptista, enviado adiante de Cristo, como a estrela d'alva antes do dia que nasce <sup>48</sup>.

Sucedem-se as metáforas. A terra estéril significa a alma que nada faz por Deus ou só dá frutos silvestres de murmuração. Terra fértil, chão produtivo é a Virgem Maria, cujo fruto foi o Menino Deus. E os povos gentios, por onde se havia de alargar a Cristandade, não eram eles «terra espiritual»? <sup>49</sup>

Quem não leu a alegoria pauliniana da espada da palavra de Deus? Ou a do justo comparado à palmeira em flor, de origem bíblica e tão usada na liturgia? E quem diz palmeira, diz árvore. A raiz consiste na fé perfeita do símbolo dos apóstolos. O tronco eleva-se para os céus, como a nossa esperança. Os ramos frondosos significam a caridade. As folhas vistosas lembram-nos as palavras que fazem bem à alma. Nas flores desta árvore, cheias de doçura e de graça divina, vêm buscar os anjos o alimento espiritual, como abelhas do Senhor. E que flores são essas? Os bons pensamentos, onde os anjos pousam e descansam. As boas obras equivalem aos frutos da árvore. Chega ao longe o seu perfume, à maneira da oração do justo. E à sombra desta árvore repousam as almas sequiosas de frescura <sup>50</sup>.

Quase tudo arranca duma metáfora, nestes sermões, à maneira duma gravura que se mostra ao povo para lhe fixar a atenção e ajudá-lo a seguir as ideias. Há as redes da avareza, as redes da luxúria e as redes da gula. Mete-nos



receio o gládio da consciência. Contra ele, ergue-se a destruidora espada da malícia. Junta-se ainda o gládio sem misericórdia do Diabo. E, por fim, espera-nos o gládio da justiça de Cristo, nosso juiz. Atormentaram Santa Ágata no fogo? Frei Paio lança mão dum texto do *Livro de Job* e diz-nos que Deus santifica-nos pelo fogo da sua consolação, pelo fogo da santa meditação e pelo fogo do amor do próximo. Tudo fogo, porque tudo isto é amor <sup>51</sup>. Quase tudo imagética bíblica.

#### IV / CORTE IMPERIAL

«*Eu sou o Alfa e o Ômega, o começo  
e o fim, diz o Senhor*»  
(Apoc., 1, 8)

Já muito se escreveu acerca da *Corte Imperial*, das suas fontes e estrutura, da sua imagética e da presença, nestas páginas, da Sagrada Escritura, do Alcorão e de homens como Raimundo Lulo e Nicolau de Lyra <sup>52</sup>, para não falarmos do Pseudo-Ovídio.

Contra os pagãos, a Igreja Militante (uma das figuras desta obra de ficção) argumenta à base da razão — e de que maneira! Contra os muçulmanos, recorre à sua história e costumes, e procura, no Alcorão, tudo o que lá vem a favor do Cristianismo e contra Maomé. Em frente dos judeus, lança mão da Bíblia, tornando estas páginas valiosas pela sua exegese da Sagrada Escritura. E não esquece a literatura hebraica e as interpretações dos rabinos. A sua cristologia é dum optimismo consolador, pois Deus encarnaria, far-se-ia homem como nós, de puro amor, ainda que Adão e Eva nunca tivessem cometido o pecado original.

Declarava a Igreja Militante a Rabi Papias que, em Deus, «todas tres pessoas» e dignidades são uma só «cousa». Espantou-se Rabi Papias e pôs os dedos da mão em cima da boca. Não vos espanteis, retorquiu a Rainha Católica, pois ides escutar maravilhas ainda maiores. Diz o profeta Isaías: Quem é aquele que mediu as águas *com o punho* e mediu os céus a palmo e «tomou em tres dedos o peso da Terra»? Decerto que estes três dedos mostram a Divindade que todas as coisas contém «em poderio da magestade de tres pessoas»<sup>53</sup>.

Mais adiante, ao referir-se a Isaías e de como ele falou de Cristo, nascido criança e a nós dado por «conselheiro, Deus forte» e príncipe da paz, ergueu-se outro rabi contra a interpretação da Rainha Católica e apelou para a expressão hebraica. Aquele príncipe mais não era do que o rei Ezequias<sup>54</sup>.

Mas já chega, para exemplo. Agora, passemos à alegoria destas cortes imperiais, com Cristo a presidir. No começo e no fim de cada vitória, nesta longa e sabedora polémica, ouvem-se louvores de tanto saber, ressoam cânticos e assistimos, também, a cenas adaptadas do *Apocalipse*. À direita do trono, sentava-se a Igreja Triunfante, vestida de sol, com uma coroa de doze estrelas resplandcentes e a Lua a seus pés. Em volta, multidões sem conto, de vestes brancas, com ramos de palmeira nas mãos. Tiravam da cabeça as coroas de ouro e exclamavam: Senhor nosso Deus, tu és digno de receber honra, glória e força, pois criaste todas as coisas. Só tu és digno de abrir o livro dos sete selos!

Também a Igreja Triunfante falou a Cristo-Imperador: Em ti me alegrarei, porque me vestiste de salvação e me coroaste como a tua esposa! E aqui estou sentada, eu, que sou viúva e jamais conhecerei luto!

Então, o Imperador Celestial respondeu: Eu sou o começo e o fim, o primeiro e o último. Estou vivo e já fui morto. Mas agora, vivo para sempre e tu reinarás comigo sem fim!

Será preciso recordar ao leitor as passagens do *Apocalipse*, que estas cenas reproduzem a seu modo? É quase um drama, a que assistimos. Até aqui, a Igreja Triunfante. Eis que, dos lados do Oriente, vemos aproximar-se a Igreja Militante, na companhia de mulheres e homens sem conto. Trazia consigo camelos carregados de especiarias e pedras preciosas. O Imperador entregou-lhe então as chaves do seu reino, a ela que é fonte de sabedoria. Agora, vamos ouvir frases dos *Cantares*, na boca do Celestial Imperador: É esta a rainha oriental que veio pelo deserto, como vara delgada de fumo de mirra e de incenso!

Ajoelhou a Igreja Militante aos pés do Imperador e ele tomou-a pela mão e chamou-a a si: Vem, minha esposa, disse ele, minha bela, minha pomba. Vem e serás coroada. Hei-de sentar-te na cadeira de rainha, pois muito cobiço a tua formosura!

Lembramo-nos do estilo e da encenação do *Cântico dos Cânticos* e concluímos que a Igreja Militante é a bela morena que vem das areias do deserto, como varinha delgada de fumo de incenso e mirra.

Claro que a *Corte Imperial* não é sempre uma alegoria. Mas é esta e o estilo de certas passagens marcadas pela Bíblia que elevam, aqui e além, a *Corte Imperial* a uma obra de arte, para lá da sua finalidade exegética, da sua estratégia, digamos assim, destinadas a salvar o mundo pela conversão dos homens. É da sua efabulação imaginosa que nós gostamos — e tal efabulação funda-se, em boa parte, na Sagrada Escritura.

V / DO *HORTO DO ESPOSO*, DA BÍBLIA E  
DA MANEIRA DE A LER E MEDITAR

«*Horto fechado és tu, irmã minha esposa*»

(Cant., 4, 12)

Há uma diferença, ao mesmo tempo grande e pequena, entre o horto deste livro e o dos *Cantares*. Com efeito, no *Horto do Esposo*, sobretudo no começo, a esposa é a alma que se recreia no horto ou jardim da Sagrada Escritura. E por linha secundária, também nesta obra. Por seu lado, Cristo alegra-se na alma do homem — e esta é um horto regado pelos rios da Sagrada Escritura. E assim como num jardim ou pomar há ervas, árvores, frutos e flores de várias espécies, assim nesta obra, à imagem da Sagrada Escritura, encontra o leitor mantimento, ensino e consolação. Rude ou sábio, qualquer homem achará nela descanso, desenfado e saúde<sup>55</sup>.

As primeiras vinte páginas tomam forma de alegoria, com a Bíblia no lugar do Paraíso Terreal. Na verdade, assemelha-se a Sagrada Escritura ao Paraíso Terreal, com árvores, frutos, orvalhos nocturnos, ervas medicinais, ventos bem temperados, aves canoras, um muro em torno e guardas vigilantes. Havia também lá a Árvore da

Vida, uma nascente no meio, a regar o pomar, e quatro rios de águas transparentes. Tudo isto vemos na Sagrada Escritura, até enxertos, a saber, as três pessoas da SS.<sup>ma</sup> Trindade, enxertadas numa só natureza, e Cristo, ao mesmo tempo Deus e homem <sup>56</sup>.

O demónio sabe do valor da Sagrada Escritura e chega mesmo a citar uma epístola de S. Paulo <sup>57</sup>. Fonte de sabedoria, a Bíblia ensina a prudência, «a longura da vida», o juízo claro e os caminhos do bom ensino <sup>58</sup>.

Recordam-se parábolas de Jesus e, mais adiante, o anónimo autor repete à letra o mesmo grito de angústia dum sermão famoso do P.<sup>e</sup> António Vieira, contra os holandeses: *Exurge, Domine...* Levanta-te, Senhor, e não nos desampares até ao fim <sup>59</sup>.

Noutros casos, adapta-se a Bíblia a um sentido espiritual. O vinho e a música alegam o coração do homem, diz o *Livro do Eclesiástico* (40,20). Porém, o *Horto do Esposo* chama vinho à contemplação de Deus, que embebeda as almas santas <sup>60</sup>.

De certas passagens bíblicas, sobretudo do *Eclesiastes*, deriva, em parte, a mundividência do *Horto do Esposo* e a sua concepção da vida como um deslizar de sombras inconsistentes. Nada há sem trabalho debaixo do Sol, nem coisa sem defeito e míngua debaixo da Lua. Vaidade das vaidades e todas as coisas são vaidade. Tudo é trabalho e aflição de espírito. Jugo pesado levam os homens, desde o ventre da mãe até à sepultura, que é «madre de todos». Tecem panos, esculpem as pedras, talham as madeiras, edificam prédios, plantam hortas e vinhas, lavram campos, acendem fornos, fazem moinhos, caçam, pescam, cismam, pedem conselhos, brigam, roubam, furtam, mercam, enganam, vendem, guerreiam — e tudo isto é vaidade e aflição de espírito.

Assim diz também Salomão (a quem atribuíram e autoria do *Eclesiastes*). Ajuntou riquezas, terras, cantores e cantadeiras, para ao fim verificar que nada é estável debaixo do Sol. Pobres e ricos, servos e senhores, uns sofrem por uma via e outros por outra. Ao fim e ao cabo, lá diz Salomão: Saí nu do ventre da minha mãe e nu voltarei. E tudo cá fica! Outro comerá o que é meu — e isto é vaidade e mesquinheza grande.

São páginas e páginas, colhidas sobretudo no *Eclesiastes* ou nele inspiradas, uma espécie de manta entretecida com bonitos fios bíblicos, colhidos ao gosto do autor. E em espírito ou em palavra escrita, bate em nós, como uma onda, a expressão de estrutura hebraica: vaidade das vaidades <sup>61</sup>. Como diz o *Eclesiastes*, «vanitas vanitatum et omnia vanitas». Passa a formosura e diz Job que o homem nasce como a flor e é pisado como ela. E Isaías: Toda a glória do homem é como a flor do campo e a sua carne assemelha-se ao feno. Assim passa a beleza.

Sem querer, lembramo-nos do verso triste: «Rose, elle á vécu ce qui vivent les roses / L'espace d'un matin.» Em *La Vida es Sueño*, Calderón de la Barca exprimiu bem a conclusão da mundividência do *Horto do Esposo*. E este resume-se assim: Sonha o faminto e come a sonhar. E, depois de acordar, sente-se cansado, ainda tem fome e a sua alma está vazia <sup>62</sup>. Contudo, o *Horto do Esposo* apoia-se num versículo de Isaías (29,8).

No *Horto do Esposo* há páginas onde abundam frases assim. De Job, por exemplo. E outras páginas onde os textos se misturam, às vezes, através dos Santos Padres <sup>63</sup>. Ora bem, as pegadas mais líricas da Escritura pertencem ao *Livro do Eclesiástico* e ao *Cântico dos Cânticos*. Assim as palavras do *Eclesiástico* postas nos lábios da Virgem Maria: Eu, como a videira, fiz mui brando fruto

de mansidão de odor. E como o cinamomo e o bálsamo bem cheirante, dei odor. E como a mirra escolhida, dei brandeza de odor...<sup>64</sup> Citamos livremente, mas conservando o sabor ingénuo destas linhas em louvor de Nossa Senhora, que está acima das filhas de Sião e cheira a rosas e a lírios.

O *Cântico dos Cânticos* põe a nota mais florida neste livro, espinhoso para quem não domina a linguagem medieval. Diz Salomão, nos *Cantares do Amor*: Óleo espargido é o teu nome. E mais adiante, de novo a esposa repete e glosa as frases líricas e quase sensuais do *Cântico dos Cânticos*: Melhores são as tuas tetas que o vinho, cá são de mui bom odor... E porém, mancebas novas te amaram muito. E estas «mancebas novas» são as almas fiéis e devotas, novas pela graça e não velhas por culpa...

A alma contemplativa caça, nos montes eternos e santos, o seu amado Jesus. Por isso dizem os *Cantares do Amor* que Jesus vem saltando os montes e atravessando os outeiros. E a esposa exclama: Semelhável é o meu amado à cabra montesinha.

Estes versículos dos *Cantares* entrelaçam-se de comentários místicos, em torno dos costumes da cabra montês. Aprende-se história natural e navegamos em dois rios — o deste mundo e o do outro. Além disso, há neste manejo da Bíblia a naturalidade fácil de quem a domina sem esforço e dela se recorda: Vi eu a mui formosa, assim como a pomba, subir de sobre os rios das águas. E esta é a mui pura Virgem Maria, a quem tu podes caçar para tua ajudadora e advogada.

A pomba a elevar-se por cima das águas, os seus refúgios nas rochas, tudo isto deriva dos *Cantares* (2,14; 5,12), que o autor utiliza com oportunidade. Um pouco adiante, surgem de novo os *Cantares do Amor* e junta:



Levanta-te, minha pomba, e vem em nos buracos (*furados...*) da pedra e em na caverna da pedra amostra a tua face <sup>65</sup>.

Transcreve, neste caso, mas à sua maneira, o final dum versículo e o começo de outro, mas suprimindo algumas palavras, como quem respiga o que lhe convém, ou se recorda sem poder citar a preceito. É da Bíblia, pois, que vem certa beleza esparsa desta obra, como flores que vingaram em terra sáfara. Não só dela, mas também dela. E escutamos com gosto os ecos do *Cântico dos Cânticos*, cuja beleza morena e quente ainda não foi ultrapassada <sup>66</sup>. Nem falta o grito ansioso da esposa dos *Cantares*: Beijeme com o beijo da sua boca <sup>67</sup>.

No estudo, pois, do lirismo português e da formação da sensibilidade, temos de levar em conta a influência deste epitalâmio que levou S. João da Cruz a escrever o *Cântico Espiritual*, o ponto mais alto da poesia espanhola.

Gostamos de ouvir o *Cantar do Amor*: «O meu amado descendeo ãno seu orto, aas leiras das espécies.» <sup>68</sup> Ora, quem entra na Sagrada Escritura sente estes perfumes e encontra a mirra amargosa da penitência.

Dominamos o arcaísmo da linguagem e mergulhamos na imagética bíblica e no seu lirismo: Flores aparecem em na nossa terra, diz o *Cantar do Amor*. Por isso, no jardim da Sagrada Escritura, colhemos a rosa do martírio, o lírio da castidade, a violeta da humildade e o açafraão da caridade...

«Eu soom exalçada asy como a plantaçom da rosa em Jerycó», eis uma frase lírica do *Edesiástico* (24, 18). Mas, quase a seguir, ouvimos a esposa dos *Cantares*: «Descendeo o meu amado ãno seu orto, pera pacer ãnas ortas e colher os lylios.» E pouco adiante, esta súplica da

esposa: «Guarnecede-me de flores, qua som fraca com amor.»<sup>69</sup>

Muitas e nobres são as árvores da Sagrada Escritura, sobretudo Cristo, a Árvore da Vida. Por isso escreve Jesus, filho de Sirac, no *Livro do Eclesiástico*, que a Sagrada Escritura se alteia como o cedro do Líbano, o cipreste em Sião e a palmeira em Cades ou a formosa oliveira nos campos. E mais adiante, de novo Jesus, filho de Sirac: «Eu asy como a arvor do terebinto estendi os meus ramos, e os meus ramos som de onrra e de graça.»<sup>70</sup> E assim por diante, quase sempre sob a nota lírica e amorosa do *Cântico dos Cânticos* e do *Livro do Eclesiástico*.

Bons são os frutos do horto da Escritura. Por isso exclama o *Cantar do Amor*: Venha o meu amado ao seu horto. E para quê? Para comer dos seus pomos. De facto, há, na Bíblia, as uvas da alegria espiritual, os figos da doçura perdurável, as espigas da madureza das boas obras e as nozes da prudência. Por isso diz o *Eclesiástico*: As minhas flores são frutos de honra e honestidade (24,23). E o *Cantar dos Cantares*: «E o seu fruyto hé doce ao meu gorgomillo.»<sup>71</sup>

Brandos são os orvalhos, cheirosas as ervas do horto, entre elas o nardo da humildade. E que boas mezinhas na palavra de Deus! Os ventos sopram temperados e os ares são bons: Levanta-te, aguião, e tu, ávegro, vem e sopra no meu horto!

Temos ainda os cantares da Sagrada Escritura: «A voz da turtur hé ouvyda ãna nossa terra.» A voz da rola — sonora, mansa e meio escondida entre as árvores! E que aves são estas? Os evangelistas, Sto. Agostinho de «cantar muy amoroso», S. Jerónimo, de «gracioso cantar», e S. Gregório. Compuseram estes doutores «seus cantares pera dançar e balhar». Quanto ao muro que defende a

Sagrada Escritura, basta ler o *Cantar do Amor*, nesta passagem: «Orto çarrado hé a minha irmã, orto çarrado e fonte seelada.»<sup>72</sup>

Temos, ainda, a maneira de ler e ensinar a Sagrada Escritura e tudo, nestas páginas, é imaginoso e sólido. Assenta a Igreja em sete colunas, que são os sete sacramentos. Tem ela um *orto deleytoso* e dele é Cristo o hortelão. Os sacramentos são, por outro lado, sete regatos que saem do *coraçom* de Jesus, e o mesmo acontece à «sabedoria da sancta escriptura», que se firma em Cristo. Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, aqui está «toda arte e toda sciencia». E não há outra mais nobre. Porém, nem todos a entendem. Com efeito, pode até fazer mal aos esquadrihadores vaidosos, pois dizem os *Provérbios* (25,27): Assim como aquele que come muito mel faz-lhe mal, assim acontece aos que tudo querem saber da Sagrada Escritura.

Em rigor, o versículo reza deste modo: «Assim como quem come muito mel faz-lhe mal, assim também o que sonda a majestade [de Deus] será esmagado pela sua glória.» Estudar com humildade, para explicar aos outros e não para ganhar fama. Estudar e fazer, pois dizia Jesus, filho de Sirac: àqueles que piedosamente obram, deu o Senhor Deus a sabedoria<sup>73</sup>. A Bíblia é o canal por onde vêm as águas do Céu. E desta sabedoria até Cristo se serviu, ao responder ao demónio tentador.

Nada valem as riquezas em comparação da sabedoria! Estamos no final do séc. XIV. E como os livros eram geralmente escritos em pergaminho, por isso diz o autor que o tesouro da Sagrada Escritura anda envolto nas «pelles dos livros», para remédio e consolação nossa. A Bíblia dá saúde à alma, eleva o coração ao Céu e desvia-

nos dos desejos terrestres. Quando oramos, falamos com Deus. Quando lemos pela Bíblia, é Deus que fala connosco. Diz o salmista: Senhor Deus, a declaração das tuas palavras alumia e dá entendimento *aos parvos*, quer dizer, aos de pouco saber. Mesmo doentes, ler a Sagrada Escritura! E quando nela achamos fastio e nos parece desenhabida, ler até achar *sabor* na leitura <sup>74</sup>.

A Bíblia forma o homem por dentro e, conto diz S. Paulo, é proveitosa para ensinar. Na verdade, com tal leitura ganha o subtil e também ganha o *boto* de inteligência. Mas o pretensioso, pouco ou nada entenderá <sup>75</sup>.

Viver conforme a Sagrada Escritura! Um letrado de maus costumes assemelha-se a um arganel de ouro no focinho dum porco. Na Bíblia está «a verdadeyra filosofia». E por esta razão exclama o *Eclesiástico*: Bem-aventurado é aquele que vigia cada dia às minhas portas! Esse encontrará a vida espiritual <sup>76</sup>.

Ler a horas certas e com método, porque ler ao deus-dará deixa a alma inquieta e esquecida. Fixar algum ponto especial e pensar nele de vez em quando! Não confiar demais no seu engenho, antes reze e humilhe-se, com fé na bondade de Deus. E tenha a alma pura e o corpo longe dos prazeres, pois somos pecadores e o mal está dentro de nós. Guiar-se por um mestre «de boa vida e sabedor». Ler pausadamente a Escritura e não correndo por ela e à pressa. A natureza, em qualquer obra formosa, põe sempre dificuldade e tempo. Com efeito, «a coisa alta e grande» não se compreende à primeira vista e em pouco tempo. Gente houve que se converteu, lendo as obras profanas dos filósofos. É verdade. Não nos espantemos! De Cristo saem «e nadem todas as sabedorias». Para acabar, a Sagrada Escritura é «a tenda e

o celeiro das specias» bem cheirosas, a que o homem recorre para ter saúde. Fonte de consolação para os tristes, nela nos deleitamos. E as suas páginas são mais para rezar e meditar do que para ler <sup>77</sup>. E para praticar, pois a virtude vale mais do que a sabedoria.

Temos, no *Horto do Esposo*, o melhor tratado, em português, sobre a Sagrada Escritura, e a maior apologia dela. Formosa é a doutrina da Escritura — mais alva do que o leite, mais clara do que a luz, mais preciosa do que o ouro, mais radiosa do que as estrelas. Tem ela o deleite da rosa, assemelha-se à luz do fogo, tens o perfume do incenso e a formosura da oliveira nos campos. Por isso escreve Jesus, filho de Sirac, no *Livro do Eclesiástico*. Eu, a Sabedoria, andei em volta da redondeza do céu, trespassei a profundidade do abismo, andei nas ondas do mar, ensinando claramente que «toda ha universidade das creaturas som criadas por Deus» e nele existem. E esta sabedoria faz que um *rústico* fique acima dum letrado, «que diz cousas falsas». E se a Sagrada Escritura custa a entender, maior é o prazer do que se acha com trabalho <sup>78</sup>.

Apesar destas e doutras páginas do *Horto do Esposo*, será no *Boosco Deleitoso* que o estilo bíblico, sobretudo o dos *Cantares*, atingirá maior extensão e força, pela ficção da alma a peregrinar para Deus, pela correnteza fluente da linguagem e pelas expressões de amor da Sulamita, isto é, da alma contemplativa.

## VI / A BÍBLIA NO «LIVRO DA MONTARIA»

«E foi [Nemrod] um grande caçador diante do Senhor»

(Gen., 10, 9)

Nem todos os escritores de caça falam da Bíblia. Por exemplo, Pero Menino, no seu *Livro de Falcoaria* (Coimbra, 1931). D. João I, esse conhecia-a bem, embora não tanto como a arte subtil de distinguir entre as pegadas dos veados e as dos javalis, e de saber a hora em que eles por ali passavam.

Cita uma sentença do *Livro dos Sabedores*: «mais val aventurar cá em certo perder»<sup>79</sup>. Quem nos dirá se esta sentença vem no *Livro da Sabedoria* ou se é doutra obra diferente? Por vezes, as referências à Bíblia são de conhecimento indirecto. E lança mão da lenda antiga da tristeza de Adão, por a terra não lhe dar senão espinhos e cardos<sup>80</sup>. Conta-nos ele que essa lenda árabe vinha em Lucas de Tuí, autor da «estória geral». Por sinal que vimos a lenda logo nas primeiras páginas da *General Estoria*, de que restam fragmentos em medievo-português<sup>81</sup>.

D. João I fala-nos do *Génesis*<sup>82</sup>, a respeito de Moisés e da criação do mundo, descreve a caça ao urso e a exaltação desses momentos, quando o aparecer da caça grossa só é comparável «com a vista da glória de Deus», onde não sentimos fome, nem sede, nem cansaço<sup>83</sup>. Nestas últimas palavras, ecoa o final do *Apocalipse*, acerca da Jerusalém Celeste.

Ao defender os leigos contra certos pregadores mal humorados contra as caçadas, por vaidosas, afirma ele (e com razão) que um frade a pregar também pode ser vaidoso no púlpito. E recorre ao evangelho: Aquele que é de Deus, ouve a palavra de Deus. Jesus não disse «o que a palavra de Deus prega»<sup>84</sup>, mas o que a ouve!

Uma passagem bíblica, para um escritor medieval, não excluía a razão mas dava-lhe segurança. Ao «lançar a cadela ao caão», ela não deve estar a pensar noutra cão. De contrário, é a este que saem os cachorritos, marcados pela imaginação da mãe. E como reforço da tese (aliás ainda viva em muitas mulheres europeias de hoje), D. João I traz o caso da artimanha de Jacob, quando pôs as «vergas» na água, umas descascadas e brancas, outras não, onde as ovelhas iam beber — e os cordeiros saíam malhados. Isto não é burla! exclama o rei<sup>85</sup>. Até na procriação dos alãos e sabujos entrava a Bíblia.

D. João I vai aconselhando os monteiros a que bem aprendam o seu ofício. Está nisso o bem deles, assim como o bem dos santos está em conhecer a Deus<sup>86</sup>. Outra coisa: A que horas aqui passou o porco bravo e como o podemos saber pelas pegadas? Tinha o monteiro de examinar a frescura da terra, os paus quebrados, as ervas pisadas e o orvalho, se o há. Mas como explicar esta ciência difícil?

Sem esforço e com o ar mais natural do mundo, D. João I põe-se na situação de Jeremias. Enviara-o Deus a pregar ao povo e respondia o profeta: Ai, ai, Senhor, *parvo* (menino) eu sou e não sei que diga! Também o rei não sabe que dizer e reza: Em nossa ajuda vem tu, Espírito Santo nosso Senhor, que és aquele que as línguas «desvairadas» das muitas gentes em uma fé ajuntaste; vem e ajuda-me em esta pequena obra, cá, sem o teu esforço, não posso fazer nada, a vir amostrar em como poderão conhecer esta fresquidão, que se faz na terra, pelo talho da unha do porco <sup>87</sup>. Sentimos, aqui, a leitura dos *Actos dos Apóstolos*, na festa de Pentecostes. Bastaria mesmo escutar qualquer pregador.

A seriedade das comparações bíblicas faz-nos sorrir um pouco. Disse Jesus, no evangelho: Se queres ser perfeito, vende o que tens e dá-o aos pobres. Ora bem, o monteiro, para ser bom, também deve renunciar à sua vontade de *cercar* o javali de qualquer maneira. Se assim não fizer, nunca será perfeito na montaria <sup>88</sup>. Só um caçador de raça pode compreender esta ascese venatória.

Pediu o demónio para cobrir Job de lepra. Por seu lado, disse Cristo não haver maior prova de amor do que dar a vida por alguém <sup>89</sup>. Ora, também os moços dos cães arriscavam a vida. Deviam, por isso, andar limpos e bem vestidos, pois era perigoso o seu mester e digno de prémio. E mais ainda os monteiros, pois andavam com o rei. Fixem bem: O rei! Quando vieram os três magos a Belém, para adorar o Menino, na pessoa deles vinham todos os seus povos <sup>90</sup>. Por conseguinte, servir o rei, na caça, equivalia a servir toda a nação.



Em suma, a Bíblia, em D. João I, tinha bastante atmosfera interior e era-lhe fácil recorrer às passagens e comparações da Sagrada Escritura, que dão tom e sabor a certas páginas do *Livro da Montaria*.

## VII / DO *LEAL CONSELHEIRO* E DO *LIVRO DE CAVALGAR*

«*Filho, sem conselho nada faças*»

(Eccli., 32, 24)

Neste guia para a gente da corte, que é o *Leal Conselheiro*, não procuremos um plano rigoroso, a desenrolar-se em linha recta. São águas dum rio que vai abrindo caminho boamente, embora com capítulos onde vale a pena parar um pouco, como numa estalagem florida à beira-estrada.

Criou-se D. Duarte na Idade Média não-universitária e dela herdou a maneira imaginosa e simples de se exprimir. Foi a espontaneidade e não o «escolarismo» que o levou a comparar o *Leal Conselheiro* a uma cartilha ou «A B C de lealdade»<sup>91</sup>.

Escreve Mendes de Castro<sup>92</sup> que «o *Leal Conselheiro* está constelado de passagens bíblicas, citações textuais, resumos em discurso indirecto e simples alusões». Só insistimos no facto de ele inserir, por vezes, as frases bíblicas com tal naturalidade que um leigo nem sempre distingue entre essas frases e o pensamento do rei. Serão deste ou da Bíblia?

Esforcemo-nos por imitar os virtuosos e tenhamos confiança na graça de Deus, «pois a ssua mão nom hé mais fraca nem abreviada»<sup>93</sup>. São palavras de Isaías (59,1) e o rei ajuntou *mais fraca*, talvez para o leitor compreender melhor o termo *abreviado*.

Há citações bíblicas, localizadas vagamente: *Escrito é...* Ou então: *diz o Senhor...* Mesmo quando aponta expressamente o nome do livro ou do autor, omite o capítulo e o versículo. Declara Salomão no «Livro Eclesiastes» que «nom ha hy cousa nova so o ceeo»<sup>94</sup>. Não há nada de novo debaixo do Sol. E torna a nomear Salomão, sem o nome da obra (e atribuíram-lhe mais de uma) como estas linhas famosas do *Eclesiastes* (3, 1,3): «todallas cousas teem seus tempos, por que tempo hé que traz seu mericimento matar alguũ» e noutra ocasião seria grande pecado<sup>95</sup>.

Gostamos principalmente das citações de cor, entremeadas com a prosa do rei e formando como que um só fio de água. Refere-se de passagem ao Filho Pródigo e ao Publicano, como se não precisassem de ser contados, e mete a Bíblia como se estivesse a conversar, lembrando também que o pai traduziu em português «salmos certos por os finados». Nomeia S. Paulo, para dizer que ele se gloriava unicamente da cruz de Cristo. E ao lembrar-nos este ou aquele nome dos evangelhos, sentimos que o faz a talho de foice e não como um professor de teologia<sup>96</sup>.

Em S. Mateus e S. Lucas lemos que o demónio expulso anda em busca de repouso e que, não o achando, volta para donde partiu. D. Duarte, depois de tecer considerações sobre a luxúria dos velhos, quando estes se embriagam, parafraseia o caso, a seu modo: Quando o espírito sujo, diz ele, é lançado fora pela

abstinência e bom regimento, anda por lugares secos e fora de tais «sobejas humidades de beber. Veendo aquella pessoa desordenar-se no vynho, diz: tornarm'ey a casa» donde saí <sup>97</sup>.

É este à-vontade no uso da Bíblia a melhor prova da sua leitura frequente e de como sabia aproveitar-se dela. Como ele aplica lucidamente a parábola dos trabalhadores da vinha <sup>98</sup>! Contudo, a passagem bíblica mais por extenso, do Novo Testamento, é parte da epístola e o evangelho da missa, quando ele compunha a apologia da Imaculada Conceição — um bom trecho da carta de S. Paulo aos Gálatas e uma larga passagem do evangelho de S. Mateus, por sinal das mais líricas do Novo Testamento. E tomos, aqui, um dos maiores e mais antigos fragmentos evangélicos, em português, chegados aos nossos dias <sup>99</sup>. Não podeis servir a Deus e a Mamona. Porém eu vos digo... Olhai as aves do céu, que não semeiam nem colhem... Considerai os lírios do campo, como crescem, não trabalham nem colhem. Eu vos digo que nem Salomão, em toda a sua glória, é coberto assim como um destes... Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça sempre, «e todas estas cousas vos serom acrescentadas».

Entramos em cheio na imagética bíblica. Mamona significa as riquezas. As aves do céu representam as almas confiantes em Deus. E os lírios do campo são o espelho da providência de Deus no mundo, que veste as flores melhor do que Salomão. E o que dizemos desta passagem, dizemo-lo doutras mais curtas, quando as sete lâmpadas do *Apocalipse* representam as sete virtudes <sup>100</sup>.

Temos ainda a paráfrase do pai-nosso <sup>101</sup> e o cap. 94, *De que guisa se deve leer per os livros dos avangelhos, e outros semelhantes, pera os leerem proveitosamente.*

Não ler muito, de uma vez! Quem não pode suportar até doze *folhas*, leia só três ou quatro. Assim compreenderá melhor e sem enfado. Nalgumas ocasiões, parece-nos que não temos gosto de ler os evangelhos. Ainda assim, experimentemos. E se nos custa ler mais, não teimar, porque viria aborrecimento e fastio. Se não compreendermos, passemos adiante. Há coisas que nem um teólogo entende com perfeição. Podemos, no entanto, consultar alguém, mas pessoa de vida boa e grande saber.

Nunca nos enfademos de ler o mesmo livro, pois descobrimos sempre algo de novo, continua D. Duarte. É repetição? Mas também nós repetimos o pai-nosso, sem fastio! Na leitura, aprendemos, distraímos-nos e gastamos bem o tempo, para nós e para aconselhar os outros. Fora das verdades da fé, não devemos concordar sempre: «em todo vos fazee livre». E nas coisas duvidosas, não decidamos crer ou não crer. Melhor é duvidar que tolamentemente acreditar.

Hoje em dia, seria difícil dar melhores conselhos, para fazer do leitor um homem que pensa e não um homem que decora.

No Dilúvio, os ventos sopravam sobre as águas. E na Idade Média, raro era o livro onde a Bíblia não fizesse ondular as páginas. Por isso, o *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela*, embora não passe duma obra de desporto, também cita a Bíblia. Através das *Colações* de Cassiano, o rei fala, à maneira de S. Paulo, da vontade *carnal* e da vontade *espiritual* e de como elas pelejam entre si <sup>102</sup>. E mais adiante, amplia o tema pauliniano do temor servil e do amor filial <sup>103</sup>. Nenhuma referência a S. Paulo ou à Escritura. Continuamos a volver páginas e páginas e sai-nos esta frase ao encontro, também ela de S. Paulo:

«Ca scripto hé: Nom aquel que pranta nem que rega, mas o ssenhor Deos dá todo boo comprimento» (I *Cor.*, 3, 7). E tudo isto a propósito do que D. Duarte vai ensinar acerca dos defeitos dos cavalos e dos freios, estribeiras e arreios, assim como das «mallicias das bestas» e desastres que daqui acontecem <sup>104</sup>. Conselhos bons, na verdade, mas de nenhum valor, sem graça especial de Deus!

VIII / O LIVRO DA  
VIRTUOSA BENFEITORIA

*«Aprendeí a fazer o bem»*

*(Is., 1, 17)*

Talvez esta obra pertença mais ao dominicano Frei João Verba <sup>105</sup> do que ao infante D. Pedro. Distinguir, porém, o que pertence ao infante D. Pedro e o que veio do seu confessor João Verba, parece-nos um problema difícil de resolver com segurança. Naquele tempo, monges e frades sabiam muita coisa profana. E os leigos metiam, às vezes, a foíce na seara da teologia, da Bíblia e da literatura religiosa. Ainda assim, podemo-nos inclinar, às vezes, para esta ou aquela tese.

Da sua estrutura imaginosa, falámos já noutra obra <sup>106</sup>. Quanto à Bíblia, certos capítulos lembram uma pradaria de breves pensamentos e textos, daqui, dali, de além, inclusive da Sagrada Escritura. Ora, tais mantas de retalhos (e perdoem-nos o aspecto depreciativo da expressão), embora intercalados por ampla sabedoria pessoal, supõem um homem que, ao tratar deste ou daquele assunto, sentia acorrer, ao seu chamado, as passagens bíblicas oportunas, como soldaditos

empenhados numa operação militar. Por exemplo, ao tratar das coisas que devemos receber ou não, a *Virtuosa Benfeitoria* recorda, no fim do capítulo, um bom número de frases bíblicas, com os capítulos apontados e não citados vagamente: Notemos que no trigésimo terceiro capítulo de Isaías se lê... E diz a glosa... Ou então: em o décimo sexto capítulo do *Deuterónimo*... E no quinto décimo capítulo dos *Provérbios*... <sup>107</sup>. Em tais casos, inclinamo-nos de preferência para Frei João Verba, embora sem excluir de todo o infante D. Pedro. Dizem os *Provérbios*, no cap. 18: As palavras deles são água profunda que, por sua claridade, mostra as coisas escondidas, e rio que engrossa a terra do coração humano para fazer fruto, e fonte que tira a sede do nosso entendimento com águas de suas ensinaças <sup>108</sup>. Citação à letra? Não. Citação comentada, pois o versículo 4 só diz: «As palavras saem da boca do varão como uma água profunda; e a fonte da sabedoria é como a torrente que trasborda.»

Muito gosta ele dos *Provérbios* <sup>109</sup> e é vê-lo aconselhar-nos a fugir dos maus: Por isso diz «o sabedor», no cap. 4 dos *Provérbios*: Não tomes deleitação em o caminho dos maus, e a sua carreira não te seja prazível, que eles não dormem até que não façam maleza; comem pão de crueldade e bebem vinho malicioso; o seu caminho é cheio de trevas e, onde menos cuidarem, lhes falecerá <sup>110</sup>.

São quatro versículos (14, 16, 17, 19) do citado cap. 4 dos *Provérbios*, quase sempre com aquelas repetições e paralelismos que tanto nos agradam no estilo semita.

O *Livro dos Provérbios*, pelo seu estilo, está de acordo com a densidade verbal de Séneca, enxuto e sentencioso. Mas Frei João Verba (optemos por ele) não se limita a um só livro da Bíblia e vemos a facilidade com que ele



relaciona o Testamento Velho e o Novo, unindo o salmo 40 às bem-aventuranças <sup>111</sup>.

A esmola da viúva, frases esparsas dos evangelhos (dai e recebereis...), parábolas de Cristo, o agradecimento do leproso e outras cenas do Testamento Novo entram, sem pedir licença, na *Virtuosa Benfeitoria*, e não cortam o fio da narrativa. Noutros casos, sentimos a Bíblia na penumbra do livro, não a Bíblia bem citada mas diluída aqui e ali, à maneira de sugestões: E, plantando árvore em areia leve, que com pouco vento azinha se arranca, sobre pedra sem sumo espargem semente, espalhando benefícios e não outorgando, pois não podem dar fruto <sup>112</sup>.

Sem dizer onde foi buscar a água, a *Virtuosa Benfeitoria* lança, aqui, mão das parábolas evangélicas do imprudente que constrói uma casa sobre areia e não em alicerces firmes, e do semeador cuja semente cai, em parte, nas rochas secas e ali morre.

Em certas ocasiões, dá-se uma actualização da Bíblia. Compara os fidalgos aos apóstolos <sup>113</sup>, Josué e Abraão são *duques* dos judeus <sup>114</sup>. Das citações bíblicas, isolamos: O homem nasce e seca-se assim como «a frob», e foge como a sombra <sup>115</sup>. Do muito que poderíamos dizer, quase chega o que alegámos para assinalar a presença da Bíblia numa obra tencionalmente à base dum escritor pagão — mas que ficou de todo em todo cristã.

Também na *Virtuosa Benfeitoria* temos uma paráfrase do pai-nosso, ao pedir a graça para escrever a obra <sup>116</sup>. Já a transcrevemos criticamente. Vamos agora dar o começo, em ortografia corrente: Padre nosso, que sobre tôdolos céus sois exalçado, praza-vos de o vosso nome ser louvado por minha obra, em guisa que eu seja merecedor do celestial reino, sendo a vontade do vosso prazimento cumprida em mim, que sou terra. Esguardai, Senhor, a

mim, vosso filho, que na árvore da verdadeira cruz gerastes com grande dor. E vede como jazo no vale da ignorância, desejando subir à serra alta do conhecimento verdadeiro. E porém, seja vossa mercê de me outorgardes, cada dia, o pão da vossa infinda misericórdia... <sup>117</sup>

Menos sentidos e de menor musicalidade rítmica são os comentários ao pai-nosso, no capítulo *em que se mostram as cousas que devemos pedir a Deos* <sup>118</sup>. Disto, porém, falámos há muito e de como Frei João Claro trasladou em português a paráfrase poética de Fernán Pérez de Guzmán <sup>119</sup>.

IX / A BÍBLIA NAS CRÓNICAS  
DE FERNÃO LOPES

«O Senhor disse a Moisés: Escreve isto num  
livro, para recordação»

(Ex., 17, 14)

São as obras profanas e escritas por leigos que melhor nos revelam a intensidade presencial da Bíblia no mundo não clerical, sobretudo em frases a que chamaremos *secundárias*, embora não intrusas. Nascem impelidas, muitas vezes, pelo inconsciente religioso e pelas reminiscências que nele se acumularam. Fernão Lopes é disto um caso típico, a partir da *Crónica de D. Pedro*.

A cobiça é a raiz de todo o mal, escreve ele, ao lamentar o assassínio torpe do Rei Vermelho <sup>120</sup>. Repetia a sentença paulina: «Com efeito, a raiz de todo o mal é a *cobiça*» (I *Tim.*, 6,10). Em moedas que o rei mandara lavar, lia-se em latim: «Deos ajuda-me e faze-me excellenter vencedor sobre meus inimigos <sup>121</sup>». Ora, este grito de angústia ouvimo-lo em vários salmos.

Ao descrever a simpatia do rei D. Fernando e a sua estatura, diz que ele era de razoada altura, vistoso, tal que, estando entre outros homens, «posto que conhecido nom

fosse, logo o julgariam por Rei dos outros»<sup>122</sup>. Quase à maneira de Saúl, notamos nós, ao ser coroado: E Saúl pôs-se «no meio do povo e viu-se que era mais alto do que todo o povo, do ombro para cima». E não havia ali homem igual a ele (I *Reg*, 10,23).

Pedro de Luna (o futuro anti-papa) afirma que nunca adorará o bezerro de ouro nem o ídolo de Babel. Porém, veio o cisma, escreve Fernão Lopes, e desta guisa, por nossos pecados, ficou «o corpo místico da Igreja» com duas cabeças. E aqui temos o eco da famosa imagem pauliniana do corpo místico de Cristo, de que nós somos os membros. Segundo o testemunho de Nuno Álvares, diziam alguns «que melhor hé obediência que o sacrifício»<sup>123</sup>. Pelo menos, o irmão dele assim falava, para o ter quieto. Trata-se duma frase bíblica de circulação corrente, expressa no *Livro do Eclesiastes*: «É melhor a obediência do que as vítimas dos insensatos» (4,17). Por fim, ao chegar a morte, ouvimos a confissão do rei D. Fernando: má conta daria ele a Deus do seu reinado! E recordamo-nos do imperativo duma parábola evangélica: «dá contas da tua administração». (*Luc* 16,2). Tudo acabara e D. Fernando «deu a alma a Deos». *Tradidit spiritum*, como diz S. João Evangelista, na morte de Cristo.

Além do juramento sobre a hóstia<sup>124</sup>, havia o juramento sobre os evangelhos «corporalmente tangidos»<sup>125</sup>. O conde João Fernandes Andeiro escapou duas vezes de morrer, porque «aimda nom vehera a sua hora»<sup>126</sup>. E Fernão Lopes, ao explicar a boa sorte do Andeiro, limitou-se a empregar uma frase de Cristo, nas bodas de Caná: «Ainda não chegou a minha hora.»

Mais tarde, ao contar a morte de Rui Pereira, com uma virotada na testa, disse: «lamçou aquell fidallgo o spiritum».

É uma frase igual à de S. Mateus, na morte do Senhor: *emisit spiritum* (27,50).

Como ovelha tresmalhada, lemos agora uma referência clara à Bíblia: Uns choravam entre si, maldizendo seus dias, como se dissessem com o Profeta: «Hora veesse a morte ante do tempo e a terra cobrisse nossas faces, pera non veermos tantos malles.»

Contudo, as mais das vezes, temos flores anónimas, tão esparsas e sem apresentação que só um clérigo poderá detectá-las, umas vezes isoladas, noutros casos em modesto ramallete: Aproveesse àquele Senhor, que é príncipe das hostes e vencedor das batalhas, que não houvesse aí outra lide nem peleja, senão a sua; e ordenou que o anjo da morte estendesse mais a sua mão e percutisse asperamente a multidão daquele povo que não ouviu falar do Deus dos Exércitos.

Ora, quem não leu a expressão bíblica de Deus dos Exércitos? E quem não se recorda do anjo da morte, que encheu de cadáveres o acampamento dos assírios? E o anjo da morte era a peste.

Temos, a seguir, o sermão do franciscano Frei Rodrigo de Sintra, em acção de graças pelo levantamento do cerco de Lisboa. Lá surge, de novo, o anjo que matou, numa só noite, cento e oitenta e cinco mil assírios. E é da Bíblia que o pregador tira várias das suas comparações: do cerco da Samaria, da morte de Holofernes, das pragas do Egipto e da peste que levou consigo todos os primogénitos daquela terra, etc. Comparações, dissemos nós, e também um pouco do seu estilo <sup>127</sup>.

Quase por instinto, o frade, no final, pede a todas as criaturas que bendigam e cantem para sempre o santo

nome de Deus. E, nestas passagens de cunho bíblico, o ritmo parece-nos maior.

Devemos obedecer mais a Deus do que aos homens, exclama João das Regras. Isto vinha já nos *Actos dos Apóstolos* (5,29) e entrara na circulação do sangue português. Num elogio de Nuno Álvares, escreve o cronista que ele era como a estrela da manhã. Esta imagem bíblica passou às ladaínhas de Nossa Senhora e tornou-se corrente: «Como a estrela da manhã no meio da névoa...», diz o *Livro do Eclesiástico* (50,6). É Deus quem dá a vitória, pois em seu poder está o *vemçimento*. Aqui temos um elemento básico da mundividência medieval. Nuno Álvares também insistia neste ponto, mas isso não o impedia de conduzir a batalha como quem joga uma implacável partida de xadrez <sup>128</sup>.

Chegamos, talvez, ao ponto mais interessante. Segundo uma crónica mais antiga, em latim, D. João I, antes da batalha de Aljubarrota, arengara às tropas, «usando do costume de Juudas Macabeu». Abrimos a Bíblia e, de facto, Judas Macabeu arengara logo na primeira batalha comandada por ele (I *Mach.*, 3, 18-22). Pois bem, o discurso do rei de Portugal (afora um pouco, no fim) é praticamente igual ao de Judas Macabeu: «É coisa fácil virem a cair os muitos nas mãos de poucos, diz Judas Macabeu, porque para o Deus do Céu não há diferença entre salvar com muitos ou com poucos, visto que a vitória, na guerra, não depende da grandeza dos exércitos mas da força que vem do Céu. Eles vêm contra nós, em multidão contumaz e soberba, para nos perderem a nós, às nossas mulheres e aos nossos filhos, e para nos espoliar. Mas nós pugnaremos pelas nossas vidas e pelas nossas leis e será o Senhor que dará cabo deles à nossa vista. Vós, porém, não os temais». E agora

D. João I: Amigos e senhores, não embargando que nossos inimigos venham a nós em grande multidão, como vedes, não queirais temer o espanto que põem, como já disse, mas sede fortes e não temais nada, pois que ligeira coisa é ao Senhor Deus subjugar muitos em mãos de poucos. E pois eles vêm a nós com grã soberba e desprezamento, por nos destruir e roubar e tomar mulheres e filhos e quanto acharem, e nós por nossa defesa e do reino e da nossa Madre Santa Igreja pelejamos com eles, e vós vereis hoje como todos são vencidos e derribados ante nós. Etc. <sup>129</sup>

Quer-nos parecer que se trata dum discurso mais ou menos forjado, à base do *Livro dos Macabeus*. E resumamos o que nos falta dizer: Num capítulo sobre Frei João da Barroca, lembra-nos Fernão Lopes a visão, em sonhos, do Faraó, «das vacas e das espigas». O Mestre de Aviz tinha discípulos escondidos que, à maneira de Nicodemos, não ousavam ainda mostrar-se às claras. O Mestre, dizia o povo, era o Messias de Lisboa. No mesmo sentido, a gente da rua declarava que Rui Pereira morrera pelo povo, como Jesus <sup>130</sup>.

Havia coisas da Bíblia que o zé-povinho ignorava, mas não o cronista. Por exemplo, que o filho do rei Dario concedera ao profeta Neemias licença para reconstruir as muralhas de Jerusalém. E os judeus iam colocando pedras com uma das mãos e, com a outra, seguravam a espada. Assim fizeram os portugueses no cerco de Lisboa <sup>131</sup>. Havia fome, faltava trigo e seria preciso o milagre de Cristo, quando ele multiplicou os pães e «fartou os çimquo mill homeens» <sup>132</sup>.

Como se vê, muitas das comparações vêm da Bíblia. E Fernão Lopes, ao louvar a rectidão perseverante de Nuno Álvares, em tempo de paz, referia-se a alguns que

começavam a vida quando deviam de acabar «e delles moryam prymeiro, ante que a começasem»<sup>133</sup>. Ecoa, nestas linhas, o *Livro do Eclesiástico* (18,6; 44,9). Isto, porém, não significa que Fernão Lopes o fosse consultar. As vezes, era mais uma atmosfera do que um estudo metódico e directo.

Enfim, a partir da Sagrada Escritura e citando-a vitoriosamente, Frei Pero celebrou a vitória de Aljubarrota, sem esquecer os trezentos homens de Gedeão, que deram cabo dos inimigos — e eram tantos como gafanhotos!

Seja juiz o Senhor Deus!, eis outra expressão corrente da Sagrada Escritura. E diga-se o mesmo do elogio de Nuno Álvares que, podendo fazer o mal, não o fez. Neste caso, Fernão Lopes cita em latim (*Ecdi.*, 31,10), embora abreviando o texto e sem dizer o lugar onde se encontrava: *Potuit enim facere malum et non fecit*<sup>134</sup>. Falava-se da Bíblia à vontade, como falamos duns versos d'*Os Lusíadas*, sem garantir bem se eles são exactamente assim, nem a que canto pertencem.



## X / CRÓNICA DA TOMADA DE CEUTA

«*Uivai, naus do mar*»

(Is., 23, 1)

Zurara, nesta obra, tem páginas que entraram, depois, na glória de Oliveira Martins, ao contar os preparativos para a expedição de Ceuta e o saque da cidade. Quanto à presença bíblica, há no prólogo uma qualidade que o estraga: a citação demasiado frequente da Sagrada Escritura, com o título da obra e o capítulo, ou então o nome do autor. Estaria certo num teólogo ou num pregador. Num cronista, é demais. Em pouco espaço <sup>135</sup>, ouvimos citar os evangelhos de Mateus, João e Lucas, os salmos, o *Livro de Job*, o *Livro de Tobias*, o *Génesis*, a primeira carta de S. Paulo a Timóteo, outra de S. Tiago e o *Apocalipse*. Só nas epístolas é que omite o número do capítulo. Na esteira de Fernão Lopes, compara as façanhas dos portugueses à gesta dos Macabeus «e doutros muitos duques» <sup>136</sup>, e acaba por invocar a Virgem Maria.

Até aqui, o prólogo. Ao mergulhar na «estória», modera-se a valer e a Bíblia rareia por vezes. Na fala de D. João I ao Mestre Frei João de Xira, ao Dr. Frei Vasco Pereira e a outros, aparecem algumas palavras de Cristo, mas sem nenhuma citação. Nem ficaria bem <sup>137</sup>.

Responderam os letrados não ser preciso «queimar muitas camdeas», para responder à consulta do rei. Sim, era lícito levar a guerra a Ceuta e a Marrocos. Bastava ler a história dos seus antecessores e olhar para as bandeiras reais, que «mostram a paixão de nosso Senhor Jesu Christo», a partir da batalha de Ourique. E lembram as epístolas de S. Paulo, Moisés e outros «duques guiadores» do povo de Deus, mas sem erudição barata. O infante D. Henrique respondeu ao pai, lembrando-lhe o salmista: Pois que o Senhor é na minha ajuda, não temerei coisa que faça o homem <sup>138</sup>.

Ajuntar, aqui, o número do salmo ou do versículo, seria pedante. Nem talvez D. Henrique o soubesse. O pai abraçou-o «com a boca cheia de riso» e acrescentou, noutra lugar, que tinha de lavar a sua consciência, do sangue cristão por ele derramado, no sangue dos infiéis. Pois lá diz a Sagrada Escritura que por onde cada um peca, por ali deve fazer penitência <sup>139</sup>. Era um versículo do *Livro da Sabedoria* (11,17). Dar esmolas ou rezar, insistia o rei, não ficaria tão bem. Rezar pertencia mais aos clérigos e aos frades. Esmola (e grande!) era o dinheiro gasto na «santa romaria» contra Ceuta. Falava ele a Dona Filipa de Lencastre e talvez o dissesse um pouco por graça.

Eis, porém, que o próprio Zurara despe a capa austera da erudição, para nos lembrar que «Sallaman, em seus provérbios», diz que a maior parte da bem-aventurança do homem, neste mundo, consiste em ter

«boa mulher»<sup>140</sup>. E de facto, diz o *Eclesiástico* (26,1): «Bem-aventurado o homem que tem uma boa mulher.»

Nuno Álvares Pereira também se lembra da Bíblia, ao falar da expedição de Ceuta, e repete um versículo do salmo 117: «Esto hé feito do Senhor, e hé maravilhoso amte os nossos olhos».<sup>141</sup>

Quantas hipóteses sobre o destino da armada! Lá diz a Escritura: Onde verdade se esconde, ali se multiplicam muito mais palavras. E com efeito, vem no *Eclesiastes* (10,14) que «o tolo multiplica as palavras». etc. Fica-nos, pois, a impressão agradável de que a Bíblia entrou no fio de água português e nele se dilui. Dona Filipa de Lencastre promete orar, como Moisés, e não chorar por ver o marido ir para longe. E ao morrer, lembra aos filhos que Jesus Cristo é o leão vencedor, de que fala o Ofício da Santa Cruz<sup>142</sup>. Trata-se dum frase triunfal do *Apocalipse* (5,5): «eis que venceu o leão da tribo de Judá», etc.

Por vezes, sucedem-se as referências bíblicas, sem lugar citado: Aconselha Salomão a não andar *de cote* sobre brasas, para que não *escaldem* os pés (*Prov.*, 6,28), e a não trazer fogo no seio, que se queimam os vestidos. Por isso diz o *Apocalipse*: «Nome teens que vivas e és morto.»<sup>143</sup>

Temos, assim, que Zurara deixou, no prólogo, quase toda a solenidade escriturística. Ele poderia escrever, por exemplo, que as palavras atribuídas a Salomão vêm no *Livro dos Provérbios*: «Acaso pode o homem esconder o fogo no seu seio, sem arderem os seus vestidos? Ou pode ele andar por cima de brasas, sem queimar as plantas dos pés?» (6,27-28). Porém, não disse e até inverteu a ordem do texto bíblico.

Do amor que unia D. João I e a sua mulher, bem se pode afirmar, com Salomão, «no Camtar dos Camtares,

que era forte como a morte»<sup>144</sup>. A vida não é senão uma *tralladaçam* que fazemos do ventre (da mãe) ao sepulcro, segundo diz Job<sup>145</sup>. E o *Livro de Job* traz, na verdade: «tivera sido como se não fora, desde o ventre trasladado para a sepultura» (10,19).

Esta concepção da vida, como viagem entre o berço e o sepulcro, manter-se-á eternamente forte, e ressalta, por exemplo, em *El Gran Teatro del Mundo*, de Calderón de la Barca.

Ninguém sabe se é digno de amor, se de ódio<sup>146</sup>, afirma a Escritura. Contudo, Zurara não nos lembra que tal frase pertence a S. Paulo e que este a herdou do *Eclesiastes* (9,1). Deus prova-nos como ouro no fogo, nota D. João I. Mas não declara que tais palavras vêm dos *Provérbios*. Mais adiante, esta crónica transcreve uma boa passagem de Ezequiel e Jeremias, apontando então os capítulos donde tirou essas linhas. Quanto a Frei João de Xira, esse já não podia falar da Bíblia ao de leve. Por isso, a cada passo alega a Sagrada Escritura, fala-nos da Terra da Promissão e da mãe dos Macabeus — em geral com maior rigor. E é de comparações bíblicas que o pregador lança mão, por exemplo ao declarar que D. João I era, à maneira de Moisés, «coudell do seu povoo»<sup>147</sup>. Mas são os Macabeus que levam, em Frei João de Xira, a parte do leão.

O capelão-mor do infante D. Henrique, Martim Pais<sup>148</sup>, antes de as tropas desembarcarem chama a atenção para a parábola dos homens que vão trabalhar para a vinha. D. João I era um deles. E, lembrando o cerco de Betúlia e a batalha de S. Miguel com os seus anjos, nomeia os capítulos dos livros sagrados, o que nos faz pensar que Martim Pais levava já preparada esta arenga às tropas.

O sermão de Frei João de Xira <sup>149</sup>, na sagração da catedral de Ceuta, tal qual vem aqui, anda longe do tom exacto de Martim Pais, embora diga Zurara que Frei João de Xira alegou «muitas autoridades» da Santa Escritura. Uma coisa é certa: Frei João de Xira, ao referir-se à transformação da mesquita de Ceuta em catedral, lembra-se de Cristo a expulsar os vendilhões do Templo. Assim *actualizavam* eles a Bíblia e faziam dela ponto de referência para a vida quotidiana.

## XI / FREI JOÃO ÁLVARES

*«sofreram ludíbrios e açoites; e além  
disto, cadeias e prisões»*

*(Hebr., 11, 36)*

Não será um escritor brilhante, mas diz com exactidão o que sente e pensa. Além disso, foi um dos precursores da literatura de campos de concentração <sup>150</sup>. Frei João Álvares toma por modelo os «evangelistas» e afirma, à maneira de S. João, que só escreve o que os seus olhos viram e os seus ouvidos ouviram. Levava-o Deus a comer amargura e a beber lágrimas, naquela última ceia das prisões e trabalhos de Marrocos. E também ele se recostara no regaço do Senhor e ouvira «muytos segredos». O Senhor, aqui, era o infante D. Fernando. Estamos em plena figuração bíblica. E as reminiscências da Sagrada Escritura seguem-se umas às outras. A exemplo da Cananea, desejava «comer das migalhas dos sobre avondantes mereçimentos» que caíam da mesa do Infante Santo. E esta biografia era a moedazinha oferecida pela pobre viúva de que fala o evangelho. Como ela, Frei João Álvares, no *Tratado da*

*Vida e Feitos do Infante D. Fernando*, dava tudo o que podia <sup>151</sup>.

Pela sua profissão religiosa e por acompanhar sempre o Infante Santo na reza litúrgica, a Bíblia ia assentando no seu subconsciente e no de D. Fernando: temos de dar conta das palavras ociosas, comerás o pão com o suor do teu rosto, não sabeis o que pedis (frase do Infante Santo) eram reminiscências bíblicas, sem nota de origem. S. João Evangelista, na primeira epístola (5,4), afirma: «esta é a vitória que vence o mundo, a vossa fé». E o Infante Santo, por sua vez, pede aos prisioneiros que tenham paciência, pois «a vossa vitória não está em al senom em soffrer pola santa ffé catholica» <sup>152</sup>. O que mais temia e mais receava, agora o vejo sobre mim <sup>153</sup>. Sem talvez o pensar, D. Fernando repetia uma frase de Job (3,25): «Porquanto o temor, que eu temia, me veio, e me aconteceu o que receava.»

Frei João Álvares cita em latim um versículo do salmista: «O pecador abriu um fosso e caiu no fosso que ele cavou!» E outros exemplos, no final da obra. O que maior importância tem é o desafio à guerra santa contra os mouros, dirigido ao infante D. Henrique, a partir duma passagem do *Apocalipse* (6,10): «Vingua, Senhor, o sangue inoçente de voso irmão...» O tom veemente alonga-se e prolonga-se, à maneira dum pranto e duma incitação enérgica à desforra sagrada. Esta chegou, com D. Afonso V, talvez demasiado tarde <sup>154</sup>.

Numa carta para os monges de Paço de Sousa, ao apresentar-lhes a sua versão portuguesa da *Regra de S. Bento*, lembra-nos Frei João «Álvares a comparação evangélica do ladrão que não sabemos a que horas chega. E emprega estas palavras que nem todos os leigos entendem: «O padre das companhas, senhor de todallas

cousas.» Qualquer clérigo pensa logo no Deus dos Exércitos e Senhor do Mundo <sup>155</sup>.

Ministro e despenseiro de Cristo, o bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. Deus é «lume que alumea todo homem que vem a este mundo», etc. São tudo folhas que, ao correr da pena, se desprendem facilmente da árvore da Bíblia para esta carta-prólogo <sup>156</sup> da *Regra de S. Bento*. E a carta ganha em sensibilidade e em força.

De Bruxelas, escreveu Frei João Álvares aos monges de Paço de Sousa, a apresentar-lhes a sua tradução duns sermões pseudo-augustinianos (*Sermones ad Fratres in Eremo Commorantes*), compostos na Bélgica, nos séculos XII ou XIII, e atribuídos ao Pseudo-Geoffroy de Bath. Pois bem, Frei João Álvares fala-nos da parábola antiga dos membros e da cabeça. Pode a cabeça dispensar os membros? Não! E podem os membros ordenar à cabeça: «Vai-te que te nom avemos mester?» Também não. Que temos aqui, senão uma parábola decalcada numa carta de S. Paulo aos coríntios, com os membros (inclusive a cabeça) a insinuarem que não precisam uns dos outros? Mas Frei João Álvares traz mais em claro as relações dos membros e da cabeça, quer dizer, dos monges e do abade que os guiava <sup>157</sup>.

A mim, insiste ele, escolheu Deus «e me chamou aa luz deste mundo, do ventre» de minha mãe, e me ungiu com o óleo da sua misericórdia e me pôs neste lugar, entre vós <sup>158</sup>. Sem dizer água-vai, aplica a si as palavras lidas por Cristo, na sinagoga de Nazaré (*Luc*, 4, 18): «O Espírito do Senhor repousou sobre mim, pelo que ele me consagrou com a sua unção e enviou-me a pregar o evangelho dos pobres.»

A imagem bíblica do livro da vida, uma referência à parábola do homem que principiou a construir a torre e



não a pôde acabar <sup>159</sup>, e ponhamos em relevo a sua insistência na luta «contra as affeições do mundo e da carne»: Tentados, mas não vencidos, «nem sobrepojados». Ninguém será perdoado, se não «pelejar fortemente». Tomemos, pois, o escudo da paciência, lembrando-nos dos trabalhos de Cristo. Pensemos que «nom hé o discipulo sobre seu meestre», nem o servo maior que seu senhor <sup>160</sup>.

Se as últimas palavras derivam do evangelho, tudo o mais enraíza em S. Paulo, sem aliás o citar. Nestas cartas, Frei João Álvares usa linguagem corrente, entremeada com pensamentos da Sagrada Escritura, sobretudo na missiva de Bruges, a enviar-lhes a tradução portuguesa da *Imitação de Cristo*. Tais pensamentos vêm por si mesmos, como pássaros em seara amiga: Bradei tanto, até que enrouqueci, mas falarei nem que seja a um só, pois entrei «no agro de Deos e meti a mão na messe pera a trazer à eira». Se desprezarem as minhas cartas (parece-nos ouvir S. Paulo), pode ser que haja alguém que as estime. Frades e filhos amados, eu vos admoesto a que vos guardéis da companhia dos seculares que, assim como leões famintos, andam em busca de quem destruam! Eles espalham, entre vós, a cizânia da divisão...

Respigámos, aqui <sup>161</sup>, as frases mais típicas e são estas a embalar tudo o mais. Citações bíblicas bem claras, só de longe em longe e a isso pouca importância damos. Para nós, o que mais vale é a fecundação, pela Bíblia, da literatura portuguesa — às vezes só uma frase a dar o tom e a pôr a página em movimento. Em certos casos, sabemos com certeza donde vem tal ou tal expressão. Noutros casos, ondulamos na dúvida, como na comparação dele, abade, com o cajado dum velho, para não cair <sup>162</sup>. Podia ser do *Livro de Tobias* (5,23; 10,4). E

também podia ser uma comparação popular, usada ainda hoje. Tanto faz. A Bíblia, como o vento, sopra um pouco por toda a parte.

## XII / HORAS DA CONFISSÃO

«*Não te envergonhes de confessar  
os teus pecados*»

(Eccli., 4, 31)

Estão aqui, porventura, as páginas mais rítmicas da nossa prosa medieval, precisamente porque modeladas nos salmos. Ora bem, conta-nos o rei D. Duarte, no *Leal Conselheiro*, que D. João I fez um «livro de oras de sancta Maria e salmos certos por os finados». Quanto ao infante D. Pedro, compôs umas «oras da confissom»<sup>163</sup>. Estas podiam ser, acrescentamos nós, as que publicou Frei Fortunato de S. Boaventura, nos *Inéritos de Alcobaça*<sup>164</sup>, com as respectivas matinas, laudes, terça, sexta, noa, vésperas e completas. Tudo em português, inclusive os hinos. Podiam. Simples hipótese.

Nunca a prosa medieval, repetimos, atingiu, entre nós, tão grande musicalidade, sobretudo no invitatório inicial, à maneira dos breviários:

Senhor, peço-te que abras os meus beyços, qua sem ti nom tenho poder, e a minha boca confessará a multídom de meus

peccados. Ajuda me, Senhor, a me lembrar de meus erros, e esforça-me a me tirar per confissom delles, per que mereça dignamente dizer: Glorificarey a ty, Senhor, que és Padre e Filho e Spiritu Sancto. Se per confissom for limpo, per tua misericórdia serey perdoado. *Louvemos ergo todos ao Senhor, que hé perdoança dos peccadores e gualardam dos justos.*

E vós, poderes da alma e sentidos do meu corpo, viinde con dereyta entençom e sancto desejo, e confessemo-nos ao Senhor, e como fostes ajuda e parceiros em meus erros, assi seede quinhoeiros em minha tribulada confissom; e pera o podermos fazer, *louvemos ao Senhor, que hé perdoança dos peccadores e gualardam dos justos*, que nos ajude, porque elle hé Deos piedoso e rey de grande misericórdia, que nom despreza a confissom por multidom de peccados, e o coração tribulado recebe dele mercê e perdom, *perque hé perdoança dos peccadores e gualardam dos justos.*

Todalas creaturas elle formou e non se asconde cousa aa sua sabedoria, por ende choremos ante elle e confessemos os peccados, que en sua presença fizemos, e entom *louvemos ao Senhor, que hé perdoança dos peccadores e gualardam dos justos.*

Ó, quantas vezes os seos amoestamentos soaram em minhas orelhas, e eu endurentey o meu coração, per que encorri em graves temptaçoes aa minha alma muyto dampnosas! *A elle ergo nos tornemos, que hé perdoança dos peccadores e gualardam dos justos*, porque sempre ho achey chegado em minhas tribulaçoes, mostrando-me os erros porque as padecia, e eu, nom obedecendo a seos castigos, cay em sua ira per meos merecimentos, dos quaes emendado, *louvemos ao Senhor, que hé perdoança dos peccadores e gualardã dos justos*<sup>165</sup>.

Neste invitatório, à base do salmo 94 e fragmentos de outros, entre eles o salmo 50 (*Domine, labia mea aperies...*), sentimos um frémto novo, com uma espécie de refrém a bater a mesma nota penitencial. Só quem sabe de cor o enquadramento litúrgico da antiga reza do breviário, ao

principiar o ofício de cada dia, pode atingir bem a gestação desta página.

O resto vai seguindo até às completas, guiando o leitor ao longo dum exame de consciência, lúcido e doloroso, onde entram os dez mandamentos da Lei de Deus e os sete pecados mortais, passados a pente fino, mas longe da miudeza doutros livros da confissão. Pretendia-se mais excitar a contrição do que dilucidar cada pecado, um por um, em todas as suas formas.

É um estilo correntio, o de tais páginas, com o mesmo final em cada exame parcial: «Glorificarey a ti, Senhor, que és Padre e Filho e Spiritu Sancto.»

Para além do invitatório, recordações de salmos, com a marca do arrependimento: «Nom reguardes, Senhor, sobre tantos pecados com sanha...»; «Senhor, amercea-te de mim...»; «Bem aventurados e sem mágoa som os que andam, Senhor, em tuas carreyras.»<sup>166</sup>. Inútil acentuar, por exemplo, que a última citação é o começo do salmo 118: «Bem-aventurados os que se conservam sem mancha no caminho, os que andam na lei do Senhor.»

Há outras passagens da Bíblia que a inspiração do anónimo autor arrasta consigo, como um vento brando, deixando-as aqui e além: «Os peixes do mar e o mar, que os cria, nom passam os termos que lhes devisaste.»<sup>167</sup> Está aqui a essência do salmo 103 e uma frase dos *Provérbios*, em louvor da Sabedoria: «Quando circunscrevia ao mar o seu termo e punha lei às águas, para que não passassem os seus limites.»

Lemos esta antífona: «Non entres en juizo, Senhor, com o teu servo, nem me julgues com o rigor da tua justiça, cá se per ella for julgado, por minha avareza non escaparei da morte eternal.» Ou este grito de exilado: «Av, mizquinho de mim, que o meu desterramento hé muyto

prolongado!»<sup>168</sup> E ainda: «Quando te chamey muitas vezes, me ouviste, Senhor, nos dias das minhas tribulaçoens.»<sup>169</sup> São fáceis de verificar, estes fragmentos salmódicos, um deles adaptado ao remorso da avareza. E basta escutar de longe este versículo do salmo 85 (*No dia da minha tribulação clamei por ti...*), para nos assegurarmos do que vamos dizendo. Tudo sem nenhuma citação, mas de textura perfeita e formando um conjunto: «Nas tuas mãos, Senhor, encomendo o meu spiritu, que me remiiste per tua preciosa morte. Encomendo o meu spiritu nas tuas mãos, Senhor. Guarda os meus olhos de todo pecado, Senhor. So a sombra de tuas aas me defende e empara que non pereça.»<sup>170</sup> Sentimos, aqui, a Paixão do Senhor; e é fácil ver, na derradeira súplica, um dos pedidos do salmo 16: «Defende-me debaixo da sombra das tuas asas.»

Também, S. Paulo deixou a sua pegada, embora breve: «Non nos assanhemos, hirmãos, nem demos em nós lugar aa ira, que scripto hé que a vingança a Deus pertence, e quem a leixar por el, receberá boo gualardam.»<sup>171</sup> Estamos na carta de S. Paulo aos romanos (12,19), em transcrição livre, para melhor se incorporar nas *Horas da Confissão* e no seu estilo.

Mas ponhamos de parte esta farragem erudita. É no tom musical e salmódico, assim como na emoção penitencial, que devemos fixar-nos. Sentimos, em longas passagens, um estilo quente de sensibilidade introspectiva, adulta e dolorosa, mas onde não falta a referência aos «truães», assim como aos que gostam de lhes dar dinheiro e ouvir «cantigas e trovas d'amores»<sup>172</sup>. Se fosse o infante D. Pedro a escrever tais páginas, francamente, teria feito uma obra exemplar, em belo estilo bíblico logo no começo. Mas nada podemos saber do autor.

### XIII / POESIA RELIGIOSA DO SÉC. XV

«*Eu te saúdo, ó cheia de graça*»

(Luc., 1, 28)

Noutro lugar falaremos do *Cancioneiro Geral*. Aqui, principiamos por uma poesia em louvor da Virgem, no final do cód. alc. 213, em letra gótica. Leite de Vasconcelos já a publicou, nos seus *Textos Arcaicos* (Lisboa, 1923). É uma poesia em latim rítmico e português, com esta quadra a repetir-se no final de cada oitava, à maneira de refrém:

Toda muy fermosa,  
genitrix virgo Maria,  
es muy delectosa,  
flos ortorum, vite via.

A cópia não oferece segurança. Com efeito, em lugar de flos ortorum, deve ser *fons hortorum*, do *Cântico dos Cânticos* (4,15). Fonte, e não flor, que irriga o horto da esposa dos *Cantares*. É fácil descobrir, nestas estrofes, a imagética da Bíblia. Sabemos todos que Nossa Senhora

teve, na esposa dos *Cantares*, a sua figura e profecia: «Tota pulchra es, amica mea» (*Cant.*, 4,7). Bastava rezar as Horas de Nossa Senhora para lentamente se irem fixando estes louvores:

Tu es exalçada  
supra choros angelorum,  
muy glorificada,  
summa regina polorum.

Se *regina polorum* tem ressonância clássica, resto documenta a influência da Bíblia, por exemplo quando fala da Virgem Maria, «vistida de ouro fim, / mais que seraphim / in excelsis gloriosa». Pensamos no salmo 44, 10: «apresentou-se a rainha à tua mão direita, com manto de oiro». E se passamos à oitava seguinte, temos os dois primeiros versos: «Virgo singularis, / parayso deleytoso.» Recuamos ao *Génesis* (2,15), quando o Senhor pôs o homem *in paradiso voluptatis*. Num paraíso delicioso.

Uma vez por outra, reminiscências vagas a dominar, esteticamente, esta poesia medieval:

Virgo sublimata  
mais que cedro mui fermoso,  
celis elevata  
como aciprés gracioso.

Com efeito, são imagens e comparações do *Livro do Eclesiástico*. E as comparações sucedem-se umas às outras: estrela da manhã, fonte de águas vivas (*fonsque perennalis...*), lírio, rosa.

O hino *Ave Marias Stella* (Salvé!, ó Estrela do Mar!) data já do século IX e foi glosado nas línguas europeias. Em 1506, por ocasião da peste, Luís Anriques escreveu



dele uma bela paráfrase <sup>173</sup>. Frei Fortunato de S. Boaventura publicou outra, anónima. E a imagem estrela do mar enche, por inteiro, uma estrofe. Mas é noutros versos que vamos fixar-nos:

Virgem foste escolhida  
E ab início creada,  
Virgem depois de parida,  
Non ficando corrompida,  
Antes mui glorificada;  
Ditosa porta do Ceo,  
Porta mui resprandecente <sup>174</sup>.

Porta do Céu, vem no *Génesis*. E no *Eclesiástico* 24,14), vemos a frase: «Fui criada desde o começo, antes dos séculos...» E embora a Bíblia se refira, aqui, à Sabedoria, aplica-se liturgicamente à Virgem Maria.

Contudo, é em Mestre André Dias <sup>175</sup> que as loas a Nossa Senhora adquirem maior repercussão escriturística:

Tu fuste saudada  
virgem Maria bem aventurada,  
e de Gabriel chamada  
*ave graça plena;*  
reçebeste novella,  
dolçissima donzella,  
e depouys te chamaste ançilla e serva <sup>176</sup>.

Não passam tais versos duma versão lírica da narrativa de S. Lucas. Belém, os Reis Magos, a morte dos Santos Inocentes, tudo isto deixamos na sombra. Ao louvar Nossa Senhora, pela festa da Epifania, ouvimos de novo as frases bíblicas *ançilla e serva...*; um *boy e huum asno*

*manjador...*; uma *estrella se levantou...*; etc. <sup>177</sup> Em tais poesias, afloram, aqui e além, imagens deste tipo: torre de fortaleza, jardim, flor de Nazaré, rosa, lírio e, mais uma vez, estrela da manhã. Sobretudo estrela <sup>178</sup>. Numa destas cantigas, ecoa, outra vez, a saudação do anjo à Virgem Maria: «Beenta sejas tu, estrella matutina...»; «Benedicta sejas tu, rosa do parayso...»; «Benedicta sejas tu, das molheres a mayor...»; «Benedicto seja o fruyto do teu ventre sanctissimo...»

Da imagética do Testamento Velho, sobressaem fonte, lírio, oliveira frutífera <sup>179</sup>. E tudo isto é a Virgem Maria! Quanto à estrela da manhã, vemo-la no *Eclesiástico* e no final do *Apocalipse*: «Eu sou a raiz e a geração de David, a estrela esplendorosa e matutina» (22,16).

No *Cântico dos Cânticos*, enraíza parte da imagética deste cancionero, principalmente nas canções de tipo místico:

Venha o meu senhor Jhesu e desçenda en no seu orto,  
e hy faremos nosso deporto  
e tomarey prazer e grande conforto,  
... ..  
Venha a mym o meu amor perfeyto,  
venha ao meu jardim fazer todo seu deleyto  
e eu lhe aparelharey huum leyto  
de bellas flores e rosas todo çercado <sup>180</sup>.

E, noutro lugar, afirma ser o «namorado» de Jesus. E não só aqui <sup>181</sup>. Essa palavra dá o tom geral das poesias em busca do amado: minha alma, busquemo-lo e, quando o acharmos, «com el muyto nos alegremos»:

De trás as flores e lilios e brancas rosas,  
venha o boo Jhesu a veer suas esposas <sup>182</sup>.

Estamos em pleno estilo dos *Cantares*. E a poesia segue, mais à frente: «Oo namorados do boom Jhesu, / viinde ora e busquemollo no orto.» E ainda: «Andemos e busquemo-lo /per as rosas que som en no verde prado.»<sup>183</sup> E um pouco antes, noutra cantiga, diz: «Floreçam os prados per toda a ribeira / e venha o meu Jhesu per sua carreira.»<sup>184</sup>

Chega a parecer quase uma nénia de mulher, a suspirar pela ausência do amado: Vem a mim, ai, meu esposo!, eis o pensamento geral, nestes versos. E as sugestões repetem-se e aumentam, por vezes, em força:

Este meu esposo bello  
vem a mym e reguarda per janella e cançello,  
.....  
Floreçede ora meu jardino  
e reçebede o meu Jhesu benyno  
e cantar-lhe ey o matutino,  
como a meu senhor muyto amado<sup>185</sup>.

São tudo ecos da esposa dos *Cantares* (2,9): «Ei-lo que está por trás do muro, olhando pelas janelas, espreitando através das gelosias.»

Quem não compreender espiritualmente estes versos, poderá detectar, aqui e no *Cântico dos Cânticos*, um subconsciente erótico quase brutal: «Oo espasmo atam deleytoso, / quanto tu es muyto amoroso / e es muyto doçe e graçioso.»<sup>186</sup> O texto não deixa dúvidas sobre o carácter espiritual da frase — o que não impede certa ambiguidade para os leitores alheios a este género de literatura.

XIV / O *BOOSCO DELEITOSO*  
SOB O SIGNO DO  
*CÂNTICO DOS CÂNTICOS*

*«O meu amado é para mim como um  
ramallete de mirra»*  
(Cant., 1, 12)

É no *Boosco Deleitoso* que o *Cântico dos Cânticos* paira mais alto, em toda a nossa literatura medieval, ao passar para além de Petrarca, à vista do Monte da Contemplação.

Já falámos do enredo e da imagética da obra <sup>187</sup>, assim como da alegoria do matrimónio espiritual. Sentimos a Bíblia mesmo nas vastas páginas marcadas pela presença de Petrarca — e essa marca da Sagrada Escritura e as suas transcrições frequentes nada têm a ver com o humanista italiano.

Quando aconselha *pedi e recebereis*, e nota, mais adiante, que o Senhor «é justo e direito» <sup>188</sup>, limita-se a citar o evangelho e a repetir um pensamento vulgar no Testamento Velho: «Justus es, Domine, et rectum judicium tuum» (*Ps.*, 118, 137). Mesmo quando o peregrino fala de si, chega a empregar expressões bíblicas, por exemplo «as trevas da morte». O caminho estreito do

*Boasco Deleitoso*, pregou-o Cristo. E as referências às pedras preciosas reflectem as descrições do *Apocalipse*. Tudo, porém, longe de citações a preceito. O autor digeriu a Bíblia, se nos permitem a expressão, e dela herdou a doutrina e as imagens. Vinde a mim todos aqueles que «sodes em trabalhos e tristeza, e eu vos consolarei. Ca o espirito do Senhor Deus e a sua craridade é sobre mi e ele me enviou pera ameezinhar os contritos de coraçom e pera consolar os tristes e os chorosos, pera lhes dar óleo de misericordia polo luito que houverem, pera lhes dar manto de alegria polo espirito do choro». E aqui temos nós, logo depois dum versículo do evangelho, uma longa passagem de Isaías (61, 1-3), adaptada à maneira de falar de «aquela dona mui fremeosa», a Ciência da Sagrada Escritura <sup>189</sup>.

De facto, é em estilo bíblico que as figuras desta ficção se exprimem, entre elas a Ciência da Sagrada Escritura e a Misericórdia: «Trabalha de dar a esmola, e nom retornes os teus olhos, quando vires o pobre; nom despreces a alma famiinta e nom sejas aspero ao pobre em a sua pobreza; nom afrigas nem atormentes o coraçom do pobre, e nom perlongues o que hás de dar ao apressado; e nom enjeites o rogo do tribulado.» <sup>190</sup>

Estamos no *Livro do Eclesiástico*: «Filho, não prives o pobre da sua esmola, nem apartes dele os teus olhos. Não desprezes quem tem fome, nem exasperes o pobre na sua necessidade. Não aflijas o coração do desventurado e não retardes a esmola ao necessitado. Não rejeites a petição do tribulado» (4, 1-4). Tudo isto, repetimos, sem dizer água-vai, como se ignorasse a Bíblia! E sirva de exemplo, sobretudo para alguns eruditos pouco lidos, que julgam esta obra um pasticho de Petrarca. Nem os trechos de tipo bíblico nem a ficção têm nada a ver com Petrarca. E

esses trechos são muitos <sup>191</sup>, ao longo dum enredo que vai do começo ao fim do volume .

A Bíblia e as personagens deste romance místico entrelaçam as palavras, formando um todo natural, de escritos e pensamentos, com páginas frementes, sobretudo quando se recordam os salmos. E que lirismo na exclamação ansiosa: «Oo morada do deserto, verde e frolida com as frolas de Jesu Christo.» <sup>192</sup> Ou então, este refrém penitencial: Amerceia-te de mim, pecador!

O que dissemos dos salmos, podemos afirmá-lo de Job, cujo nome aqui não figura: «Pereça o dia em que eu foi nado! Pera que saí do ventre de minha madre, pera haver trabalho e door e seerem os meus dias consumidos em confuson? Ai de mi, minha madre, porque me geeraste filho de amargura e de dor? Ai, mizquinho, porque nom foi eu morto em o ventre, ou porque nom morri tanto que saí dele? Pera que foi criado pera seer queimado e seer manjar de fogo? Ora eu fosse morto em no ventre de minha madre e ela fosse a mi sepulcro perduravil, assi como se fosse traladado do ventre pera o moimento.» <sup>193</sup>

Qualquer letrado medieval recordar-se-ia que estas frases quase todas vêm das lamentações de Job. Já falámos, por outro lado, no *Livro do Eclesiástico* e a ele temos de voltar, quando o peregrino chega ao Campo Gracioso e contempla a Sabedoria que nasceu «da boca do mui alto Senhor». É que a Sabedoria exprime-se nos termos do *Eclesiástico* ou nele inspirados: «Eu som madre de fremoso amor e de conhocimento e de santa esperança. Em mi é graça de toda verdade. Trespasa-te pera mi, tu que me cobiiças, e eu te fartarei e comprirei das minhas geerações, ca o meu esprito é doce mais que o mel e o favoo.» <sup>194</sup> E a alma, de olhos fitos nos degraus

do Monte da Contemplação, repete a exclamação do salmista (54, 7): Ó Senhor, quem dará a mim asas assim como de pomba e avoarei para o Monte da Contemplação?<sup>195</sup>

No alto do Monte da Contemplação, num pomar florido, brilhava uma linda casa de sete colunas, à maneira do que já vimos no *Horto do Esposo*. Eram as colunas de ouro e assentavam em socos de prata — e as paredes da casa claras e formosas, bem lavradas e cobertas de ouro resplandecente e pedras preciosas. Pelo teto transparente via-se o Céu<sup>196</sup>.

Não se decalca, nesta descrição, a Jerusalém Celeste do *Apocalipse*. Contudo, o estilo assemelha-se e é nisto que devemos fixar-nos. Nisto e no entrelaçamento fácil de sugestões longínquas da Sagrada Escritura: «Esta é a casa do Senhor Deus, firmemente edificada. Boa cousa é que moremos aqui.»<sup>197</sup> E se, na primeira parte, temos as palavras de Jacob, no *Livro do Génesis*, na segunda ouvimos a exclamação de S. Pedro no Monte Tabor.

Dentro do palácio, estendia-se o leito da Sabedoria, onde ela «folgava e dormia»<sup>198</sup>. Pensamos no *Cantar dos Cantares*. Durante a noite, no meu leito, procurei a quem o meu coração ama! Ou então: «Como és formoso, meu amado! Como és encantador! O nosso leito é florido» (*Cant.*, 1, 15).

Entramos agora na grande alegoria do matrimónio, deixando mil coisas para trás, pois é melhor apontar caminhos do que obrigar o leitor a percorrê-los sem discriminação. Estamos nas páginas mais inspiradas pelo *Cântico dos Cânticos*.

Estando eu despercebido, conta o peregrino espiritual, eis que a voz do meu amado bate à porta da minha alma, dizendo: «Abre-me, irmã minha, esposa minha.» E eu e a

minha alma respondíamos: Atende um pouco! Espera um pouco! E a ordem para esperar repetiu-se mais vezes. E quando o amado entrou no tálamo da minha alma, esta não podia deter-se «e lançava-se subitamente aos beijos ao seu amado»<sup>199</sup>.

Tanta desenvoltura amorosa deriva do *Cantar dos Cantares*, cujo tom é o mesmo: «Abre-me, ó minha irmã, minha amiga, minha pomba» (*Cant.*, 5, 2). A alma é a Sulamita. Ou Sulamitis, como outros escrevem. Simboliza a alma contemplativa: «Quem é esta que sobe polo deserto, assi como verga dilicada e delgada de fumo que saae das espécies de mirra e de encenço e dos outros poos do espicieiro?» E a esposa, delgada e direita como vara erguida na planura, respondia-lhe envolta em perfumes de «virtudes»<sup>200</sup>.

Mais adiante, outra pergunta do esposo, também ela dos *Cantares*: «Quem é esta, que se alevanta e se vai longe, assi como a alta manhã quando se levanta, fremosa assi como a lũa e é escolheita assi como o sol?»<sup>201</sup> Um clérigo medieval, recordar-se-ia da passagem correspondente dos *Cantares* (7, 9). E em torno desta frase, vai também girando a exposição da experiência mística da alma *embebedada*<sup>202</sup>. Não diz o amado, nos *Cantares*, que já bebera o vinho e o leite, acrescentando: «inebria-i-vos, caríssimos?»

Ritmado pelo pensamento e pela amorosa linguagem dos *Cantares*, ouvimos o amado exclamar no *Boosco Deleitoso*: «Levanta-te, amiga, minha esposa, e vem-te ao paaço celistrial. Ca já passou o inverno da vida do mundo, que assi como frio te apertou ataa ora. Já trespassarom as chuvas das muitas mizquindades sem conto, que passaste. As froles das tuas obras aparecerom ante mi e derom boõ odor de virtudes em na terra



celestrial. Levanta-te trigosamente, amiga minha, fremosa minha, poomba minha, esposa minha, e vem-te, ca eu cobiço a tua fremosura.» E a Sulamita responde: «Fremoso e aposto és tu, meu amado; tira-me depós ti, e eu correrei em odor dos teus inguentos; porque, assi como deseja o cervo as fontes das águas, assi desejo a tí, meu Senhor Deus.»<sup>203</sup>

Por fim, chegou o peregrino à Terra da Promessa, à cidade bem-aventurada do Paraíso. Lá, não há trevas, nem noite, nem mudanças de tempo. Ali não brilha a luz da Lua nem a do Sol, nem das estrelas, nem de nenhuma candeia, porque o Cordeiro tudo alumia. Grande é a Cidade de Deus, povoada de anjos e santos! E lá não entra a Morte!

Aqui, o *Apocalipse* sobe agora à flor da água. Ele e as palavras de S. Paulo acerca do que viu no Paraíso. Sente-se uma pungência vaga, uma saudade do que ainda não vimos. E pensamos em *Babel e Sião*, de Camões. Contudo, é o perfume da Sulamita que mais nos impressiona. E é nestas páginas nobres, inspiradas pelo *Cântico dos Cânticos*, que a nossa literatura mística, da Idade Média, atinge o seu ponto mais alto.

## XV / LEITURAS BÍBLICAS, ESTILO E HEBRAÍSMOS

*«E tomei o livro da mão do anjo e devorei-o,  
e na minha boca era doce como o mel»*

*(Apoc., 10, 10)*

Completa ou incompleta, em versículos isolados ou juntos, na boca dos pregadores e moralistas, a Sagrada Escritura andava nos púlpitos e nas mãos da gente letrada. E é ver como Frei Paio de Coimbra a citava <sup>204</sup> em latim, e depois certamente em português, para o povo entender. Tantos textos bíblicos ele e Sto. António metiam nos sermões e depois traduziam e explicavam que a gente analfabeta aprendia muita Bíblia, à força de assistir aos sermões — e muitos eram eles, naquele tempo.

No séc. XIV, D. João de Cardaillac, ao fazer o elogio fúnebre da «mísera e mesquinha» Inês de Castro, compara longamente D. Pedro e Inês a Abraão e a Sara, no Egípto, quando o Faraó desconhecia que eles estavam casados. Foi em latim que o sermão chegou até hoje <sup>205</sup>,

mas seria absurdo pregá-lo nessa língua, pois D. Pedro queria a reabilitação pública de Inês de Castro, diante do povo e da fidalguia.

Por seu lado, a *General Estoria*, de Afonso X, o Sábio, abre pelo *Génesis* e vai até às guerras dos Macabeus, embora com a história profana largamente intercalada. Como a Bíblia reinava nesta obra de grande fôlego! O primeiro *Livro dos Reis* abrange quase cem grandes páginas, ele e os comentários em volta. Ora, nós sabemos que se lia castelhano em Portugal e que a *General Estoria* foi vertida em medievo-português<sup>206</sup>.

Na biblioteca do rei D. Duarte, havia, em português, *O Livro dos Evangelhos*, os *Actos dos Apóstolos*, o *Genesy*, *O Livro de Salomom*, *coberto de bezerro*, e uma *Blivia*<sup>207</sup>. Se esta era uma Bíblia, no sentido rigoroso da palavra, ou uma simples *Bíblia Historial*, isso não sabemos. E diga-se o mesmo do *Génesis*. Porém, quanto aos Evangelhos, deviam estar por extenso, tanto mais que, no testemunho de Fernão Lopes<sup>208</sup>, D. João I «fez grandes letrados tirar em linguoagem os avamjelhos e autos dos Apostolos e epistolas de São Paulo».

D. Duarte ajunta que o próprio pai traduziu em português, além das Horas de Nossa Senhora, os «salmos certos por os finados»<sup>209</sup>. Enfim, temos a livraria, ou melhor, o seu catálogo, dos Franciscanos de Nossa Senhora de Matozinhos. Havia ali um «livro da vida de Christo e evangelhos», em papel «bem roto», e um «livro dos avangelhos e epistollas», em papel de boa letra e velho<sup>210</sup>. E noutro inventário anterior, lemos, talvez mais explicitamente: «livro em papel dos avangelhos e epistollas de sam Paulo em lingoagem»<sup>211</sup>. Seria, porventura, a versão ordenada por D. João I, onde só vinham também as epístolas de S. Paulo? E as outras?

Também existiram em português, ligeiramente glosadas, e foram acrescentadas aos *Autos dos Apóstolos* <sup>212</sup>, mandados imprimir em Lisboa no ano de 1505. Só elas e não as de S. Paulo.

É no corpo dos *Autos dos Apóstolos* que podemos encontrar o texto quase integral dos *Actos dos Apóstolos*, com as aventuras de S. Paulo em terra e sobre as águas amargas <sup>213</sup>.

Petrus Comestor escreveu, no séc. XII, a *Historia Scholastica*, onde resumia os sucessos do Antigo Testamento, desde a criação do mundo até aos Macabeus, com explicações e comentários por vezes fastidiosos. Por isso, no séc. XIV, um tradutor português (ou alguém antes dele) reduziu bastante a farragem do comentarista e assim nasceu esta pequena bíblia historial do Antigo Testamento: *Histórias d'abreviado Testamento Velho, segundo o meestre das histórias scolasticas, e segundo outros que as abreviarom, e com dizeres d'alguns doctores e sabedores*, editadas por Frei Fortunato de S. Boaventura e, mais tarde, por Serafim da Silva Neto <sup>214</sup>.

Porém, se no original de Petrus Comestor falta, por exemplo, o *Livro de Job*, certo é que nasceu em português e livre de comentários a *Estória de Job*, da chamada *Bíblia de Lamego*. Não é a obra completa, pois resume ou omite, aqui e além. Contudo, a *Estória de Job* chega para merecer o nome que tem <sup>215</sup>. Nome e renome:

Homem naído de molher vive pequeno tempo,  
comprido de muitas mizquindades;  
que sae asy como frol e he trilhado,  
e foge asy como a sombra,  
e numca está em huê estado firmemente.

E, Senhor, por aguissado ás tu de abrires os teus olhos  
sobre tal coussa como esta

e trazello comtigo em juizo.

Quem pode fazer limpo aquelle que he comçebido de samge  
çujo, senam tu somente?

Pequenos e breves sam os dias do homem,  
e o comto dos messes delle he açerqua de ty,  
e os seus dias asy como de jornaleiro <sup>216</sup>.

E algumas páginas adiante, esta expressão violenta: Eu disse à podridão: tu és o meu pai e a minha mãe; e disse aos vermes: vós sois a minha irmã.

Grandes fontes de leitura bíblica para todos foram também *os Livros de Horas* em português, pois continham muitos salmos e «lições» da Sagrada Escritura, que depois influíram na *Barca da Glória* <sup>217</sup>.

Ocasionalmente, encontramos, nalguns *Livros de Horas* em latim, o saltério mariano do Pseudo-Boaventura <sup>218</sup>. Ora, havia outros saltérios marianos, à maneira do Pseudo-Boaventura, moldados também nos salmos bíblicos e adaptados à Virgem Maria. Um deles está em português de quatrocentos, no iluminado n.º 4, da Bibl. Nac. de Lisboa, nas *Horas de Santa Maria*. Damos já a adaptação do salmo 8:

Senhora, nossa senhora, em como hé maravilhoso o teu nome; sobre todollos çeeos o teu filho te quis enxalçar em grandeza; da boca dos profetas recebeste grandes louvores, devendo que tu divias de destroyr ho ymiigo. Senhora, pera comtenprar as grandezas tuas, esguardar quero os çeeos e a luña e as estrellas que as mãos do teu filho fizeram. De grado saber queria que te fezemos, que te asy de nós lembras, ou que cousa hé homem pera lhe fazeres tamtas merçees; porque, senhora, em pouco menos nos teens tu que os anjos e sobre todallas criaturas que o teu filho fez, em a tua vomtade, que os asy quiseeste estremar; que tu es a que sojugaste sob o teu pee a

gram besta que sojugava toda a terra, e todollos seus servidores foram de ti vemçidos <sup>219</sup>.

Será preciso dizer que as últimas palavras se inspiraram no *Apocalipse*? Apesar de tudo, salvou-se ainda alguma coisa do esquema rítmico. Mas é essencial saber ler, correntemente, esta linguagem arcaica e conhecer bem o salmo original.

E agora, um passo em frente: «a xiii dias do mes de fivreiro, Era do senhor de mil e quinhentos annos», em Paris e graças aos esforços de Frei João Claro e Luís Fernandes, acabaram de se imprimir as *Horas de Nossa Senhora* (e não só elas), tudo em português. Este volume, deve entrar na literatura do final do nosso século XV, não só pelo seu idioma mas também pela força lírica da sua linguagem, um estilo diferente do humanismo clássico e semelhante ao que marcaria profundamente a obra de Samuel Usque.

Permitam-nos um pequeno rodeio. Os onze salmos atribuídos aos «filhos de Coré» são dos melhores cânticos da Bíblia. Sabemos também que o paralelismo faz parte da poesia semita, com dois membros em cada verso, embora haja salmos de ritmo ternário. Paralelismo, isto é, correspondência dos pensamentos e, muitas vezes, de palavras. Basta abrir o *Livro dos Provérbios*: «A casa dos ímpios será destruída,/a tenda dos justos prosperará».

No paralelismo de sentido igual, o segundo membro diz o mesmo que o primeiro, em termos equivalentes: «Os céus proclamam a glória de Deus,/e o firmamento publica a força das suas mãos».

No paralelismo de antítese, o segundo membro do versículo põe em relevo o primeiro, pelo contraste que

ressalta do sentido oposto: «O temor de Javé prolonga os dias,/mas os anos dos ímpios tornam-se curtos».

No paralelismo de síntese, o segundo membro do versículo completa o sentido do primeiro: «Mais vale encontrar uma urso a quem tiraram os filhinhos,/do que um imbecil cheio de confiança na sua parvoíce».

Ora, no Ofício da Virgem Maria <sup>220</sup>, temos o salmo 45, precisamente um dos atribuídos aos «filhos de Coré». Em vez de dois pontos, a separar os membros, colocamos um traço oblíquo:

Deos nosso socorro e virtude, ajudador em as tribulações /as quaes muyto acharam a nos outros.

Porém nã temeremos em quanto será tornada ha terra / e será trespassados os montes em o coração do mar.

Soaram e folgarã tornadas as águas delles / tornados sam os montes em a fortaleza delle.

Ho ímpito do ryo alegre a çidade de Deos / sanctificou a sua morada ho muy alto.

Deos em meyo della nã será movido / ajudará Deos a ella, dêz manhaã a alvorada.

Torvadas som as gentes e abaixados som os regnos / deu a sua voz e movida hé a terra.

Ho senhor das virtudes hé com nós outros / ho reçebedor nosso hé Deos de Jacob.

Viinde e veede as obras do senhor / quaaes sinases há posto sobre a terra,/ tirante as batalhas ataa a fim da terra.

Ho arco romperá e quebrantarã as armas / e os escudos queimarã com fogo.

Emtendee e veede porque eu sã Deos /serei exalçado em as gentes e serey exalçado em a terra.

Ho senhor das virtudes hé com nós outros / reçebedor nosso hé Deos de Jacob <sup>221</sup>.

Na reza ou no canto de milhares de monges, clérigos e leigos, este ritmo tinha forçosamente de marcar a sua psicologia e o escritor-possível de alguns deles. Mas às vezes não podemos distinguir. *Que Deus tenha piedade de nós!*, eis uma exclamação ouvida, não sabemos onde. Mas equivale ao versículo salmódico, repetido a cada passo: *Deus misereatur nostri...* Que Deus se compadeça de nós!

O gosto da repetição dum vocábulo ou duma parte da frase adquire anormal intensidade neste cântico famoso, também ele das *Horas de Frei João Claro*, e de que só damos o começo:

Bendizee todallas obras do senhor e ao senhor / louvaio e exalçaiõ pera sempre.

Bendizee os anjos do senhor ao senhor / bendizee os çeeos ao senhor.

Beendizee todallas áugoas que sobre os çeeos som ao senhor / bendizee todallas virtudes do senhor ao senhor.

E o cântico de sabor cósmico alonga-se e prolonga-se neste embalo de berço <sup>222</sup>, em que um versículo abre o caminho ao outro. Para acabar, paremos ainda um pouco na beleza imagética do Ofício de Nossa Senhora: «Assy como ho çedro emxalçada som em o Líbano, e assy como ho açipreste em ho monte de Syon, e assy como a palma em Cades e assy como a pranta da rosa em Jhericó»... <sup>223</sup>. Ou escutemos o dramatismo de Job, numa dessas «lições» do Ofício de Finados, que tanto impressionaram Gil Vicente: «deixame pois, Senhor, por que chore a minha door huñ pouco, antes que vaa e nom torne aa terra trevosa e cuberta da obscuridam da morte» <sup>224</sup>.

Antes que eu vá e não torne! E chegam até nós os versos de Shakespeare, em *Hamlet*: «The undiscover'd country from whose bourn/no traveller returns».



Era impossível que tais leituras não carreassem consigo alguns hebraísmos para a língua portuguesa, através da assimilação da Bíblia. São muitos os nomes hebraicos. E lembramos alguns vocábulos de origem hebraica: Abade (do aramaico *abba*), aloés, cinamomo, cominho, gálbano, hissopo, mirra, nardo, aleluia, ámen (assim seja), Éden, jubileu, levita, maná, nazir, querubim, páscoa, sábado, safira, etc.

Temos ainda certas expressões como o «rei da glória» em vez de «rei glorioso»; «coroa de glória», em vez de «coroa gloriosa»; «espírito de mentira», por «espírito mentiroso»; «jardim de delícias», em vez de «jardim delicioso»; «Terra da Promissão», por «Terra Prometida» e sobretudo o genitivo de valor superlativo, por exemplo «Cântico dos Cânticos» ou «Cantar dos Cantares», como também se diz, para significar o melhor de todos eles. E na mesma linha, « vaidade das vaidades » e pelos « séculos dos séculos »<sup>225</sup>.

Tanto gostava Afonso X deste genitivo de valor superlativo que o vemos, por exemplo, nas *Cantigas de Santa Maria*, no refrém da cantiga n.º 10: *Rasa das rosas e Fror das frores/Dona das donas, Sc» dos sennores*. E em latim, num epitáfio em versos rítmicos dum bailio de Leça, do século XIV, lemos estes dois versos: *Ut rosa flos florum/ fuit Stephanus prior priorum*. Assim como a rosa é a flor das flores, assim foi Estêvão o prior dos priores<sup>226</sup>.

## XVI / A BÍBLIA AOS QUADRADINHOS

«De quem é esta imagem e inscrição?»

(Math., 22, 20)

Gostaríamos de chamar a este capítulo *pré-história da literatura aos quadradinhos*, agora tão florescente. Na Idade Média, ilustravam-se os manuscritos da Bíblia com desenhos, por vezes a cores e duma força enorme, como o *Apocalipse do Lorvão* e obras similares, com algo de espectacular e poderoso <sup>227</sup>.

Mesmo antes da imprensa de Gutemberg, de tipos móveis, publicava-se já a *Bíblia dos Pobres ou Biblia Pauperum*, no começo em quarenta páginas xilografadas, onde figuravam pessoas e cenas da Bíblia, com o Antigo e o Novo Testamento relacionados entre si. As legendas eram em latim e, mais tarde, em «romance». Uma pessoa olhava à vontade e lia depois as frases explicativas da gravura, como hoje, no cinema, ao assistirmos a um filme «em estrangeiro», com letreiros em português.

Com a imprensa de tipos móveis, publicaram-se grandes Bíblias com gravuras em madeira, à maneira da

Bíblia de Colónia, de 1480. O leitor ia percorrendo as figuras, se podia.

Nas margens de muitos *Livros de Horas* impressos, saltam à vista gravuras parecidas. Nas margens e, às vezes, em quadros de página. Neste caso, a gravura grande relaciona-se geralmente com o texto escrito onde se encontra. Por exemplo, a anunciação do anjo a Nossa Senhora assinala o começo do Ofício da Virgem Maria.

Gravuras bíblicas, dissemos nós, embora misturadas com muita farragem profana, que só distraía o leitor: desportos, cenas de caça e matilhas de cães, faunos, piqueniques, bulhas de garotos, tipos a tocar gaita-de-foles, flores, etc. Mas isto não impedia o domínio religioso. E assim, nas *Horas* de Thielman-Kerver, pouco depois do calendário, assistimos à criação do mundo, contemplamos Eva a sair, de mãos juntas, do costado de Adão adormecido. Muito para diante, em pequenas proporções, a Arvore de Jessé, com Nossa Senhora e o Menino no topo dela: a flor e o fruto. E agora, uma pausa, para um *Livro de Horas*, em português, impresso em Paris no ano de 1500.

Falámos da sua existência em várias ocasiões e F. Leite de Faria descreve-o nos seus *Estudos sobre Damião de Góis e a sua Época* (Lisboa, 1977) n.º 196: *Horas de nossa Senhora segundo costume Romão, com as horas de spirito sancto e da cruz e dos finados e sete psalmos e oraça de sam Lyõ papa e oraça da empardeada e com outras muytas e devotas oraçoões*. Desdobramos as abreviaturas, assim como no cólofon: *Asy se acabam com o divino ajuctório as oras de nossa senhora com as outras devotas oras e oraçoões, segundo custume romãoo, tresladado todo de latim em linguaajem portuges, visto e emendado per o reverendo frei Johã Claro, purtuges, doctor em a sancta theologia, e Luis Fernandez, outrosi purtuges, studarte em artes,*

*criado da rainha de Portugal dona Lyanor. Foy todo em Paris  
ẽpremido por mestre Narciscus Brun elemão (sic), a xiii dias do  
mes de fivreiro, Era do senhor de mil e quinhentos annos.*

Ora bem, é nestas Horas em português, a que chamaremos *Livro de Horas de Frei João Claro*, que vamos contemplar os tais quadradinhos. São de origem francesa, está claro, mas têm os letreiros em português, afora nas duas Danças dos Mortos, uma de homens e outra de mulheres, e pouco mais. De facto, na Dança dos Mortos, cada personagem traz ainda a sua profissão (ou estado) na língua de origem: *le bourgeois*; *le chanoine*...; *le marchand*...; *le chartreux*... Mas, repetimos, o resto das notas explicativas vem no idioma de Frei João Claro e Luís Fernandes. E destinava-se tudo a portugueses.

A Bíblia leva aqui a parte de leão e começa pela história de José do Egipto, tintim-por-tintim, em vinte e sete quadradinhos marginais, com os respectivos letreiros. Vemos os irmãos de José a metê-lo numa cisterna e depois a vendê-lo «aos mercadores». Para darem uma satisfação ao pai, tingem depois a túnica do rapaz «com sangue de cabrito» e levam-na a Jacob, dizendo que uma fera o tinha devorado. Assistimos aos vários passos da tentação da mulher de Putifar, à sua vingança e à ascensão de José ao poder, no governo do Egipto. Nem falta um quadrinho, com José em cima dum burro, a percorrer os campos do Egipto, no tempo das ceifas. Por fim, vemos chegar a sua vasta família ao Egipto, terminando a historiazinha com José a lavar hospitaleiramente os pés dos irmãos.

Bastava ler os letreiros. Aprendia-se muito em pouco tempo e em menor espaço. E era uma literatura mais útil e formativa do que a dos quadradinhos de hoje.

Adiante, podemos assistir à história de Heli e ao nascimento do profeta Samuel, de Ana sua mãe. E cá temos o paralelismo bíblico dos desenhos. A mãe da Virgem Maria, segundo a tradição, chamava-se Ana também. E ambos os nascimentos tinham sido anunciados por Deus e tocados pela graça. Começa, pois, o nascimento e vida de Nossa Senhora, a partir da aparição, contada nos apócrifos e *flor sanctorum*, do anjo a S. Joaquim e a Sta. Ana — e por aí fora, até à anunciação do anjo a Nossa Senhora, ao nascimento do Menino Jesus e tudo o mais, para só acabar na descida do Espírito Santo. Ao todo, umas cem gravuras ou mais. Lá está S. Joaquim a pastorear as ovelhas. Vemos uma mulher a encher uma celha de água, para lavar Nossa Senhora ao nascer e contemplamos a apresentação da Virgem Maria no Templo. Um quadrinho representa Nossa Senhora a trabalhar no tear. Noutro, vemos os esponsais dela com S. José e assistimos ao episódio da vara florida. O presépio e os pastorinhos têm graça. A tropa anda na peugada da Sagrada Família, a caminho do Egipto, e S. José leva ao ombro um saco enfiado num cajado. E faz pena a morte dos Santos Inocentes. O Menino Jesus entre os doutores, as bodas de Caná, o baptismo de Jesus, no rio Jordão, as tentações no deserto, com um demónio de cara faunesca, milagres e mais milagres de Nosso Senhor, a transfiguração, Jesus e a Samaritana junto do poço, a multiplicação dos pães, a última ceia e a paixão e morte do Senhor, o suicídio de Judas, os discípulos de Emaús (onde, no quadrinho, um cão de sabor medieval rói um osso esbrugado), tais gravuras entendem-se bem, mesmo quando não têm letrreiro. Mas as sem letras são em minoria. E não falamos dos quadros de página, como um do Natal, com quatro Pastores e duas pastoras. Por

sinal que, neste quadro, deixaram os nomes em francês e um dos pastores oferece um grande queijo à Virgem Maria. Gravuras de página, há ainda outras. Contudo, os quadrinhos em série, em torno duma pessoa ou duma história, é que foram os precursores dum género de literatura vulgaríssimo e adaptado às crianças e ao povo.

Há quadrinhos tresmalhados, vemos o retardatário S. Tomé a apanhar a cinta azul que Nossa Senhora, no dia da Assunção, lhe lança dos ares, sorrimos do rei David, à janela, a espreitar Betsabé a tomar banho. Em oito quadros, conta-se a parábola do Filho Pródigo, a quem «as amigas», diz um leteiro, abandonaram, depois de ele dar cabo da fortuna. Segue-se a história da casta Susana, perseguida por dois velhotes frascários e salva por Daniel, tudo em doze gravuras. Dos sinais do fim do mundo, isolamos o anjo a embocar a trombeta de que fala S. Paulo, para o Dia do Juízo, e os mortos a sair das covas. Entramos, por fim, na Dança dos Mortos de que tanto falámos a propósito da *Barca da Glória*, de Gil Vicente. Da Dança dos Mortos e das lições do Ofício de Defuntos <sup>228</sup>.

Mas isso já pertence a outra freguesia. Só nos interessa, aqui, a Bíblia aos quadrinhos, à maneira de tantas revistas de hoje. E ouvimos dizer, com certo exagero, que «não há nada de novo debaixo do Sol».

XVII / A BÍBLIA NO  
*CANCIONEIRO GERAL*

«e no teu livro todos serão escritos»

(Ps., 138, 16)

Compusera Montoro uma cantiga em louvor de Isabel a Católica. Álvaro de Brito glosou-a em castelhano <sup>229</sup>, aplicando-a a Nossa Senhora, a partir deste versículo da Bíblia: «Se o céu e os céus dos céus não te podem conter»... (II *Par.*, 6, 18). Nesta e noutras passagens, através do Ofício de Nossa Senhora, parafraseadas poeticamente, encontramos, por exemplo, frases como esta: «fui criada desde o começo, antes do tempo», do *Livro do Eclesiástico*.

Nemrod, Absalão, Amnon (que forçou a sua irmã Tamar e depois a desprezou) e outras reminiscências da Bíblia salpicam as trovas de D. João Manuel, em torno dos pecados mortais. Quem fez pecar Adão?, pergunta Jorge de Aguiar. Foi Eva! Donde vieram as desgraças do mundo? Das mulheres, descendentes de Eva. Por conseguinte, lembra-te que são mulheres! <sup>230</sup>

Hoje em dia, tachamos ironicamente de Salomão qualquer sábio das dúzias. Contudo, o conde de Tarouca

relaciona, a sério, a sabedoria de D. João de Meneses com a de Salomão <sup>231</sup>. O conde de Vimioso, ao dar notícias das três Guiomares, termina uma das trovas com um versículo salmódico, em latim: *cum perverso perverteris*. Tornar-te-ás perverso com os perversos! Andar de Herodes para Pilatos, vem num vilancete de Anrique da Mota: Gasto todos os meus sapatos «d'Erodes pera Pilatos» <sup>232</sup>. E em *O Riso, o Sorriso e a Paródia na Literatura Medieval Portuguesa*, já falámos à larga do pranto parodial, à base do *Livro de Job*, pranto dum clérigo a lamentar o vinho derramado numa pipa <sup>233</sup>. Só colhemos uma vez a mesma flor.

Em certos casos, não distinguimos se um dito é da Bíblia ou do povo. Estão neste caso os versos de Afonso Valente: Bentas sejam «as fadas que vos fadaram,/as tetas que vos cryaram» <sup>234</sup>. Não disse a mulherzinha do evangelho «bem-aventurado o ventre que te trouxe e os seios em que mamaste»?

João Roiz de Sá compôs uma glosa sentimental ao mote do salmista: «Porque esperou em mim, o livrarei» <sup>235</sup>. Salta à vista que a Bíblia servia literariamente para muita coisa, até para versos de amor deste mundo.

A. Mendes de Portalegre impressiona-se com esta frase do salmista: «Pensei nos dias antigos e tive na mente os anos eternos» (*Ps.*, 76, 6). E glosa depois estes pensamentos: «dos dias que sam passados,/perdidos sem esperança», só me ficaram desenganos. E os tempos de agora também deixarão lembranças tristes <sup>236</sup>.

Bela nos parece a paráfrase de Luís Anriques ao *Ave Maris Stella*, por ocasião da peste. Tanta devoção não o impediu de pôr na boca numa mula esfomeada estes dois versos parodiantes: «Suey sangue aly no orto/com payxam» <sup>237</sup>.



Para glória de D. João de Meneses <sup>238</sup>, encontramos nele a mesma flexibilidade no uso da Bíblia, desta vez numa questão de amores. O tom parece tremendamente sério, ao interpretar a frase do *Génesis*: «porque tu és pó, e em pó te hás-de tornar». Mas em rigor, ele sorri:

Lembre-te que és de terra,  
e terra t'hás-de tornar,  
não queiras por outrem dar  
a ti mesmo tanta guerra.  
Perdoa a quem te erra,  
se de cima perdão queres,  
*quya yn cynera reverteres.*

Deixamos tal qual o latim do último verso e actualizamos a ortografia do português. E seguem alguns bons pensamentos: Não te prendas ao que passa. Será cada um julgado pelas suas obras. Não gostas de mim? A tua formosura receberá a paga de tudo, ao morreres.

Poesia mundanalmente amorosa? Não só isso. Implica uma filosofia da vida. A beleza passa e que será dela no dia da sepultura? Mas tornemos a Luís Anríques, no pranto sobre a morte do príncipe D. Afonso, sobretudo com paráfrases de versículos de Job (7, 6): «Os meus dias passaram mais depressa do que a teia é cortada pelo tecelão». Etc. Contudo, vem tudo em castelhano e diga-se o mesmo da agonia de Cristo <sup>239</sup>, em versos mandados a uma senhora de Valência.

Um pouco antes, lemos a glosa poética da ave-maria <sup>240</sup>. Quanto à sua glosa do pai-nosso <sup>241</sup>, pode o leitor ver as páginas que dela escrevemos na «Didaskalia» <sup>242</sup>.

Quem não se lembra das primeiras palavras do *Livro do Eclesiastes*? «Vaidade das vaidades. disse o Eclesiastes; vaidade das vaidades e tudo é vaidade. Que tira o homem

de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do Sol? Uma geração passa, e outra geração lhe sucede, mas a terra permanece eternamente. O Sol nasce e põe-se, e torna ao lugar donde partiu e, renascendo aí, faz o seu giro pelo medio-dia e depois se dobra para o norte». E mais adiante: «Que é o que foi? É o mesmo que há-de ser».

Este último versículo será o fulcro duma espécie de jogo ou disputa poética, em que entraram Álvaro Barreto e João Gomes <sup>243</sup>, a partir destes versos: «o al que foy e nam hé,/tanto hé como nam ser». De que serve a riqueza, se a morte ou a miséria tudo nos levam? Em certo modo, o passado existe. Os feitos de Godofredo de Bulhões, conquistador de Jerusalém, serão absolutamente nada? — Mas, responde Álvaro Barreto, olhai como eles vão à ré (quer dizer, lá muito para trás).

Deixemos esta disputa sobre o tempo, aliás entranhada na Bíblia e na sua mundividência. Pela mão de Luís da Silveira, entramos numa vigorosa poesia, *em que segue Salamam no Ecclesiastes*. Do que transcrevemos, vai tudo em ortografia moderna, para o leitor seguir melhor o pensamento essencial, para aquém e para além da filologia:

Vaidade das vaidades,  
e tudo é vaidade;  
assim passam as vontades  
co'as cousas da vontade.  
Tudo se já desejou,  
e tudo s'aborreceu,  
e tudo se já ganhou,  
e tudo se já perdeu.

E o homem que mais tem  
do trabalho a que se dá,  
a geração vai e vem,  
a terra sempr'assim está.  
As cousas naquesta vida,  
todas s'entregam por conto,  
que se cá de mor medida,  
tudo lá tem seu desconto.

Não pode ninguém dizer  
que há hi já cousa nova;  
o que foi iss'há-de ser,  
disto temos certa prova.  
Quem carece do passado  
julga pelo acidente,  
mas coitados e coitado  
d'a quem é tudo presente.

Que não lembrem os primeiros  
se não quase por história,  
tão pouco terão memória  
de nós os mais derradeiros.  
O tempo vai por compasso,  
dias, horas e momentos,  
liberal d'esquecimentos,  
de memórias mui escasso.

Eu fui rei em Jerusalém,  
precedi os d'ante mim,  
tive bens, quis grande bem,  
e em fim tudo houve fim.  
Fiz os meus olhos contentes,  
e vi o tempo senhor,  
vi lágrimas d'inocentes  
e não vi consolador.

Tive mil deleitações,  
riquezas e bens mundanos,  
em tudo achei enganos,  
dores e tribulações.  
Com trabalho os ajuntais,  
com cuidado os possuís,  
quando os tendes não dormis,  
ou vos deixam ou os deixais <sup>244</sup>.

E Luís da Silveira lá vai seguindo a Bíblia, ora para  
diante ora para trás, conforme lhe parecia melhor. E  
chegamos à passagem famosa, em que ele omitiu a frase  
*tempo de matar*, que deu o título a um romance de Ennio  
Flaiano: *Tempo di uccidere*.

As cousas seu tempo têm,  
e por seus espaços vão,  
tempo de mal, e de bem,  
tempo de sim, e de não.  
Tempo há de semear,  
e tempo há de colher,  
e tempo d'obedecer,  
e tempo para mandar.

O autor salva a ideia-mãe e o estilo breve e terso. E se  
não transcrevemos tudo, é porque o sentido dos limites  
faz a beleza das coisas. Vi, diz ele, enterrados os ruins «e  
o que delles dezião». Vi entregar à mentira os galardões  
da verdade. Vi trabalhos sem fruto, vi que ninguém  
repousa e vi fazer muito por pouca cousa. Vi perder dias  
e anos, vi os pobres sem amigos, vi em tudo mil perigos,  
mil mudanças, mil desvarios. Vi néscios ociosos ficarem  
por herdeiros dos aventos. Vi estar o mundo sujeito a  
senhores, também eles sujeitos. Choram uns pelo passado

e outros pelo presente. E assim, bem-aventurados são os que nunca nasceram.

Pusemos em relevo esta poesia, pela força do seu estilo bíblico, à base de quadros rítmicos e com as últimas estrofes unidas entre si pela mesma entrada sonora (Vi isto... Vi aquilo... Vi aqueloutro...) sem preocupações de variar. Só que o poeta acentuou, num conjunto, o que na Bíblia andava esparso, pois a expressão *eu vi* só lá aparece aqui e além. Deste modo, tomou relevo o carácter de experiência vivida e veemente do *Eclesiastes*.

Agora, talvez o leitor pergunte se não vamos para a frente, mais para aquém da Idade Média. E com D. Sebastião (faz agora quatro séculos), também eu digo: *devagar*... Ao fim e ao cabo, que importância tem um livro a mais ou a menos? O futuro está na mão de Deus. E por outro lado, «Grandes são os desertos, minha alma!» O historiador, por mais que faça, fica sempre na fímbria dum grande desconhecimento.

## NOTAS

<sup>1</sup> Afonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria* (Coimbra, 1959, 1961, 1964) n.ºs 16, 40, 49, 60, 70, 152, 210, 320, 330, 415.

<sup>2</sup> *Ib.*, n.ºs 14, 18, 23, 27, 160, 270, 337, 398, 411, 419, 423, 424, 426, 427.

<sup>3</sup> *Ib.*, n.ºs 101, 351.

<sup>4</sup> *Ib.*, n.º 351.

<sup>5</sup> *Ib.*, n.º 369.

<sup>6</sup> *Ib.*, n.ºs 45, 100, 140, 325.

<sup>7</sup> *Ib.*, n.º 420.

<sup>8</sup> *Ib.*, n.ºs 10, 288, 289, 366, 384.

<sup>9</sup> *Ib.*, n.º 352.

<sup>10</sup> *Ib.*, n.º 20, 22.

<sup>11</sup> *Ib.*, n.º 53.

<sup>12</sup> *Ib.*, n.º 103.

<sup>13</sup> Francisco de Santa Maria, *O Ceo Aberto na Terra. História das Sagradas Congregações dos Cônegos Seculares de S. Jorge em Alga de Venesa e de S. João Evangelista* (Lisboa, 1697) pp. 364-366.

<sup>14</sup> C. M. de Vasconcelos, *Cancioneiro da Ajuda*, t. 2 (Halle, 1904) p. 624.

<sup>15</sup> *Ib.*, p. 622.

<sup>16</sup> Mário Martins, em «Colóquio/Letras», n.º 31 (Lisboa, 1976) pp. 92-93, na recensão à obra de Leodegário A. de Azevedo Filho.

- <sup>17</sup> Cf. *S. Antonio Dottore della Chiesa* (Vaticano, 1947) pp. 31-60.
- <sup>18</sup> Mário Martins, *O Sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5*, em «Didaskalia», t. 3 (Lisboa, 1973) pp. 337-362; Idem, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1975) pp. 67-99.
- <sup>19</sup> Mário Martins, *Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956) pp. 379-393: *A Simbologia Mística nos nossos «Bestiários»*.
- <sup>20</sup> Sto. António, *Sermones*, ed. Locatelli, p. 333.
- <sup>21</sup> *Ib.*, p. 124.
- <sup>22</sup> *Ib.*, pp. 27, 350.
- <sup>23</sup> *Ib.*, p. 417.
- <sup>24</sup> *Ib.*, pp. 91, 185-186, 504, 685-687.
- <sup>25</sup> *Ib.*, pp. 25, 220-221.
- <sup>26</sup> *Ib.*, pp. 291-293.
- <sup>27</sup> *Ib.*, pp. 91, 732.
- <sup>28</sup> *Ib.*, pp. 116, 122, 317-318.
- <sup>29</sup> *Ib.*, pp. 112-113, 422.
- <sup>30</sup> *Ib.*, p. 435.
- <sup>31</sup> *Ib.*, p. 116.
- <sup>32</sup> *Ib.*, p. 91.
- <sup>33</sup> *Ib.*, pp. 293-294.
- <sup>34</sup> *Ib.*, pp. 64-65.
- <sup>35</sup> *Ib.*, pp. 18, 791.
- <sup>36</sup> *Ib.*, pp. 19, 29, 32.
- <sup>37</sup> *Ib.*, p. 44.
- <sup>38</sup> *Ib.*, p. 34.
- <sup>39</sup> *Ib.*, pp. 809-812.
- <sup>40</sup> *Ib.*, pp. 151-155.
- <sup>41</sup> Biblioteca Nacional de Lisboa, cód. alc. 5, fl. 135 v.
- <sup>42</sup> *Ib.*, fls. 103 v-104, 176-177.
- <sup>43</sup> *Ib.*, fls. 158 v-159.
- <sup>44</sup> *Ib.*, fl. 156-156 v.
- <sup>45</sup> *Ib.*, fls. 114-115.
- <sup>46</sup> *Ib.*, fls. 27 v-28, 36 v, 40 v-41, 112 v-113, 161 v, 138-138 v.
- <sup>47</sup> *Ib.*, fls. 161 v-162.

- <sup>48</sup> *Ib.*, fls. 94 v-95.
- <sup>49</sup> *Ib.*, fls. 120, 124.
- <sup>50</sup> *Ib.*, fls. 94 v, 132-133.
- <sup>51</sup> *Ib.*, fls. 2 v, 3, 54 v, 63.
- <sup>52</sup> Cf., na bibliografia, Abílio Martins e Cruz Pontes.
- <sup>53</sup> *O Livro da Corte Imperial* (Porto, 1910) p. 61.
- <sup>54</sup> *Ib.*, p. 131.
- <sup>55</sup> *Orto do Esposo*, t. 1 (Rio de Janeiro, 1956) pp. 2-3. Ed. de Bertil Maler. Daqui em diante, citaremos sempre este volume e edição sob a abreviatura *OE*.
- <sup>56</sup> *OE*, p. 14-36. Sobre as alegorias do *Horto do Esposo*, cf. Mário Martins, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Artísticos da Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1975) pp. 213-229.
- <sup>57</sup> *OE*, p. 12.
- <sup>58</sup> *Ib.*, p. 2.
- <sup>59</sup> *Ib.*, pp. 89-92, 264.
- <sup>60</sup> *Ib.*, p. 133.
- <sup>61</sup> *Ib.*, pp. 102-105, 120-121, 147.
- <sup>62</sup> *Ib.*, p. 130.
- <sup>63</sup> *Ib.*, p. 156, 242, 248, 249.
- <sup>64</sup> *Ib.*, p. 164.
- <sup>65</sup> *Ib.*, pp. 5, 166, 177-179.
- <sup>66</sup> *Ib.*, pp. 246, 332, 333.
- <sup>67</sup> *Ib.*, p. 334.
- <sup>68</sup> *Ib.*, p. 19.
- <sup>69</sup> *Ib.*, pp. 21, 23.
- <sup>70</sup> *Ib.*, p. 25.
- <sup>71</sup> *Ib.*, p. 26.
- <sup>72</sup> *Ib.*, pp. 31, 35.
- <sup>73</sup> *Ib.*, pp. 37-38, 42.
- <sup>74</sup> *Ib.*, pp. 46-48.
- <sup>75</sup> *Ib.*, pp. 48-49.
- <sup>76</sup> *Ib.*, pp. 51-52.
- <sup>77</sup> *Ib.*, pp. 53, 59-72.
- <sup>78</sup> *Ib.*, pp. 73, 75-77.
- <sup>79</sup> D. João I, *Livro da Montaria* (Coimbra, 1918) p. 346.
- <sup>80</sup> *Ib.*, p. 185.



- <sup>81</sup> Mário Martins, *Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956), pp. 93 e sgs.
- <sup>82</sup> D. João I, *op. cit.*, p. 2.
- <sup>83</sup> *Ib.*, p. 18.
- <sup>84</sup> *Ib.*, pp. 32-33.
- <sup>85</sup> *Ib.*, p. 49.
- <sup>86</sup> *Ib.*, p. 92.
- <sup>87</sup> *Ib.*, p. 108.
- <sup>88</sup> *Ib.*, p. 193.
- <sup>89</sup> *Ib.*, p. 226.
- <sup>90</sup> *Ib.*, pp. 330-331.
- <sup>91</sup> Mário Martins, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1975) pp. 231-238.
- <sup>92</sup> J. Mendes de Castro, *A Bíblia no «Leal Conselheiro»*, em «Didaskalia», t. 1 (Lisboa, 1971) pp. 251-261.
- <sup>93</sup> D. Duarte, *Leal Conselheiro* (Lisboa, 1942) p. 13. Ed. Piel.
- <sup>94</sup> *Ib.*, p. 12. Cf. também pp. 36, 37, 48, 117, 118, 120, 150, 282, 309, etc. Nalguns destes casos, nenhuma referência à Bíblia, embora saibamos que a ela pertencem.
- <sup>95</sup> *Ib.*, p. 290.
- <sup>96</sup> *Ib.*, pp. 48, 50, 110, 150, 350.
- <sup>97</sup> *Ib.*, p. 123.
- <sup>98</sup> *Ib.*, pp. 55-56.
- <sup>99</sup> *Ib.*, pp. 139-140.
- <sup>100</sup> *Ib.*, p. 264.
- <sup>101</sup> *Ib.*, pp. 346-347. Cf. Mário Martins, *O Pai-Nosso na Literatura Portuguesa, até Gil Vicente*, em «Didaskalia», t. 6 (Lisboa, 1976) pp. 237-262.
- <sup>102</sup> D. Duarte, *Livro da Enseñança de Bem Cavalgar toda Sela* (Lisboa, 1944) pp. 89-92. Ed. Piel.
- <sup>103</sup> *Ib.*, pp. 94-95.
- <sup>104</sup> *Ib.*, p. 134.
- <sup>105</sup> Cf. A. J. Dias Dinis, *Ainda sobre a identidade de Frei João Verba*, em «Itinerarium», t. 3 (Braga, 1957) pp. 479-490
- <sup>106</sup> Mário Martins, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1975) pp. 239-245.
- <sup>107</sup> *O Livro da Virtuosa Benfeitoria* (Porto, 1946) p. 242 .

- <sup>108</sup> *Ib.*, p. 28. Cf. também pp. 72-73.
- <sup>109</sup> *Ib.*, pp. 56, 85, 113, 114, 119, etc.
- <sup>110</sup> *Ib.*, p. 238.
- <sup>111</sup> *Ib.*, p. 54.
- <sup>112</sup> *Ib.*, p. 306.
- <sup>113</sup> *Ib.*, p. 262.
- <sup>114</sup> *Ib.*, p. 118.
- <sup>115</sup> *Ib.*, p. 249.
- <sup>116</sup> *Ib.*, p. 26.
- <sup>117</sup> Cf. Mário Martins, *O Pai-Nosso na Literatura Portuguesa, até Gil Vicente*, em «Didaskalia», t. 6 (Lisboa, 1976) pp. 237-262. Sobre a *Virtuosa Benfeitoria*, fala nas pp. 244-246.
- <sup>118</sup> *O Livro da Virtuosa Benfeitoria*, ed. cit., pp. 201-203.
- <sup>119</sup> Mário Martins, *Estudos de Cultura Medieval*, t. 2 (Braga, 1972) pp. 24-32.
- <sup>120</sup> Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro I* (Porto, 1965), p. 157.
- <sup>121</sup> *Ib.*, p. 51.
- <sup>122</sup> *Idem, Crónica de D. Fernando* (Porto, 1966) p. 3.
- <sup>123</sup> *Ib.*, pp. 296, 319, 418, 475, 476.
- <sup>124</sup> Mário Martins, *O Juramento sobre a Hóstia, em Fernão Lopes e na Batalha de Alfarrobeira*, em «Revista Portuguesa de História», t. 16 (Coimbra, 1978) pp. 297-302.
- <sup>125</sup> Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, t. 1 (Porto, 1945) p. 324.
- <sup>126</sup> *Ib.*, p. 9.
- <sup>127</sup> *Ib.*, pp. 262, 308, 310, 316-319.
- <sup>128</sup> *Ib.*, pp. 400, 425, 427.
- <sup>129</sup> Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, t. 2 (Porto, 1949) p. 103.
- <sup>130</sup> *Ib.*, t. 1 (Porto, 1945) pp. 47, 80, 86, 263.
- <sup>131</sup> *Ib.*, p. 225.
- <sup>132</sup> *Ib.*, p. 305.
- <sup>133</sup> *Ib.*, t. 2, ed. cit., p. 453.
- <sup>134</sup> *Ib.*, pp. 122-129, 203, 451.
- <sup>135</sup> Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta* (Lisboa, 1915) pp. 4-6.
- <sup>136</sup> *Ib.*, p. 7.

- <sup>137</sup> *Ib.*, p. 31.
- <sup>138</sup> *Ib.*, pp. 36-37, 47.
- <sup>139</sup> *Ib.*, p. 65.
- <sup>140</sup> *Ib.*, p. 66.
- <sup>141</sup> *Ib.*, p. 81. No texto vem *feito ao Senhor* o que é erro manifesto.
- <sup>142</sup> *Ib.*, pp. 92, 120-121, 126.
- <sup>143</sup> *Ib.*, p. 136.
- <sup>144</sup> *Ib.*, p. 138.
- <sup>145</sup> *Ib.*, p. 139.
- <sup>146</sup> *Ib.*, p. 140.
- <sup>147</sup> *Ib.*, pp. 148, 158, 160, 156-164.
- <sup>148</sup> *Ib.*, pp. 199-202.
- <sup>149</sup> *Ib.*, pp. 253-256.
- <sup>150</sup> Adelino de Almeida Calado, *Uma Versão Quatrocentista de Sermões Pseudo-Augustinianos* (Coimbra, 1956), sep. do «Arquivo de Bibliografia Portuguesa»; Idem, *Subsídios para a Bibliografia do Infante Santo* (Coimbra, 1958), sep. do «Arquivo de Bibliografia Portuguesa», ano III, n.ºs 13-14; Idem, *Frei João Álvares* (Coimbra, 1964); Mário Martins, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1975) pp. 263-269.
- <sup>151</sup> Frei João Álvares, *Obras*, t. 1 (Coimbra, 1960) pp. 1-2, 4, 5. Ed. por A. de Almeida Calado.
- <sup>152</sup> *Ib.*, pp. 17, 53, 60.
- <sup>153</sup> *Ib.*, p. 79.
- <sup>154</sup> *Ib.*, pp. 101 e segs.
- <sup>155</sup> Idem, *ib.*, t. 2 (Coimbra, 1959), p. 1.
- <sup>156</sup> *Ib.*, pp. 2-3.
- <sup>157</sup> *Ib.*, p. 92.
- <sup>158</sup> *Ib.*, p. 92.
- <sup>159</sup> *Ib.*, p. 93.
- <sup>160</sup> *Ib.*, pp. 98-99.
- <sup>161</sup> *Ib.*, pp. 157-158.
- <sup>162</sup> *Ib.*, p. 161.

- <sup>163</sup> D. Duarte, *Leal Conselheiro* (Lisboa, 1942) pp. 109-110.
- <sup>164</sup> *Inéditos de Alcobça*, t. 1 (Coimbra, 1829) pp. 173-242.
- <sup>165</sup> *Ib.*, pp. 173-174.
- <sup>166</sup> *Ib.*, pp. 175, 178, 179, 180, 189.
- <sup>167</sup> *Ib.*, p. 184.
- <sup>168</sup> *Ib.*, p. 201.
- <sup>169</sup> *Ib.*, p. 205.
- <sup>170</sup> *Ib.*, p. 207.
- <sup>171</sup> *Ib.*, p. 196.
- <sup>172</sup> *Ib.*, pp. 198, 201.
- <sup>173</sup> *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, t. 3 (Coimbra, 1913) pp. 72-74.
- <sup>174</sup> *Inéditos de Alcobça*, t. 1, (Coimbra, 1829). p. 7. Ed. por Frei Fortunato de S. Boaventura.
- <sup>175</sup> Mário Martins, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Mosteiro de Singeverga, 1951); A. D. de Sousa Costa, *Mestre André Dias de Escobar, Figura Ecuménica do Séc. XV*, (Roma/Porto, 1967). Com vasta bibliografia.
- <sup>176</sup> Mário Martins, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias*, ed. cit., p. 89.
- <sup>177</sup> *Ib.*, pp. 90-103.
- <sup>178</sup> *Ib.*, pp. 114-122. Cf. também pp. 94-95.
- <sup>179</sup> *Ib.*, p. 44.
- <sup>180</sup> *Ib.*, p. 256.
- <sup>181</sup> *Ib.*, pp. 35, 36, etc.
- <sup>182</sup> *Ib.*, p. 270.
- <sup>183</sup> *Ib.*, pp. 271-272.
- <sup>184</sup> *Ib.*, p. 269.
- <sup>185</sup> *Ib.*, p. 258.
- <sup>186</sup> *Ib.*, p. 159.
- <sup>187</sup> Mário Martins, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa* (Lisboa, 1975), pp. 271-283, onde apontamos mais bibliografia.
- <sup>188</sup> *Boasco Deleitoso* (Rio de Janeiro, 1950), n.º 11. Ed. de Aug. Magne. A primeira edição foi em Lisboa, 1515, por Hermão de Campos. Os números são da responsabilidade do P.º Magne e tornam mais fácil a consulta.

- <sup>189</sup> *Ib.*, n.os 9, 42, 48.
- <sup>190</sup> *Ib.*, n.º 56.
- <sup>191</sup> *Ib.*, n.os 57, 63-66, 70, 75, 92-95, etc.
- <sup>192</sup> *Ib.*, n.º 120.
- <sup>193</sup> *Ib.*, n.º 616.
- <sup>194</sup> *Ib.*, n.º 677.
- <sup>195</sup> *Ib.*, n.º 666.
- <sup>196</sup> *Ib.*, n.º 696.
- <sup>197</sup> *Ib.*, n.º 697
- <sup>198</sup> *Ibidem.*
- <sup>199</sup> *Ib.*, n.os 715-717.
- <sup>200</sup> *Ib.*, n.º 724.
- <sup>201</sup> *Ib.*, n.º 726.
- <sup>202</sup> *Ib.*, n.º 730.
- <sup>203</sup> *Ib.*, n.º 743, 744.
- <sup>204</sup> Mário Martins, *O Sermonário de Frei Paio de Coimbra*, em «Didaskalia», t. 3 (Lisboa, 1973), pp. 337-361; Idem, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa*, (Lisboa, 1975), pp. 101-104.
- <sup>205</sup> Salvador Dias Arnaut, *A Crise Nacional dos Fins do Século XIV*, t. 1 (Coimbra, 1960), pp. 471-474.
- <sup>206</sup> Mário Martins, *Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956), pp. 93 e segs.
- <sup>207</sup> D. Duarte, *Leal Conselheiro*, (Lisboa, 1942), p. 415. Ed. Piel.
- <sup>208</sup> Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, t. 2 (Porto, 1949), p. 2.
- <sup>209</sup> D. Duarte, *Leal Conselheiro*, ed. cit., pp. 109-110.
- <sup>210</sup> A. de Magalhães Basto, *Memórias soltas e inventários do oratório de S. Clemente das Penhas e do Mosteiro de N. Senhora da Conceição de Matozinhos, dos Séculos XIV e XV, por Frei João da Póvoa e outros*, (Porto, 1940), p. 73.
- <sup>211</sup> *Ib.*, p. 63.
- <sup>212</sup> Mário Martins, *Estudos de Cultura Medieval*, t. 2 (Braga, 1972), pp. 131-149, 151-170.

<sup>213</sup> Cf. *Inéditos de Alcobaça*, t. 1, (Coimbra, 1829), pp. 21-128; Mário Martins, *Estudos de Cultura Medieval*, t. 2 (Braga, 1972), pp. 171-206.

<sup>214</sup> *Inéditos de Alcobaça*, t. 2 (Coimbra, 1829), pp. 1-299; t. 3 (Coimbra, 1829), pp. 3-211; *Histórias d'abreviado Testamento Velho, segundo o Mestre das Histórias Scolásticas*, (Rio de Janeiro, 1958). Texto apurado por Serafim de Silva Neto.

<sup>215</sup> Publicada por J. Mendes de Castro, em «Didaskalia», t. 3 (Lisboa, 1973), pp. 93-131, com uma introdução (*ib.*, pp. 83-92) e o título geral: *Versão Medieval Inédita do livro de Job*.

<sup>216</sup> *Ib.*, p. 108.

<sup>217</sup> Mário Martins, *Guia Geral das Horas del-rei D. Duarte*, (Lisboa, 1971), pp. 175-193, no capítulo: *Salmos Penitenciais, Ofício de Defuntos e Gil Vicente*.

<sup>218</sup> *Ib.*, pp. 165-169.

<sup>219</sup> Bibl. Nac. de Lisboa, Ilum. 4, fl. 44-44v.

<sup>220</sup> *Horas de Nossa Senhora*, (Paris, 1500), fls. 21 e segs. Também lhe chamaremos *Livro de Horas de Frei João Claro*.

<sup>221</sup> *Ib.*, fl. 47-47v.

<sup>222</sup> *Ib.*, fls. 28-29.

<sup>223</sup> *Ib.*, fl. 25.

<sup>224</sup> *Ib.*, fl. 84v.

<sup>225</sup> A. A. Tavares, *Palavras Hebraicas e Hebraísmos na Língua Portuguesa*, em «Didaskalia», t. 6 (Lisboa, 1976), pp. 95-121.

<sup>226</sup> Mário Martins, *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte*, t. 2 (Braga, 1969), p. 106.

<sup>227</sup> Anne de Egry, *O Apocalipse de Lorrão*, (Lisboa, 1972); *Les Jours de l'Apocalypse*, publicações «Zodiaque», 1967. Ambas as obras, com belas reproduções, algumas delas a cores.

<sup>228</sup> Cf. Mário Martins, *Guia Geral das Horas del-rei D. Duarte*, (Lisboa, 1971), pp. 175-193, no cap. 14: *Salmos penitenciais, Ofício de Defuntos e Gil Vicente*, Idem, *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte*, t. 2 (Braga, 1969), pp. 244-276: *Gil Vicente e as Gravuras dos Livros de Horas*.

<sup>229</sup> *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, t. 1 (Coimbra, 1910), pp. 288-293. Daqui em diante, citaremos sempre esta

edição. O t. 2 tem a mesma data. O t. 3 saiu em 1913. O t. 4, em 1915. E o t. 5, em 1917.

<sup>230</sup> *Ib.*, t. 2, pp. 64-66, 151.

<sup>231</sup> *Ib.*, p. 220.

<sup>232</sup> *Ib.*, t. 5, p. 195.

<sup>233</sup> *Ib.*, pp. 195-202.

<sup>234</sup> *Ib.*, p. 389.

<sup>235</sup> *Ib.*, t. 3, pp. 276-277.

<sup>236</sup> *Ib.*, t. 5, pp. 170-172.

<sup>237</sup> *Ib.*, t. 3, pp. 72-74; t. 5, p. 237.

<sup>238</sup> *Ib.*, t. 1, p. 154.

<sup>239</sup> *Ib.*, t. 3, pp. 61-65, 74-81.

<sup>240</sup> *Ib.*, p. 69.

<sup>241</sup> *Ib.*, pp. 81-83.

<sup>242</sup> Mário Martins, *O Pai-Nosso na Literatura Portuguesa, até Gil Vicente*, em «Didaskalia» t. 6 (Lisboa, 1976), pp. 237-262.

<sup>243</sup> *Cancioneiro Geral*, t. 1, pp. 329-333.

<sup>244</sup> *Ib.*, t. 3, pp. 310-311.

## BIBLIOGRAFIA

- ADRIANO DE CARVALHO, José, *A Poesia Sacra de D. Francisco Manuel de Melo*, em «Arquivos do Centro Cultural Português», t. 8 (Paris, 1974) pp. 295-404, com a respectiva bibliografia.
- Idem e PINA MARTINS, José V. de, *Sá de Miranda entre a Poesia e a Bíblia* (Paris, 1976).
- ALFONSO el Sabio, *General Estoria*, primeira parte (Madrid, 1930), segunda (Madrid, 1957, 1961) em dois vols. Ed. por Solalinde. Cf. *General Estoria* (versão galega).
- ALMEIDA CALADO, Adelino de, *Subsídios para a Bibliografia do Infante Santo* (Coimbra, 1958).
- ARNALDICH, Luís, *Los Estudios Bíblicos en España* (Madrid, 1957).
- AUTOS DOS APOSTOLLOS (Lisboa, 1505), por Bernardo de Brihuega, às ordens de Afonso X, o Sábio. No final de impressão, por Valentim Fernandes, as epístolas de S. Tiago, S. Pedro, S. João e S. Judas Tadeu, em português.
- BELCHIOR PONTES, Maria de Lourdes, *Os Homens e os Livros. Séculos XVI e XVII* (Lisboa, 1971).
- Idem, *Frei António das Chagas* (Lisboa, 1953).
- BENNETT, R. F., *The Early Dominicans* (Cambridge, 1937).
- BERNARDO DE BRIHUEGA. Cf. *Autos dos Apostollos*.



- BÍBLIA (versões castelhanas da). Cf. Arnaldich, *op. cit.*, pp. 69-75. Uma delas foi a do rabino português Abraão Usque, ajudado por Tobias Athias: *Bíblia en Lengua Española. Traducida Palabra por Palabra de la Verdad Hebraica, por muy Excelentes Letrados en Ferrara* (Ferrara, 1553).
- BÍBLIA DE LAMEGO. Cf. a introdução à *Versão Medieval Inédita do Livro de Job*, por J. Mendes de Castro, em «Didaskalia», t. 3 (Lisboa, 1973) pp. 83 e sgs.
- BÍBLIA MEDIEVAL ROMANCEADA JUDIO-CRISTIANA (Madrid, 1950). Ed. por José Llamas, O. S. A.
- CAEIRO, F. da Gama, *Santo António de Lisboa*, t. 1 (Lisboa, 1967), t. 2 (Lisboa, 1969).
- Idem, *Santo António de Lisboa e o «Cântico dos Cânticos»*, em «Revista da Faculdade de Letras» (Lisboa, série 3, n.º 8).
- Idem, *Natureza e Símbolo em Santo António de Lisboa*, em «Revista da Faculdade de Letras» (Lisboa, série 3, n.º 8).
- CRAIG, Hardin, *English Religious Drama of the Middle Ages* (Oxford, 1955).
- CRUZ, S. J., Luís da, *Davidis Psalmi CL*, (Ingolstadii, 1597).
- CRUZ PONTES, J. M. da, *Estudo para uma Edição Crítica da «Corte Imperial»* (Coimbra, 1957).
- DONOVAN, Richard B., *Liturgical Drama in Medieval Spain* (Toronto, 1958).
- DRIVER, S. R., *An Introduction of the Old Testament*, (Nova Iorque, 1956).
- EVANGELHOS E EPÍSTOLAS CON SUAS EXPOSIÇÕES EN ROMANCE (Porto, 1497).
- FORTUNATO DE S. BOAVENTURA, Frei, *Commentariorum de Alcobacensi Manuscriptorum Bibliotheca Libri Tres* (Coimbra, 1827).
- Idem, *História Chronológica e Crítica da Real Abbadia de Alcobça* (Lisboa, 1827). Cf. também *Inéditos Portuguezes*.
- FRÈCHES, Claude-Henri, *Le Théâtre Néo-Latin au Portugal* (Paris/Lisboa, 1964).
- FREITAS DE CARVALHO, José Adriano, *No Texto do Cancioneiro de Corte e de Magnates: Os Psalmos Penitenciaes de*

- D. Jorge Soto Mayor*, em «Annali dell'Instituto Universitario Orientale» (Nápoles, 1976).
- GENERAL ESTORIA. VERSIÓN GALLEGA DEL SIGLO XIV (Oviedo, 1963). Ed. por Ramón Martínez-López. Cf. Alfonso el Sabio.
- GERARDO DE FRACHET, Frei, *Vitae Fratrum* (Lovaina, 1896).
- GLASER, Edward, *Miguel da Silveira's «El Macabeo»* (Lisboa, 1958).
- GLASS, H. A., *The Story of the Psalters. A History of the Metrical Versions of Great Britain and America, from 1549 to 1885* (Londres, 1888).
- GRANDES POLÉMICAS PORTUGUEASAS, t. 1 (Lisboa, 1964).
- HISTÓRIAS D'ABREVIADO TESTAMENTO VELHO, SEGUNDO O MEESTRE DAS HISTÓRIAS SCOLÁSTICAS (Rio de Janeiro, 1958). Ed. por Serafim da Silva Neto, com introdução.
- HOLLAND, J., *The Psalmists of Great Britain* (Londres, 1843).
- INÉDITOS PORTUGUEZES DOS SÉCULOS XIV E XV, *Collecção de* (Coimbra, 1829). Ed. em três vols., por Frei Fortunato de S. Boaventura.
- JEANNERET, M. de, *Poésie et Tradition Biblique au XVI<sup>e</sup> Siècle. Recherches Stylistiques sur les Paraphrases des Psaumes de Marot à Malherbe* (Paris, 1969).
- LEBLANC, P., *Les Paraphrases françaises des Psaumes à la fin de la période baroque* (Paris, 1960).
- MAGALHÃES BASTO, A. de, *Memórias soltas e inventários... por Frei João da Póvoa e outros* (Porto, 1940).
- MARTINS, Abílio, *Originalidade e Ritmo na «Corte Imperial»*, em «Brotéria», t. 26 (Lisboa, 1938) pp. 368-376.
- Idem, *Literatura Judaica e a «Corte Imperial»*, em «Brotéria», t. 31 (Lisboa, 1940) p. 15-24.
- MARTINS, Mário, *Estudos de Literatura Medieval* (Braga, 1956).
- Idem, *Ladainhas de Nossa Senhora em Portugal* (Lisboa, 1961).

- Idem, *Laudes e Cantigas Espirituais de Mestre André Dias* (Mosteiro de Singeverga, 1951).
- Idem, *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte* (Braga, 1969). Dois volumes.
- Idem, *Estudos de Cultura Medieval*, t. 1 (Lisboa, 1969), t. 2 (Braga, 1972).
- Idem, *Guia Geral das Horas del-rei D. Duarte* (Lisboa, 1971).
- Idem, *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais...* (Lisboa, 1975).
- Idem, *O Riso, o Sorriso e a Paródia na Literatura Medieval Portuguesa de Quatrocentos* (Lisboa, 1978). Cf. a paródia do sagrado, nestas páginas.
- Idem, *D. João de Castro e os Problemas Religiosos do Mar Vermelho*, em «Lusitania Sacra», t. 9 (Lisboa, 1972) pp. 117-128.
- Idem, *O Ritmo em Samuel Usque*, em «Brotéria», t. 25 (Lisboa, 1937) pp. 34-41.
- Idem, «*Babel e Sião*», de *Camões*, e o *Pseudo-Jerónimo*, em «Brotéria», t. 52 (Lisboa, 1951) pp. 391-401.
- Idem, *O Sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5/CXXX*, em «Didaskalia», t. 3 (Lisboa, 1973) pp. 337-361.
- Idem, *O Pai-Nosso na Literatura Portuguesa, até Gil Vicente*, em «Didaskalia», t. 6 (Lisboa, 1976) pp. 237-262.
- MENDES DE CASTRO, J., *A Bíblia no «Leal Conselheiro»*, em «Didaskalia», t. 1 (Lisboa, 1971) pp. 251-261.
- Idem, *Versão Medieval Inédita do Livro do Job*, em «Didaskalia», t. 3 (Lisboa, 1973) pp. 83-131. Introdução, pp. 83-92.
- MENÉNDEZ Y PELAYO, *Estudios y Discursos de Crítica Histórica y Literaria* (Santander, 1941/1942). Sete volumes.
- MILLÁS VALLICROSA, José María, *La Poesía Sagrada Hebraicoespañola* (Madrid, 1940).
- PAZ Y MELLA, A., *La Biblia de la Casa de Alba*, em *Homenaje a Menéndez y Pelayo*, t. 2 (Madrid, 1899). Trata-se da Bíblia traduzida em castelhano por Rabi Mosé Arragel de Guadalfajara (1422-1433).

- PETRARCA, Francesco, *Psalmi Penitentiales* (com várias edições e traduções, uma delas em português, por L. Craveiro da Silva, Porto, 1943).
- PINA MARTINS. Cf. Adriano de Carvalho.
- PINTO DELGADO, *Poema de La Reina Ester, Lamentaciones del Profeta Jeremías, Historia de Rut y varias poesías* (Lisboa, 1954). Introdução de I. S. Révah.
- REBELLO, Luiz F., *O Primitivo Teatro Português* (Lisboa, 1977).
- RIBEIRO DOS SANTOS, António, *Memória sobre algumas Traduções, e Edições Bíblicas menos vulgares, em Língua Portuguesa, especialmente as Obras de João Ferreira de Almeida, em Memórias de Literatura Portuguesa*, t. 7 (Lisboa, 1806) pp. 17-59.
- RICARD, Robert, *Études sur l'Histoire Morale et Religieuse du Portugal* (Paris, 1970): *Le «Leal Conselheiro» du roi D. Duarte de Portugal*, pp. 62-86; *L'Infant D. Pedro de Portugal et «O Livro da Virtuosa Bemfeitoria»*, pp. 87-136.
- SAMUELE, Doimi, *Le Scienze Naturali in S. Antonio*, em *S. Antonio Dottore della Chiesa* (Cidade do Vaticano, 1947) pp. 437-459.
- SED-RAJNA, Gabrielle, *Manuscrits Hébreux de Lisbonne. Un atelier de copistes et d'enlumineurs au XV<sup>e</sup> siècle* (Paris, 1970).
- SILVA NETO, Serafim da, *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas* (Rio de Janeiro, 1956).
- SMALLEY, Beryl, *The Study of the Bible in the Middle Ages* (Oxford, 1941).
- SOUSA COSTA, António D. de, *Mestre André Dias de Escobar, Figura Ecuménica do Séc. XV* (Roma/Porto, 1967).
- TAVARES, A. A., *Palavras Hebraicas e Hebraísmos na Língua Portuguesa*, em «Didaskalia», t. 6 (Lisboa, 1976) pp. 95-121.
- USQUE, Samuel, *Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel* (Coimbra, 1906 e 1908). Ed. e estudo de Mendes dos Remédios, em três volumes, os dois primeiros editados em 1906.
- VASCONCELOS, C. M. de, *Cancioneiro da Ajuda*, t. 2 (Halle, 1904).

WADDELL, Helen, *The Wandering Scholars* (Nova Iorque, 1955).  
YOUNG, Karl, *The Drama of the Medieval Church* (Oxford, 1933). Dois volumes.